



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

Faculdade de Filosofia e Ciências - Câmpus de Marília
Departamento de Ciência da Informação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

MIRIAM FERNANDES DE JESUS

**A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NA REDE DE BIBLIOTECAS
ESCOLARES DO SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA DE SÃO PAULO**

Uma reflexão e análise sobre a ação integrada entre
bibliotecários e professores

Marília
2020



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

Faculdade de Filosofia e Ciências - Câmpus de Marília
Departamento de Ciência da Informação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

MIRIAM FERNANDES DE JESUS

A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NA REDE DE BIBLIOTECAS ESCOLARES DO SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA DE SÃO PAULO

Uma reflexão e análise sobre a ação integrada entre
bibliotecários e professores

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de Marília, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Marcondes Castro Filho.

Área de concentração: Informação, Tecnologia e Conhecimento.

Linha de Pesquisa: Gestão, Mediação e Uso da Informação.

Marília
2020

J58c Jesus, Miriam Fernandes de.
A Competência em Informação na Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo: uma reflexão e análise sobre a ação integrada entre bibliotecários e professores / Miriam Fernandes de Jesus. -- , 2020.
123 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília.
Orientador: Claudio Marcondes de Castro Filho.

1. Rede de Bibliotecas Escolares. 2. Competência em Informação. 3. Atividades de Suporte a Aprendizagem. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.
Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. Dados
fornecidos pelo autor(a).

MIRIAM FERNANDES DE JESUS

A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NA REDE DE BIBLIOTECAS ESCOLARES DO SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA DE SÃO PAULO

Uma reflexão e análise sobre a ação integrada entre bibliotecários e professores

BANCA EXAMINADORA:

Claudio Marcondes de Castro Filho (Orientador)

Universidade de São Paulo (USP) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de
Ribeirão Preto-SP/Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Programa de Pós-
Graduação em Ciência da Informação - Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília-
SP.

Profa. Dra. Regina Célia Baptista Belluzzo (Membro titular)

Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da
Informação - Faculdade de Filosofia e Ciências –
Câmpus de Marília-SP.

Profa. Dra. Marta Leandro da Mata (Membro titular)

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) – Departamento de Biblioteconomia.

Profa. Dra. Tamara Souza Brandão Guaraldo (Membro suplente)

Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da
Informação - Faculdade de Filosofia e Ciências –
Câmpus de Marília-SP.

Profa. Dra. Marília de Abreu Martins de Paiva (Membro suplente)

Universidade Federal da Paraíba (UFPB) - Departamento de Organização e Tratamento
da Informação.

Marília,
2020

Um livro é a prova de que os
homens são capazes de fazer magia.

Sagan

AGRADECIMENTOS

Não existem palavras para expressar minha gratidão aos professores que estiveram presentes em minha vida acadêmica, aos amigos que me incentivaram e me apoiaram durante toda essa jornada e a minha família que sempre acreditou no meu potencial me motivando a alcançar meus objetivos.

Aos profissionais da Rede Escolar do SESI-SP meus sinceros agradecimentos por abrirem as portas dessa estimada instituição me permitindo vivenciar essa pesquisa de forma tão intensa.

E sem delongas, às forças superiores – que acredito existirem – meu agradecimento sincero por mais um ciclo finalizado.

JESUS, Miriam Fernandes de. **A competência em informação na Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo**: uma reflexão e análise sobre a ação integrada entre bibliotecários e professores. Orientador: Cláudio Marcondes Castro Filho. 2019. 123f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília, 2020.

RESUMO

As organizações e centros de informação se modificam e se expandem para acompanhar as novas tendências tecnológicas, nesse acelerado mundo digital, a informação nunca se fez tão necessária para os diversos públicos que a biblioteca escolar atende. Destarte, buscou-se experiências em redes de bibliotecas escolares que pudessem contribuir para a criação de uma estrutura física e conceitual dessas organizações. A indagação inicial é se os estudantes conseguem desenvolver a competência em informação através da parceria realizada entre professores e bibliotecário. Observou-se que a Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo possuía características propícias para contribuir com essa investigação. Dessa forma, o objetivo geral é analisar as atividades de suporte a aprendizagem desenvolvidas em parceria entre professor e bibliotecário, que buscam aprofundar as competências em informação nos estudantes da Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo. Especificamente, buscou-se: a) contextualizar as redes bibliotecas escolares no Brasil, descrevendo suas características e importância nas escolas contemporâneas; b) descrever a participação do bibliotecário escolar para o desenvolvimento da competência em informação nos estudantes; c) identificar as atividades de suporte a aprendizagem existentes nos Portfólios das bibliotecas que visam desenvolver a competência em informação nos estudantes; d) verificar de que forma as atividades de suporte a aprendizagem são planejadas, desenvolvidas e avaliadas pelos bibliotecários; e) discutir a contribuição das atividades de suporte a aprendizagem na formação de competências em informação nos estudantes. Para tanto, esta pesquisa foi desenvolvida de forma exploratória e abordagem qualitativa. Optou-se pela metodologia estudo de caso, com o uso de três métodos para coleta de dados: o grupo focal com bibliotecários da Rede de Bibliotecas escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo, análise dos portfólios produzidos pelos pesquisados e entrevista com a bibliotecária responsável pelas orientações técnicas das redes. Após a coleta e análise dos dados, pode-se afirmar que as atividades são planejadas e desenvolvidas de maneira assertiva, utilizam diversos recursos físicos e tecnológicos e ampliam a utilização qualitativa da biblioteca escolar. Constata-se que a parceria entre professor e bibliotecário propicia o aprimoramento de habilidades no uso da informação, bem como, da competência em informação. Sugere-se assim, que esse modelo de rede de bibliotecas escolares seja implantado nas escolas públicas e privadas de todo Brasil, iniciando um forte movimento em prol do aprimoramento de habilidades no uso da informação, bem como, da competência em informação.

Palavras-chave: Rede de Bibliotecas Escolares. Competência em Informação. Atividades de Suporte a Aprendizagem.

JESUS, Miriam Fernandes de. **Information competence in the Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo**: a reflection and analysis on the integrated action between librarians and teachers. Advisor: Cláudio Marcondes Castro Filho. 2019. 123f. Dissertation (Master in Information Science) - Graduate Program in Information Science - Faculty of Philosophy and Sciences - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília, 2020.

ABSTRACT

Organizations and information centers modify and expand in order to keep up with the latest technological trends, in this fast digital world, information has never been so necessary to the different kinds of public served by the school library. Thus, experiences were carried out in a chain of school libraries that could contribute with the creation of a physical and conceptual structure of those organizations. The initial inquiry was whether students would be able to develop information literacy through the partnership established between teachers and librarians. It was found that *Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo* had the ideal characteristics to contribute with that investigation. Consequently, the main goal is to analyse the supporting activities developed in the partnership between teachers and librarians, that aim to enhance information literacy in students of *Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo*. It was specifically aimed at – a) contextualizing all the school libraries in Brazil, by describing their characteristics and importance to the contemporary schools; b) describing the participation of school librarians in the development of information literacy in the students; c) identifying existing activities in the library portfolio that can help develop information literacy in the students; d) verifying how the activities that help in the learning process are planned, developed and assessed by the librarians; e) discussing the contribution of activities that help in the learning process of the acquisition of information literacy by the students. Therefore, this research was conducted as exploratory and with a qualitative approach. The methodology chosen was case study, and three methods of data collection were used: The focus group with librarians at *Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social de São Paulo*, the analysis of the portfolio produced by those surveyed and an interview with the librarian in charge of the technical orientation of the whole system. After the analysis and collection of data, it can be said that the activities are planned and carried out in an assertive way, many physical and technological resources are applied, thus extending the qualitative use of the school library. It is found that the partnership between teacher and librarians enables of the improvement of skills in the use of information, as well as of information literacy. It is suggested that this school library model is implemented in public and in private schools all over Brazil, thus starting a strong movement towards an improvement in the use of information, as well as of information literacy.

Keywords: School Libraries, Information Literacy. Learning Process Supporting Activities.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Ciclo informacional.....	32
Figura 2	Inter-relação do uso da Biblioteca Escolar.....	39

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Objetivos estabelecidos pela IFLA para redes de bibliotecas escolares.....	18
Quadro 2	Relação de CATs e escolas subsidiadas.....	23
Quadro 3	Principais contribuições dos autores (redes de bibliotecas escolares).....	30
Quadro 4	O estudante competente em informação.....	40
Quadro 5	Principais contribuições dos autores (CoInfo).....	43
Quadro 6	Principais contribuições dos autores (procedimentos metodológicos).....	53
Quadro 7	Caracterização do Grupo Focal.....	65
Quadro 8	Informações introdutórias dos portfólios.....	85
Quadro 9	Atividades Seleccionadas dos Portfólios inter-relação com habilidades propostas pela <i>American Association of School Librarians</i> (1998, tradução nossa).....	88
Quadro 10	Pontos forte e fracos da Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo.....	100
Quadro 11	Principais contribuições dos autores (análise dos dados).....	102

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALA	<i>American Library Association</i>
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BE	Biblioteca escolar
BRAPCI	Bade de Dados em Ciência da Informação
CAT	Centro de Atividades
CE	Centro Educacional
CoInfo	Competência em Informação
DPC	Discussão Pedagógica Coletiva
EEB	Empréstimo entre bibliotecas
IFLA	<i>International Federation of Library Associations</i>
LIE	Laboratório de Informática Educacional
REBI	Rede Escolar de Bibliotecas Interativas
RH	Recursos Humanos
SESI	Serviço Social da Indústria
SMED/BH	Secretária Municipal de Educação de Belo Horizonte
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 REDE DE BIBLIOTECAS ESCOLARES: objetivos, padrões e características.....	14
2.1 Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo: da criação às bibliotecas.....	22
3 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO	32
3.1 Atividades de Suporte a Aprendizagem Desenvolvidas na Biblioteca Escolar.....	38
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	45
4.1 Coleta de Dados.....	50
5 DISCUSSÃO DA ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS DA PESQUISA.....	55
5.1 Entrevista.....	55
5.2 Grupo Focal.....	64
5.3 Portfólio.....	84
5.4 Triangulação das Informações Coletadas.....	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS.....	110
APÊNDICES.....	118

1 INTRODUÇÃO

As organizações e centros de informação modificam-se e expandem-se para acompanhar as novas tendências tecnológicas. As bibliotecas escolares (BEs) são um bom exemplo dessa mudança, elas se readaptaram às tecnologias, adequando-se aos processos de ensino aprendizagem e dão suporte aos professores e estudantes de diferentes faixas etárias.

Dentre as muitas transformações que as BEs sofreram, o trabalho em rede desponta como uma solução para a otimização de alguns serviços e o compartilhamento de boas práticas. Algumas redes de BEs particulares e municipais são grandes destaques nesse meio, contudo, ainda existe um grande caminho a ser percorrido para a solidificação desse trabalho conjunto, visto que, há a necessidade de integração entre gestão das escolas, professores e bibliotecários.

Nesse acelerado mundo digital, a informação nunca se fez tão necessária para os diversos públicos que a BE atende. Ler, interpretar, compreender, socializar e argumentar são algumas das competências que auxiliam na construção de um cidadão crítico e capaz de tomar decisões assertivas.

Essa perspectiva fez surgir estudantes que anseiam por informação e procuram desenvolver habilidades que os tornem competentes em informação. Assim, a competência em informação (CoInfo) passou a ser uma proposta efetiva das redes de BEs, habilitando os bibliotecários ao trabalho em parceria com o professor para aprimorar, nos estudantes, a CoInfo.

Destarte, buscou-se experiências em redes de BEs que pudessem contribuir para a criação de uma estrutura física e conceitual dessas organizações. A indagação inicial era se os estudantes conseguiam desenvolver a CoInfo por meio da parceria realizada entre professores e bibliotecário. Assim, observou-se que a Rede de Bibliotecas Escolares das Escolas do Serviço Social da Indústria de São Paulo (SESI-SP) apresentava aspectos relevantes que poderiam contribuir para essa investigação.

Dessa forma, o objetivo geral foi verificar a existência da parceria entre o trabalho do bibliotecário e os professores da Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo. Especificamente, buscou-se:

a) contextualizar as redes de bibliotecas escolares no Brasil, descrevendo suas características e importância nas escolas contemporâneas;

b) apresentar a participação e a contribuição do bibliotecário que atua em redes de bibliotecas escolares para o desenvolvimento da Competência em Informação nos estudantes;

c) identificar as atividades de suporte à aprendizagem que são desenvolvidas na Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo e descritas pelos bibliotecários nos portfólios das bibliotecas que apresentem inter-relação com os padrões e indicadores de Competência em Informação;

d) verificar como as atividades de suporte à aprendizagem são planejadas, desenvolvidas e avaliadas de forma integrada entre os bibliotecários e os professores da Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo;

e) descrever e discutir a contribuição das atividades de suporte à aprendizagem que são desenvolvidas de forma integrada na Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo para o desenvolvimento da Competência em Informação nos estudantes.

Para tanto, esta pesquisa foi desenvolvida de forma exploratória com abordagem qualitativa. Optou-se pela metodologia estudo de caso, com o uso de três métodos para coleta de dados: o grupo focal com bibliotecários da Rede de Bibliotecas escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo, análise dos portfólios produzidos por eles e entrevista com bibliotecária responsável pelas orientações técnicas das redes.

Isto posto, apresentam-se, a seguir, alguns aspectos para que as redes de BEs possam ser efetivas no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes. Descreve-se também a criação do SESI-SP e sua respectiva Rede de Bibliotecas Escolares. Alguns conceitos relevantes da CoInfo são discutidos, bem como, a diferença entre habilidades e competências e as atividades de suporte à aprendizagem desenvolvidas em parceria entre professor e bibliotecário.

Os procedimentos metodológicos são descritos de maneira detalhada, tornando explícitos os instrumentos e procedimentos de coleta de dados, o universo da pesquisa e a população alvo. Posteriormente, seguem as análises dos dados coletados.

Enfim, a motivação principal dessa pesquisa surgiu após alguns anos de atuação em Bibliotecas Escolares particulares localizadas em cidades interioranas do estado de São Paulo e, desde 2014, foi possível presenciar os projetos e ações desenvolvidas pela Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo devido à ocupação do cargo de Bibliotecária em uma unidade desta rede. Acredita-se também no potencial das BEs, bem como no indubitável e relevante papel desempenhado pelo bibliotecário escolar que é capaz de congregar, junto com o professor, para a transformação da Educação no Brasil.

2 REDE DE BIBLIOTECAS ESCOLARES: objetivos, padrões e características

A enorme mudança tecnológica surtiu grande efeito na forma com que as pessoas se comunicam. A rapidez no envio de mensagens, a facilidade de atualização informacional e a grande demanda de atividades rotineiras intensificaram as relações pessoais e profissionais. Busca-se maior aprimoramento e agilidade no cotidiano, ampliando a necessidade de exposição de tarefas simples como hábitos alimentares, bichos de estimação, viagens, relacionamentos, entre outros.

A população em geral acompanha essas mudanças com a mesma velocidade com que a tecnologia evolui. No campo profissional e no social, procuram-se pessoas com os mesmos interesses e ambições, trabalho similar, atividade física, viagens, parentesco, músicas, etc. As redes sociais encurtaram distâncias contribuindo para essa aproximação dos indivíduos com as mesmas propensões. Nesse sentido, Tomaél, Alcará e Di Chiara (2005, p. 93) afirmam que “[...] a configuração em rede é peculiar ao ser humano, ele se agrupa com seus semelhantes e vai estabelecendo relações de trabalho, de amizade, enfim relações de interesses”. Essas relações desenvolvem-se e transformam-se à medida que surgem novos hábitos e necessidades, as ligações entre esses indivíduos são modificadas e novas conexões são efetuadas.

Como uma espécie de ciclo crescente, acredita-se que as redes em geral possuem “estrutura não-linear, descentralizada, flexível, dinâmica, sem limites definidos e autoorganizável, estabelece-se por relações horizontais de cooperação” (TOMAÉL, ALCARÁ E DI CHIARA 2005, p. 94). Ou seja, ela se expande de acordo com a necessidade e comando dos indivíduos ou empresas que nela atuam. Nessa acepção, Brandão, Pereiras e Silva (2007, p. 110) definem as redes “[...] como um conjunto de elementos que mantêm conexões uns com os outros”. Embora essas conexões sejam quase sempre invisíveis, há algo que está presente em todas as redes, o agrupamento coletivo, permitindo a interação e troca de informações entre os envolvidos.

Castells (2005, p. 22) define as redes como

um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital [...] está promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens da nossa cultura como personalizando-os ao gosto das identidades e humores dos indivíduos.

Fica evidente que fazer parte de uma rede passa a ser uma necessidade pessoal e organizacional, as relações comunicacionais integradas com a globalização e as fortes influências de um mundo com interesses em comum reescrevem as transformações e moldam o atual mecanismo das conexões existentes hoje. Não apenas no âmbito pessoal,

mas também no profissional, as instituições tornam-se mais fortes quando estabelecem padrões, missões e objetivos similares, diminuindo a quantidade de tarefas mecânicas e percorrendo caminhos mais assertivos.

As experiências obtidas com redes de BEs no Brasil apontam para unidades com padrões mais delineados. A fusão de bibliotecas acontece de maneira institucionalizada e com resultados de grande importância para o meio educacional. Normalmente inseridas em escolas com concepções de ensino já consolidadas, sua missão gira em torno do fortalecimento do processo educacional, o que permite às BEs estabelecer conexões umas com as outras, buscando melhorar a forma como desenvolvem seus serviços.

Tendo Ao apresentar como missão geral a promoção “serviços de apoio à aprendizagem e livros aos membros da comunidade escolar, oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os formatos e meios” (IFLA, 2015), a BE está envolta em amplas perspectivas torando-se mais que um espaço de mediação e incentivo à leitura. De acordo com relatório elaborado pela ALA (1989, tradução nossa) “A educação precisa de um novo modelo de aprendizagem que se baseie nos recursos de informação do mundo real e no aprendizado ativo e integrado, não passivo e fragmentado”.

Essas afirmações da IFLA (2015) e da ALA (1989) convergem com as missões propostas pelas instituições de ensino de hoje, abrangendo não apenas as atividades de formação de leitores, mas, explorando toda a potencialidade do pedagógico com os professores. Parcerias realizadas entre professores e bibliotecários vão além de todas expectativas iniciais da implantação de uma biblioteca, fortalecendo-a unitária e coletivamente, potencializando as redes BEs a oferecerem uma gama de serviços que as tornam inspiradoras para as crianças e adolescentes. Nesse sentido,

Na escola, uma das funções da biblioteca é auxiliar o professor em seu trabalho e ampliar os conhecimentos vistos em sala de aula, bem como incentivar o gosto pela leitura, pela pesquisa. Nesse contexto, o professor e o bibliotecário influenciam diretamente o estudante, pois isso é necessário para que esses dois profissionais trabalhem em conjunto, de maneira colaborativa, para auxiliar um [ao] outro na formação integral dos cidadãos (FONSECA; SPUDEIT, 2016, p. 40-1).

Essa função estende-se também para as redes de bibliotecas escolares, fortalecendo a atuação dos bibliotecários e professores, tornando-os imprescindíveis tanto no processo de ensino e aprendizagem quanto na formação do estudante. Entende-se que os professores são muito mais que acompanhantes dos alunos, seu planejamento de ensino

e sua experiência pedagógica são fundamentais para que as pesquisas e demais ações realizadas na BE deem suporte ao processo educacional que se aprimora com a participação do bibliotecário. Como enfatiza Campello, “trabalhando juntos, professor e bibliotecário exercem a função de facilitadores no processo que permite ao aluno familiarizar-se com o universo informacional complexo e diversificado” (2009, p. 71).

Nesse aspecto, as redes atendem às necessidades dos sistemas de ensino das escolas onde estão inseridas. Essa característica de trabalho, com a possibilidade de compartilhamento de boas práticas, ampliam as estratégias de atendimento, ações desenvolvidas, técnicas aplicadas, bem como atividades direcionadas que propiciem o aperfeiçoamento de habilidades específicas nos estudantes.

Seus usuários, têm como principal característica, **ansiedade de informação**. O termo tem sido usado atualmente para se diferenciar **necessidade de informação**, quando se restringe o uso da informação apenas ao comando do professor ou do currículo escolar (MATTOS; PINHEIRO, 2006, p. 174-5).

A inquietude pela busca de informação acontece, como já mencionado, devido ao bom trabalho desenvolvido na BE pelo bibliotecário em parceria com o professor, podendo ser potencializado pelas articulações de uma rede, quando esta divide experiências, projetos e ideias visando a uma participação ativa no processo educacional e na formação literária e cultural do estudante.

Acredita-se que em uma rede de bibliotecas escolares os usuários devem ter “[...] liberdade de escolha e participação nas decisões e planejamento [...], é necessário que o bibliotecário escolar realize atividades que permitam a interação dos alunos com o ambiente [...]” (FONSECA; SPUDEIT, 2016. p. 53). Dessa forma, os estudantes compreenderão o funcionamento de uma rede e sua importância para a comunidade escolar.

Criar no estudante essa ânsia por estar atualizado ajuda-o a aprimorar o seu eu leitor, fazendo com que ele desenvolva mais rápido sua capacidade de ler, interpretar e argumentar sobre assuntos variados. Roca (2012, p. 8) enfatiza que

Deve-se fomentar e cultivar nos alunos o desejo de saber e de conhecer; provocar a busca de sentido nas ações que realizam e apresentar valores que incentivem a vontade de participar e ter influência na vida como cidadão. Desse modo, para a educação, a curiosidade e a criatividade apresentam-se como elementos fundamentais.

Para que essas habilidades acima aconteçam, é necessário que as redes de BEs priorizem uma atuação conjunta entre professor e bibliotecário, capacitando os estudantes na utilização de diferentes ferramentas de busca, tornando-os participativos perante os problemas políticos e sociais de sua comunidade, permitindo sua atuação frente à resolução de problemas do cotidiano, munindo-os de conhecimento para usar sozinho diversas fontes que ajudem na solução de problemas e auxiliando-os com o auto aprendizado. Isto posto, os estudantes

devem ter consciência de suas necessidades de informação e empenhar-se ativamente no mundo de ideias. Devem ser confiantes na sua capacidade de resolver problemas e saber como localizar informação relevante e fidedigna. Devem ser capazes de usar ferramentas tecnológicas para acessar a informação e para comunicar o que aprenderam. Devem saber lidar com situações em que há múltiplas respostas e também com aquelas em que não encontram qualquer resposta. Devem ser exigentes com seu próprio trabalho e criar produtos de qualidade. Devem ser flexíveis, capazes de se adaptar à mudança e de funcionar tanto individualmente como em grupo (IFLA, 2015, p. 48).

Todas essas habilidades vão ao encontro dos objetivos propostos pela IFLA (2015) para redes de BEs, visto que a estrutura de uma rede de BEs baseia-se especificamente nos estudantes, parcerias, ações e propostas são pensadas visando agregar benefícios informacionais e ampliar competências de leitura e argumentação nos estudantes.

Com o intuito de melhor compreender cada um desses objetivos e sua aplicação em uma escola, elaborou-se o Quadro 1 relacionando-os com sua função direta.

QUADRO 1: Objetivos estabelecidos pela IFLA para redes de bibliotecas escolares.

	Objetivos	Análise da Aplicabilidade
1	apoiar e intensificar a consecução dos objetivos educacionais definidos na missão e no currículo da escola;	Missão da escola
2	desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem, bem como o uso dos recursos da biblioteca ao longo da vida;	Leitura e aprendizagem ao longo da vida
3	oferecer oportunidades de vivências destinadas à produção e uso da informação voltada ao conhecimento, à compreensão, à imaginação e ao entretenimento;	Uso da informação para aquisição de reflexão crítica, criatividade, conhecimento e entretenimento
4	apoiar todos os estudantes na aprendizagem e prática de habilidades para avaliar e usar a informação em suas variadas formas, suportes ou	Habilidades para acesso e uso crítico e adequado da informação para a

	meios, incluindo a sensibilidade para utilizar adequadamente as formas de comunicação com a comunidade onde estão inseridos;	comunicação com a comunidade
5	prover acesso em nível local, regional, nacional e global aos recursos existentes e às oportunidades que expõem os aprendizes a diversas idéias, experiências e opiniões;	Acesso à informação de maneira expansiva e multicultural
6	organizar atividades que incentivem a tomada de consciência cultural e social, bem como de sensibilidade;	Exercício da cidadania
7	trabalhar em conjunto com estudantes, professores, administradores e pais para o alcance final da missão e objetivos da escola;	Atuação pedagógica integrada
8	proclamar o conceito de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são pontos fundamentais à formação de cidadania responsável e ao exercício da democracia;	Cidadania responsável e democrática
9	promover leitura, recursos e serviços da biblioteca escolar junto à comunidade escolar e ao seu redor.	Leitura, informação e conhecimento

Fonte: Adaptado IFLA (2015) e autora (2019).

De acordo com a análise do Quadro 1, nota-se que as redes de BEs apresentam objetivos que refletem as necessidades dos alunos, dos professores e, de forma geral, da escola. Os objetivos 1 e 7 estão diretamente associados, reforçando a ideia de que a “*Missão da escola*” e a “*Atuação pedagógica integrada*” se fortalecem com a participação ativa do bibliotecário. Sabe-se que as BEs não são organizações individuais, elas fazem parte do conjunto de ações e espaços destinados à capacitação dos estudantes para atuarem em uma sociedade de forma consciente e produtiva. De acordo com Andrade (*et. al.*, 2013, p.72), a BE “deve ser um ambiente para que todos usufruam e possam utilizá-la como uma fonte de experiência, exercício da cidadania e formação para a vida” dando suporte ao processo educacional escolar.

Verifica-se ainda, nos objetivos 2 e 9 do Quadro 1, a semelhança de aplicação dos mesmos, sendo “*Leitura e aprendizagem ao longo da vida*” e “*Leitura, informação e conhecimento*” corroborando diretamente para atividades que incentivem a leitura. Muito tem-se discutido sobre os benefícios que essa prática traz para as pessoas de uma maneira geral; entretanto, o ler e o aprender tornam-se imprescindíveis para ampliar o que Freire (2006, p. 20), chama de “leitura de mundo”. Essa, por sua vez, acontece antes da leitura de frases e palavras, e a junção delas “implica a percepção das relações entre o texto e o

contexto” (FREIRE, 2006, p. 11). Acredita-se, que a efetivação desses objetivos seja o ponto de partida para que todos os outros possam ser atingidos.

Observa-se uma aproximação na descrição dos objetivos 3, 4 e 5, estando ambos convergindo para o mesmo substantivo – informação. Este, de acordo com Holanda, Oliveira e Oliveira (2013, p. 48) é um artefato vinculado ao poder e dota a sociedade da competência criar e aplicar o conhecimento “a partir do acesso à educação e a informação”. Assim, observa-se no Quadro 1 que o “*Uso da informação para aquisição de reflexão crítica, criatividade, conhecimento e entretenimento*”, as “*Habilidades para acesso e uso crítico e adequado da informação para a comunicação com a comunidade*” e o “*Acesso a informação de maneira expansiva e multicultural*” faz-se presente no uso da informação para diferentes ações, todavia, os objetivos propõem que a mesma possa reforçar e ampliar habilidades tornando os estudantes capazes de identificarem, produzirem e transmitirem de maneira crítica e adequada todo o aprendizado cumulado na aulas e nas atividades das redes de BEs.

Constata-se que os objetivos 6 e 8 do Quadro 1 visam aperfeiçoar nos estudantes práticas que possibilitarão mudanças não apenas em seu repertório informacional, mas também no meio em que vivem. “*Exercício da cidadania*” e “*Cidadania responsável e democrática*” são a consequência do cumprimento de ações que efetivam os objetivos das redes de BEs estabelecidos pela IFLA, fazendo com que sua missão de “[. . .] ir ao encontro da finalidade da educação em termos de preparação dos alunos para o seu futuro profissional e como cidadãos” (IFLA, 2015, p. 22) possa alcançar seu propósito.

Apesar de os objetivos das redes de BEs apresentarem-se alinhados ao atual cenário educacional, salienta-se que cada biblioteca possui suas particularidades no trabalho cotidiano. Algumas especificidades de espaço, público e até mesmo de realidades locais não permitem que todas as ações fiquem engessadas, sendo produtiva uma certa flexibilidade para alguns serviços. As redes atuam de forma a cumprir seus objetivos, que podem ser adaptados e reformulados, mas não fogem de sua essência. Seus padrões permeiam os objetivos estabelecidos pelos sistemas educacionais a que estão submetidas, entretanto, estão embasadas nos itens descritos no Quadro 1.

Dentre os vários pontos fortes das redes, podemos mencionar a troca de experiências em atividades desenvolvidas. Uma ideia criada por um bibliotecário pode ser replicada e adaptada inúmeras vezes por bibliotecários que possuem necessidades

parecidas. Camillo e Castro Filho (2016, p. 120-1) afirmam que a existência de uma rede de BEs “[. . .] significa, claramente, melhoria da produção, oferta de produtos e serviços, aproveitamento de recursos, realização de ações culturais e educativas”. Podemos citar como exemplo uma atividade sobre o consumo adequado de água. Esse tema pode ser desenvolvido com a utilização de livros e periódicos para uma pesquisa, dramatizada e divulgada para outras salas, e também é passível um debate (reforçando a oratória e a argumentação nos estudantes), ou mesmo, a hora do conto acompanhada de um bate papo, entre outras.

Reforçando ainda a relevância dessa parceria entre as BEs, há projetos institucionais, concursos literários e semanas temáticas que são adotados por todas as escolas e desenvolvidos de forma coletiva pelos bibliotecários. São inúmeras as possibilidades de trabalho; as diferentes ações a serem desenvolvidas e compartilhadas aprimoram as possibilidades de expansão e modificação das diferentes propostas de atividades que darão suporte aos professores.

O Conselho Federal de Biblioteconomia (2011), contudo, divulgou a resolução n. 119/2011 que estabelece “padrões para bibliotecas escolares da rede de ensino fundamental e médio, sejam elas públicas ou privadas”. De acordo com essa resolução, deve-se adotar o documento complementar 1 referente ao espaço físico que busca “[...] proporcionar aos dirigentes educacionais ideias para distribuição do acervo e dos equipamentos em espaço que estão no nível básico dos Parâmetros” (UNIVERSIDADE, 2016, p. 9).

Esses padrões de organização de acervo e espaço são de imprescindíveis para que as redes de BEs possam estar padronizadas, um orçamento anual para aquisição de novos títulos e a reposição de itens danificados empolgam os estudantes e estimulam-nos a emprestarem livros e consultarem o acervo com maior frequência. Em se tratando de quantidade de itens no acervo das BEs e das redes do Brasil, Abreu *et. al.* (2004, p. 25) afirma que “os poucos estudos desenvolvidos [. . .] não constitui uma questão prioritária para os autores da área”, apenas com a LEI 12.144/2010 (BRASIL, 2010) foi encontrado um padrão norteador para que os profissionais da área pudessem apoiar-se: “Parágrafo único. Será obrigatório um acervo de livros na biblioteca de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado [. . .]”. Acredita-se ser insuficiente esse número de livros, mas o documento pode ser considerado um ponto de partida para a implementação da cultura informacional nas BEs.

A literatura existente sobre redes BEs, contudo, evidencia necessidades mais amplas, apontando não apenas para a quantidade, e sim para a qualidade do acervo que deve contemplar. Além de um número maior de livros que atenda à comunidade escolar de maneira mais satisfatória, recomenda-se acervos interessantes e acessíveis, adequado para o público que atende, com diversidade de obras e abrangência de assuntos (MAGNANNI, 2001; LIMAS; CAMPELLO, 2017).

O empréstimo entre bibliotecas (EEB) é um dos facilitadores para que o acervo seja amplamente utilizado, ou seja, os livros existentes em uma determinada unidade podem ser solicitados pelos usuários de outras bibliotecas. O envio do item, em alguns casos, é feito pelo sistema malote existente entre as escolas.

Observa-se que a assinatura regular de periódicos para compor o acervo de BEs incentiva a leitura de materiais correntes, tais como, jornais e revistas. Viana (2014) descreve a existência desses itens na rede de BEs de São Bernardo do Campo – SP, enriquecendo o acervo e ampliam as possibilidades de pesquisa. Desenvolve-se assim, o hábito de leitura diária, aprofundando o repertório para debates e criação literária.

Entende-se que, para a composição de um acervo ideal para as BEs, bem como as redes as quais elas integram, deve-se levar em conta as indicações do corpo docente e dos estudantes, os títulos necessitam ser escolhidos em conjunto, elaborando-se uma lista preliminar que será avaliada cuidadosamente pelo bibliotecário. Ressalta-se que algumas obras necessitam ser repostas, mesmo que o manuseio do acervo aconteça de forma cuidadosa, alguns materiais se deterioram com o tempo. Destarte, “é importante preocupar-se com o tamanho da coleção; isso pode ser o primeiro passo para o acesso amplo dos alunos aos livros e à informação” (ABREU *et. al.*, 2004, p. 30).

A seleção minuciosa dos itens que serão incorporados ao acervo faz-se necessária devido ao valor destinado para a aquisição. Em muitos casos, o montante é menor do que a necessidade das redes de BEs. Indica-se, assim, profissional capacitado para definir os títulos finais de uma compra, após ouvir todos os envolvidos, analisar as reais necessidades do acervo e ajustar a verba disponível ao pedido. Há um consenso entre os pesquisadores da área de que o bibliotecário escolar deve ser o responsável por esse processo (ABREU *et. al.*, 2004; CAMPELLO, 2009; IFLA, 2015; CAMILLO E CASTRO FILHO, 2016), visto que, atuando na rede, conhecendo as reais necessidades da comunidade escolar, exercendo seu papel pedagógico em parceria com o professor e

familiarizado com o acervo atual, sua formação permitirá aquisições assertivas e um melhor aproveitamento da verba, bem como, uma distribuição precisa de livros por todas as classes do conhecimento.

Além de um acervo com qualidade e quantidade e de profissional capacitado, acredita-se que alguns arranjos físicos são agentes facilitadores para que o uso das BEs e das redes sejam contínuos. Dentre diversos aspectos, pode possível mencionar como relevantes a iluminação, ventilação, adequação da mobília e acessibilidade, entre outros. Esses itens são convenientes na promoção da leitura e incentivam o uso das redes de BEs, entretanto, vale ressaltar, mesmo que a estrutura física deixe a desejar, é possível que a biblioteca atinja seus objetivos. Inclusive, “É bom lembrar das necessidades das pessoas com deficiência. Existe hoje, no Brasil, preocupação em proporcionar acessibilidade e [...] adequação de espaços, mobiliários e equipamentos para atender a essas pessoas [...]” (UNIVERSIDADE, 2016, p. 22), tornam tanto as bibliotecas escolares quanto as redes locais mais acolhedoras para a utilização do espaço e dos recursos disponíveis.

Embora a pretensão desta pesquisa não seja detalhar todas as redes de BEs existentes no Brasil, observa-se algumas experiências significativas, como por exemplo, a Rede Escolar de Bibliotecas Interativas (REBI) de São Bernardo do Campo – SP que, desde a década de 90, amplia suas atividades atendendo aos estudantes com espaço amplo, acervo variado e supervisão direta de profissional capacitado, conta hoje com 103 unidades (SÃO, 2019) espalhadas pelo município.

Do mesmo modo, encontrou-se o Programa de Bibliotecas da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (SMED/BH), que há mais de 20 anos trabalha efetivamente nas escolas com diversas atividades de incentivo à leitura e possui hoje mais de 180 bibliotecas escolares em sua rede (COIMBRA, 2016).

A Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo (SESI-SP), se apresenta com diversidade de serviços e acervo, amplo espaço para atendimento e atuação de bibliotecário em mais de 120 unidades distribuídas por todo estado (SESI-SP, 2018). Assim, no próximo tópico iremos conhecer um pouco mais dessa rede e de sua história.

2.1 Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo: da criação às bibliotecas

O SESI-SP foi instituído por meio de um projeto de lei em 1946 que buscava inicialmente aperfeiçoar os funcionários para o mercado de trabalho, especificamente para a indústria, visando superar a crise alimentícia causada pela Segunda Grande Guerra.

Em pouco tempo, as famílias de operários já podiam comprar gêneros alimentícios com até 20% de desconto. E, em 1947, foi oferecido aos trabalhadores cursos de alfabetização, aperfeiçoamento e ambulatórios médicos, entre outros benefícios.

A “Cultura também sempre esteve presente na linha de atuação do SESI” (SISTEMA, 2006, p. 17), a inauguração do cinema em 1948 foi um dos marcos dessas atividades, seguidas de apresentações teatrais e acesso aos livros por meio das “*Caixas-Estantes*. Até hoje em atividade, elas funcionam como pequenas bibliotecas itinerantes, organizadas em caixas de aço e levadas às fábricas com a intenção de incentivar a leitura entre os trabalhadores” (SISTEMA, 2006, p. 18).

As propostas de incentivo à leitura também estiveram presentes em outros projetos, tendo sempre como alvo os operários e seus familiares. De acordo com Sistema (2006, p. 18) em

1960 vieram os *Carros-Bibliotecas*, que estacionavam um dia inteiro em cada um dos 16 bairros do seu roteiro. Os livros eram emprestados por até 15 dias. Uma pesquisa da época revelou que o público infantil preferia obras de Monteiro Lobato, poesias de Vinícius de Moraes e Guilherme de Almeida.

Sempre em busca de modernização dos serviços oferecidos e de melhor qualidade de vida para seus beneficiários, o SESI-SP acompanhou as mudanças artísticas e culturais, enfrentou crises e se reestruturou para sobreviver às novas demandas de mercado. Desta maneira, em 1960, surge o primeiro Centro de Atividades (CAT) - em Catumbi, SP. A unidade oferecia “soluções para as empresas industriais brasileiras por meio de uma rede integrada, que engloba atividades de educação, segurança e saúde do trabalho, cultura e qualidade de vida’ (SESI-SP, [20--]). Hoje, existe um total de 56 CATs que subsidiam os 150 Centros Educacionais (CE) que estão organizados geograficamente conforme o Quadro 2.

Quadro 2 – Relação de CATs e escolas subsidiadas.

	Centro de Atividades	Centros Educacionais Subsidiados
1	CAT SESI - Santos (Jardim Santa Maria) - Dr. Paulo de Castro Correia	087: CE SESI - Santos (Jd. Santa Maria) 412: CE SESI - Santos (Jd. Rádio Clube)

2	CAT SESI - Campinas I: Amoreiras (Parque Itália) - Professora Maria Braz	242: CE SESI - Vinhedo - Gustavo Infanger Vicentim 299: CE SESI - Valinhos - Prof. Walter Vicioni Gonçalves 403: CE SESI - Campinas (Parque Itália)
3	CAT SESI - Sorocaba (Mangal) - Senador José Ermírio de Moraes	123: CE SESI - Sorocaba - Mangal 192: CE SESI – Alumínio
4	CAT SESI - Taubaté (Estiva) - Luiz Dumont Villares	030: CE SESI - Caçapava 207: CE SESI - Caçapava (Maria Elmira) 387: CE SESI - Pindamonhangaba - Paulo Skaf 411: CE SESI – Taubaté
5	CAT SESI - Ribeirão Preto (Castelo Branco) - José Villela de Andrade Júnior	235: CE SESI - Batatais 259: CE SESI - Ribeirão Preto (Vila Tibério) 297: CE SESI - Ribeirão Preto (Ipiranga) 298: CE SESI - Ribeirão Preto (Castelo Branco) 342: CE SESI - Jardinópolis 344: CE SESI - Ribeirão Preto (Lapa) 345: CE SESI - Ribeirão Preto (Vila Virgínia) 346: CE SESI - Ribeirão Preto (Planalto Verde)
6	CAT SESI - São Carlos (Vila Izabel) - Ernesto Pereira Lopes Filho	106: CE SESI - São Carlos (Vila Prado) 108: CE SESI - São Carlos - Fernando de Arruda Botelho 205: CE SESI - Descalvado 255: CE SESI - S.R.do Passa Quatro - Salomão Esper 334: CE SESI - Porto Ferreira 407: CE SESI - São Carlos (Vila Izabel)
7	CAT SESI - Jundiaí (Jardim Brasil) - Élcio Guerrazi	012: CE SESI - Bragança Paulista 013: CE SESI - Itatiba 021: CE SESI - Jundiaí 316: CE SESI - C. Limpo Paulista 355: CE SESI - Jundiaí - Luiz Latorre 356: CE SESI - Amparo 409: CE SESI - Jundiaí (Jardim Brasil)

8	CAT SESI - Santo André (Santa Terezinha) - Theobaldo de Nigris	094: CE SESI - Santo André (Vila Clarice) 221: CE SESI - Santo André (Pq. Jaçatuba) 265: CE SESI - Santo André (Jd. Ana Maria)
9	CAT SESI - Bauru (Altos da Cidade) - Raphael Noschese	114: CE SESI - Agudos 358: CE SESI - Bauru (Duda) - Gerson Trevizani 439: CE SESI - Lençóis Paulista - Alberto Trecenti
10	CAT SESI - Araraquara (Loteamento Jardim Floridiana) - Wilton Lupo	339: CE SESI - Araraquara (Vila Xavier)
11	CAT SESI - Presidente Prudente (Parque Furquim) - Belmiro Jesus	283: CE SESI - Osvaldo Cruz 284: CE SESI - Presidente Prudente (Pq. Furquim) 348: CE SESI - Álvares Machado 368: CE SESI - Regente Feijó 423: CE SESI - Presidente Prudente - Antonio Scalon
12	CAT SESI - Mogi das Cruzes (Brás Cubas) - Nadir Dias de Figueiredo	113 : CE SESI - Mogi das Cruzes - Vila Industrial 365 : CE SESI - Mogi das Cruzes 413 : CE SESI - Mogi das Cruzes (Brás Cubas)
13	CAT SESI - Araçatuba (Jardim Presidente) - Francisco da Silva Villela	025: CE SESI - Andradina 237: CE SESI - Guararapes 323: CE SESI - Mirandópolis 349: CE SESI - Araçatuba (Jd. Presidente)
14	CAT SESI - São José do Rio Preto (Vila Elvira) - Jorge Duprat Figueiredo	206: CE SESI - Catanduva 338: CE SESI - S.J.do Rio Preto - Yolanda C. Bassitt 381: CE SESI - José Bonifácio 405: CE SESI - Fernandópolis 410: CE SESI - S.J.do Rio Preto (Vila Elvira) 435: CE SESI - Votuporanga
15	CAT SESI - Marília (Jardim Conquista) - Lázaro Ramos Novaes	267: CE SESI - Garça 308: CE SESI - Marília 380: CE SESI - Paraguaçu Paulista - Carlos Arruda Garms
16	CAT SESI - Osasco (Jardim Piratininga) - Luís Eulálio de Bueno Vidigal Filho	077: CE SESI - Carapicuíba 417: CE SESI - Osasco 425: CE SESI - Osasco (Jardim Roberto)

		440: CE SESI - Jandira - Fabio Starace Fonseca
17	CAT SESI - Rio Claro (Jardim Floridiana) - José Felício Castellano	083: CE SESI - Rio Claro
18	CAT SESI - Limeira (Alto da Boa Vista) - Mario Pugliese	005: CE SESI - Limeira (Nova Suíça) 408: CE SESI - Limeira (Alto da Boa Vista) 442: CE SESI - Limeira - João e Belinha Ometto
19	CAT SESI - Piracicaba (Vila Industrial) - Mario Mantoni	085: CE SESI - Piracicaba (Vila Industrial) 165: CE SESI - Piracicaba
20	CAT SESI - Indaiatuba (Jardim California) - Antônio Ermírio de Moraes	420: CE SESI - Indaiatuba
21	CAT SESI - Santa Bárbara D'Oeste (Vila Diva) - Américo Emílio Romi	099: CE SESI - Sta Bárbara D'Oeste
22	CAT SESI - Mogi Guaçu (Parque Zaniboni III) - Ministro Roberto Della Manna	156: CE SESI - S.J.da Boa Vista 176: CE SESI - Mogi Guaçu 210: CE SESI – Itapira 357: CE SESI - Mococa - Pedro Sukadolnik 370: CE SESI - Tambaú - Joelmir Beting
23	CAT SESI - Itu (São Luiz) - Carlos Eduardo Moreira Ferreira	031: CE SESI - Itu 125: CE SESI - Salto
24	CAT SESI - Franca (Jardim Centenário) - Osvaldo Pastore	109: CE SESI - Franca (Vila Scarabucci)
25	CAT SESI - Sertãozinho (Cohab Maurílio Biagi) - Nelson Abbud João	110: CE SESI - Bebedouro 241: CE SESI - Sertãozinho
26	CAT SESI - São José dos Campos (Bosque dos Eucaliptos) - Ozires Silva	182: CE SESI - S. José dos Campos
27	CAT SESI - São Caetano do Sul (Boa Vista) - Presidente Eurico Gaspar Dutra	222: CE SESI – São Caetano do Sul
28	CAT SESI - São Bernardo do Campo (Assunção) - Albano Franco	416: CE SESI – São Bernardo do Campo
29	CAT SESI - Mauá (Jardim Zaira) - Ministro Raphael de Almeida Magalhães	079: CE SESI - Mauá (Jd. Zaíra) 080: CE SESI - Ribeirão Pires 397: CE SESI - Mauá (Jd. Adelina) 406: CE SESI - Mauá (Jardim Itapark)

30	CAT SESI - Botucatu (Conj. Hab. Eng. Francisco) - Salvador Firace	228: CE SESI - Botucatu 263: CE SESI - Barra Bonita 272: CE SESI - Igarapu do Tietê 300: CE SESI - Avaré - Israel Dias Novaes
31	CAT SESI - Jaú (Jardim Pedro Ometto) - Ruy Martins Altenfelder Silva	026: CE SESI - Jaú (Sueli Algueiro) 143: CE SESI - Bariri 337: CE SESI - Pederneiras 429: CE SESI - Brotas - Carlos Eduardo Moreira Ferreira
32	CAT SESI - Guarulhos (Jardim Adriana) - Morvan Dias de Figueiredo	129: CE SESI - Guarulhos - Adelaide Perella 398: CE SESI - Guarulhos (Vila Sorocabana) 427: CE SESI - Guarulhos (Jardim Adriana)
33	CAT SESI - Jacareí (Jd. Elza Maria) - Karan Simão Racy	160: CE SESI - Jacareí
34	CAT SESI - Birigui (Jardim Pinheiros) - Ministro Dilson Funaro	136: CE SESI - Penápolis 148: CE SESI - Birigui
35	CAT SESI – Cidade AE Carvalho (Ermelino Matarazzo) - Mario Amato	074: CE SESI - Ermelino Matarazzo 329: CE SESI - Jardim IV Centenário 379: CE SESI - Vila Carrão 415: CE SESI - C. A. E. Carvalho
36	CAT SESI - Catumbi (Belenzinho) - Antonio Devisate	032: CE SESI - Belenzinho 036: CEI SESI - Santana 069: CE SESI - Vila Espanhola 388: CE SESI - Lausane Paulista 434: CE SESI - Tatuapé
37	CAT SESI - Ipiranga (Ipiranga) - Roberto Simonsen	111: CE SESI - Ipiranga
38	CAT SESI - Vila das Mercês (Vila das Mercês) - Professor Carlos Pasquale	402: CE SESI - Vila das Mercês
39	CAT SESI - Vila Leopoldina (Vila Leopoldina) - Gastão Vidigal	414: CE SESI - Vila Leopoldina
40	CAT SESI - Matão (Jardim Paraíso III) - Azor Silveira Leite	146: CE SESI - Matão 227: CE SESI - Monte Alto 317: CE SESI - Jaboticabal

41	CAT SESI - Ourinhos (Das Crianças) - Manoel da Costa Santos	144: CE SESI - Ourinhos 260: CE SESI - S.C.do Rio Pardo - Hercilio Lorenzetti 280: CE SESI - Assis
42	CAT SESI - Araras (Heitor Villa Lobos) - Laerte Michielin	208: CE SESI - Leme - Fernando Arraes de Almeida 303: CE SESI - Araras 390: CE SESI - Pirassununga
43	CAT SESI - Americana (Machadinho) - Estevam Faraone	101: CE SESI - Americana - Mendel Steinbruch 422: CE SESI - Americana (Machadinho) 436: CE SESI - Nova Odessa - Chalil Zabani
44	CAT SESI - Diadema (Taboão) - José Roberto Magalhães Teixeira	426: CE SESI - Diadema (Taboão)
45	CAT SESI - Itapetininga (Vila Rio Branco) - Benedito Marques da Silva	124: CE SESI - Itapetininga 399: CE SESI - Itapeva 441: CE SESI - Registro
46	CAT SESI - Cubatão (Parque São Luís) - Décio de Paula Leite Novaes	424: CE SESI - Cubatão - Ribemont Lopes de Farias
47	CAT SESI - Campinas II: Santos Dumont (Bacuri) – Joaquim Gabriel Penteado	421: CE SESI - Campinas (Bacuri)
48	CAT SESI - Votorantim (Parque Morumbi) - José Ermírio de Moraes Filho	023: CE SESI - Votorantim
49	CAT SESI - Cruzeiro (Vila Ana Rosa Novaes) - Octávio Mendes Filho	162: CE SESI - Lorena 401: CE SESI - Cruzeiro
50	CAT SESI - Tatuí (Vila Doutor Laurindo) - Wilson Sampaio	024: CE SESI - Tatuí 332: CE SESI - Boituva 428: CE SESI - Cerquillo - José Pilon
51	CAT SESI - Suzano (Jardim Imperador) - Max Feffer	081: CE SESI - Suzano 240: CE SESI - Ferraz de Vasconcelos
52	CAT SESI - Santana de Parnaíba (Cidade São Pedro) - José Carlos Andrade Nadalini	433: CE SESI - Santana de Parnaíba 438: CE SESI - Cajamar
53	CAT SESI - Cotia (Moinho Velho) - Olavo Egydio Setúbal	432: CE SESI - Cotia
54	CAT SESI - Sumaré (Nova Veneza) - Fuad Assef Maluf	341: CE SESI - Sumaré

		437: CE SESI - Hortolândia
55	CAT SESI - Presidente Epitácio (Vila Recreio) - Carlos Cardoso A. Amorim	138: CE SESI - Santo Anastácio 268: CE SESI - Presidente Epitácio
56	CAT SESI - Barretos (Los Angeles) - Maria Ap. Junqueira P. de Menezes	185: CE SESI - Barretos - Maria Aparecida Junqueira Pamplona de Menezes

Fonte: elaborado pela autora (2019)

Os recursos que mantêm toda essa estrutura são “provenientes de contribuições mensais recolhidas compulsoriamente das indústrias em geral, incluídas aí as de telecomunicações, da pesca, da construção civil e do transporte ferroviário” (SESI, 2018b).

Nesse contexto, a Educação cresceu e se fortaleceu dando origem a uma rede de escolas e, conseqüentemente, a uma rede de bibliotecas. A Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo está inserida nas escolas deste sistema e se encontram espalhadas por todo estado. Somando hoje “128 bibliotecas, 25 salas de leitura e 1 biblioteca técnica” (SESI, 2019) que são compostas “por um acervo de 1.097.071 livros, 60.361 DVD's e assinatura dos principais periódicos de grande circulação no Estado de São Paulo, tudo disponível para consulta local e empréstimos domiciliares” (SESI, 2019).

O objetivo da Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo é “preservar e garantir a democratização do conhecimento e o acesso às novas tecnologias, oferecendo acervo diversificado para atender às necessidades pedagógica, cultural e social da comunidade” (SESI, 2019). Seu intuito é promover a pesquisa e leitura, formando seu público por meio de encontros e estudo. Para isso, “A Biblioteca Escolar Sesi-SP oferece ainda atividades de ação pedagógica em parceria com os professores e atividades de promoção cultural que visam ao desenvolvimento integral do estudante” (SESI, 2019).

Essas parcerias e atividades são registradas e disseminadas por meio de um documento chamado Portfólio. Seguindo orientações estabelecidas pela Supervisão de Bibliotecas da rede, visa compartilhar as atividades realizadas na Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo.

De acordo com o dicionário, este documento é um “Agrupamento, ou listagem, dos produtos ou serviços oferecidos por uma empresa, para divulgação” (PORTFÓLIO,

2019) e a partir dele foi possível conhecer o trabalho das bibliotecas selecionadas para essa pesquisa.

Esses Portfólios foram criados em 2013 e são obrigatórios, ou seja, todos os bibliotecários devem produzi-los e divulgá-los. Cada profissional é livre para utilizar o *software* que julgar mais adequado as suas necessidades, assim, identificou-se o *Word*, *PowerPoint*, *Sway* e *blog*. Alguns padrões são fixos e comuns em todos os documentos, como por exemplo, quantidade de atendimentos, quantidade de ações realizadas, nome da equipe escolar e na maioria consta também dados sobre o acervo existente (livros, DVDs, periódicos, etc.).

Assim, as páginas prefaciais são fixas e os resumos acrescentados mensalmente. Encontram-se, em cada Portfólio, 12 itens identificados de acordo com os meses do ano, e as respectivas atividades desenvolvidas em cada mês.

Com o encerramento deste capítulo elaborou-se o Quadro 3 que visa apresentar uma relação dos autores citados no decorrer dos parágrafos, bem como, os principais conceitos e temas utilizados que foram considerados relevantes para a estruturação de parte do referencial teórico.

Quadro 3 – Principais contribuições dos autores (redes de bibliotecas escolares)

Autor (a)	Contribuições
ABREU (ET. AL., 2004)	▪ Bibliotecas escolares de Belo Horizonte.
ALA (1989)	▪ Relatório sobre o desenvolvimento de habilidades no uso da informação.
ANDRADE (ET. AL., 2013)	▪ Incentivo para o uso da BE pelos professores.
BRANDÃO, PEREIRAS E SILVA (2007)	▪ Evolução das redes e a Competência em Informação.
BRASIL (2010)	▪ Lei que reforça a importância da Biblioteca Escolar e do Profissional Bibliotecário.
CAMILLO E CASTRO FILHO (2016)	▪ Redes de Bibliotecas Escolares como suporte no desenvolvimento da Competência em Informação.
CAMPELLO (2009)	▪ Competências e Habilidades nas Bibliotecas Escolares do Brasil.
CASTELLS (2005)	▪ Conceito de Redes.
COIMBRA (2016)	▪ Redes de Bibliotecas Escolares como suporte no desenvolvimento da Competência em Informação.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA (2011)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Parâmetros para Bibliotecas Escolares no Brasil.
FONSECA; SPUDEIT (2016)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A Biblioteca Escolar como suporte no desenvolvimento da Competência em Informação: ensino médio.
FREIRE (2006)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Competência leitora: leitura de mundo.
HOLANDA, OLIVEIRA E OLIVEIRA (2013)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Políticas Públicas: processo de formação cultural do estudante.
IFLA (2015)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Diretrizes para a Bibliotecas Escolas.
LIMAS; CAMPELLO (2017)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Redes de Bibliotecas Escolares como suporte no desenvolvimento da Competência em Informação.
MAGNANNI (2001)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Competência leitora na formação do estudante.
MATTOS; PINHEIRO (2006)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ As novas Bibliotecas: Escolares-Universitárias.
PORTFÓLIO (2019)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Conceito.
ROCA (2012)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A Biblioteca Escolar como suporte no desenvolvimento da Competência em Informação hoje.
SÃO (2019)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Rede de Bibliotecas como suporte no desenvolvimento da Competência em Informação: Políticas Públicas.
SESI (2018b)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Apresentação geral do Serviço Social da Indústria de São Paulo.
SESI (2019)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Apresentação geral da Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo.
SESI-SP (2018)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Apresentação geral da Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo.
SISTEMA (2006)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Apresentação e história do Serviço Social da Indústria de São Paulo.
TOMAÉL, ALCARÁ E DI CHIARA (2005)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Conceito de redes e redes sociais: Competência para o mercado de trabalho.
UNIVERSIDADE (2016)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Parâmetros para a Biblioteca Escolar: espaço físico.

Fonte: elaborada pela autora (2020).

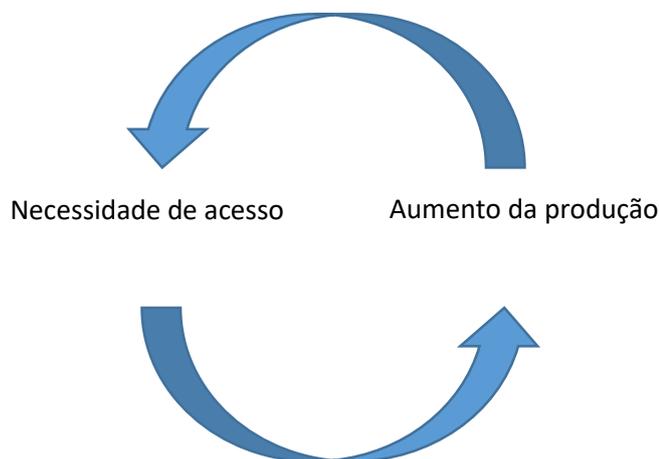
Após a apresentação dos conceitos e autores que alicerçaram o início desta pesquisa, o capítulo seguinte apresentará um apanhado de autores que estruturam a CoInfo e sua empregabilidade nos centros e unidades informacionais, especificamente, as atividades de suporte a aprendizagem desenvolvidas em bibliotecas escolares.

3 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

Foram significativas as transformações informacionais que aconteceram nas mais diversas áreas durante as últimas décadas. Os fatores que mais contribuíram para essa mudança foram a expansão da tecnologia, a aceleração industrial e a globalização que permitiram a aproximação de culturas e a ampliação de saberes. Nota-se, assim, a crescente necessidade informacional das pessoas. Nesse sentido, Ottonicar, Castro Filho e Sala (2019, p. 3) afirmam que a “internet, os computadores e celulares permitem que as informações sejam disseminadas de maneira veloz em diversos âmbitos como o econômico, o social e o político” ocasionando uma aceleração desse processo de produção e consumo da informação.

Do mesmo modo, Cavalcante e Rasteli (2013, p. 166) apontam para um crescente desenvolvimento das “novas tecnologias”, com a diminuição significativa de documentos no meio físico e facilidades de conexão que multiplicam as práticas de pesquisa e leitura. O indivíduo que adquire ferramentas capazes de imergi-lo em redes, repositórios, galerias, catálogos, periódicos, bancos de dados, entre outros, está provido de importante aparato permissor de sua expansão de ideias. Acredita-se que quanto maiores as possibilidades de acesso, maior o interesse em buscar continuamente novas informações.

FIGURA 1 – Ciclo Informacional



Fonte: elaborado pela autora (2019).

Desta maneira, verifica-se, na Figura 1, a representação de um ciclo informacional: de um lado a necessidade de acesso e de outro o aumento da produção dos conteúdos disseminados, tornando inevitável o aprimoramento de habilidades específicas

para que sua seleção e seu manuseio aconteçam de forma inteligente. Essas habilidades formam um conjunto de saberes que unidos tornam o indivíduo competente.

Existem vários conceitos para o termo competência, sendo que, em sua grande maioria, remetem à ideia pelo atendimento das exigências do mercado por profissionais competentes e que sabem utilizar seus conhecimentos, habilidades e atitudes em prol da organização (SANTOS, SANTO, BELLUZZO, 2016, p. 50).

Manter-se ativa no mercado, com visibilidade e lucratividade tem sido tarefa árdua para as grandes organizações. Largos investimentos são feitos em diversos setores, principalmente na formação dos funcionários. Entretanto, além capacitá-los é fundamental torná-los aptos para que possam acompanhar as mudanças tecnológicas e aprimorar habilidades e competências. Segundo Ottonicar, Castro Filho e Sala (2019, p. 6) “os cidadãos necessitam desenvolver suas capacidades, habilidades e experiências para que aprendam cada vez mais e sejam competentes para transformar informação em conhecimento”.

Observa-se, assim, que “Na contemporaneidade é posto para o ser humano o desafio para lidar com o crescimento exponencial da informação disponível em múltiplos formatos, espaços e aparatos tecnológicos” (GOMES, DUMONT, 2015, p. 85) sendo preciso não apenas absorvê-los, mas também assimilá-los e utilizá-los no meio em vive.

As significativas transformações nos ambientes tecnológicos e informacionais tornam inevitáveis o surgimento de um novo perfil de profissional que buscará ampliar as possibilidades de aprendizagem para manter-se ativo no mercado. Belluzzo, Santos e Almeida Júnior (2014, p. 62) ressaltam que “A informação sempre foi e será um recurso básico para o desenvolvimento de qualquer campo do conhecimento e da atividade humana”, apontam como caminho seu uso eficiente e consciente. Sem embargo, é imprescindível mencionar as crianças e adolescentes que estão vivenciando toda essa transformação como sendo algo comum. Recebem diariamente uma enorme quantidade de dados e informação e, muitas vezes, não possuem habilidades para transformá-los em conhecimento significativo em sua rotina, visto que requerem igualmente atenção para que possam avultar habilidades específicas transformando-se competentes não apenas para o mercado de trabalho, mas também para toda a vida.

Aspirando melhor compreender essas habilidades e competências Belluzzo, Santos e Almeida Junior (2014, p. 63) definem-nas:

- Competências: constituem um conjunto de conhecimentos, atitudes, capacidades e aptidões que habilitam alguém para vários desempenhos da vida. As competências pressupõem operações mentais, capacidades para usar as habilidades e emprego de atitudes adequadas à realização de atividades e conhecimentos.
- Habilidades: acham-se ligadas a atributos relacionados não apenas ao saber-conhecer, mas ao saber-fazer, saber-conviver e ao saber-ser.

Dessa forma, temos que um conjunto de habilidades que possibilitam o desenvolvimento de determinada competência em uma pessoa. Quando nos referimos às novas gerações, acredita-se que suas habilidades devem ser trabalhadas desde a primeira infância para que sejam aprimorados conhecimentos específicos que os tornem um cidadão competente. O repertório humano é construído a partir de experiências empíricas e trocas que acontecem ao longo da vida. O aprendizado nunca cessa, ele é renovado e reforçado com o passar dos dias, meses e anos.

Esse conceito vem sendo largamente estudado em diversos países desde meados da década de 70 (BELLUZZO, 2017), tamanha sua relevância que se dissolveu para diferentes áreas, sendo significativamente incorporada e estudada na Ciência da Informação, especificamente na biblioteconomia, dando suporte tanto para a pesquisa quanto para a prática.

A expressão foi cunhada pelo bibliotecário americano Paul Zurkowski, num documento intitulado “*The information servisse environment: relations and priorities*”. Naquela ocasião, o autor alertou para a superabundância de informação, que era um atributo da sociedade da informação (BRITO; LUCCA, 2018, p. 224).

Dentre as várias questões levantadas na época, foi possível afirmar que, para ser considerado competente na busca e uso informação, o indivíduo deveria saber lidar com os diferentes tipos, meios, fontes e ferramentas informacionais (BRITO; LUCCA, 2018, p. 224), sendo capaz de selecionar dados pertinentes as suas necessidades, planejando seu uso, antecipando e mesmo solucionando problemas.

Ainda de acordo com Belluzzo (2017, p. 57)

O termo *information literacy* vem sendo traduzido ao longo do tempo de diversos modos, como por exemplo, alfabetização informacional, competência informacional, competência em informação, letramento informacional entre outros e, por isso, a definição do termo ainda traz consigo inúmeras discussões na literatura especializada tanto nacional quanto internacional.

Nota-se que cada pesquisador opta por adotar a expressão que melhor o representa, redigindo trabalhos que convergem para o mesmo significado, ou seja, “[...] conjunto de habilidades, que se faziam necessárias, especialmente em uma sociedade caracterizada por um ambiente informacional complexo” (CAMPELLO, 2006, 65). Esse conceito é sustentado pelas habilidades de investigação, aprendizado ativo e independente, pensamento crítico, capacidade “aprender a aprender e o aprendizado ao longo da vida” (CAVALCANTE, RASTELI, 2013, p. 168).

Reforçando a ideia de competências e habilidades, Santos e Alcará (2018, p. 159) reiteram que as habilidades são adquiridas “por meio de estudos e formação” (2018, p. 159) que facilitam o buscar de conteúdo, relacionando a competência com “técnicas e modos de fazer” (2018, p. 159), esses por sua vez “podem ser usados e adaptados a cada nova situação ou necessidade informacional” (2018, p. 159).

Destarte, após conhecer e analisar as diferentes expressões utilizadas na Ciência da Informação para a conceituação desse tema, adotou-se a Competência em Informação (CoInfo) neste trabalho. Entende-se que, apesar de apresentarem o mesmo significado, as “[...] outras formas de tradução oferecem ambiguidades semânticas” (BELLUZZO, 2017, p. 57), portanto, após vislumbrar as inúmeras possibilidades acerca da competência desenvolvida no meio educacional, tratar-se-á seu uso especificamente voltado para as habilidades em informação.

A CoInfo “estimula a busca, o acesso, o uso e a comunicação da informação de modo ético, a fim de que o conhecimento seja fundado individualmente ou em grupo” (SILVA *et. al.*, 2018, p. 402). Ela passa a ser imprescindível em todos os setores informacionais, sua relevância faz com que o indivíduo busque cada vez mais formas de se conectar ou mesmo de encontrar a informação. Esse conteúdo proporciona maiores interações com outras pessoas da comunidade em que vive e, até mesmo, de fora da comunidade, fazendo com que seu ciclo social e cultural seja expandido

Alguns estudiosos mencionam essas habilidades como sendo parte de um treinamento, ou mesmo, formação que buscava educar o indivíduo num processo mecânico de pesquisa há um dado ou há um livro, o intuito era “facilitar a recuperação e o acesso à informação trabalhada para o público” (GOMES; DUMONT, 2015, p. 97-8) exclusivo daquela unidade, “os estudos de usuário e de educação de usuários [eram] voltados ao uso de fontes informacionais” (GOMES; DUMONT, 2015, p.97-8).

Santos, Santo e Belluzzo (2016) apontam a CoInfo como estratégia na busca por aprimorar a competitividade no mercado. Todavia, Gomes e Dumont (2015, p. 99) afirmam que

Por um lado, a competência em informação parece coadunar para uma formação para o mundo da produção e do mercado em uma economia fortemente baseada em serviços e no uso da tecnologia. Por outro lado, significa dizer que tal competência estabelece as bases para que os indivíduos possam, principalmente, por meio das ações das bibliotecas direcionadas a aprendizagem em informação, acessar e usar a informação na construção de novos conhecimentos, não somente para que se torne materialidade simbólica como alvo de disputa e um produto de apropriação privada, e sim como meio que provoque mudanças de comportamento — atitude, conscientização, discernimento e valor — face à participação social e cidadania.

Sabe-se hoje, que essa construção de conhecimentos não é passível, ela é expansiva, ativa e configura um conjunto de habilidades que favorecem o acesso e a compreensão das informações pesquisadas. Esse processo de evolução das habilidades individuais é contínuo e amplamente aprimorado, principalmente nos centros informacionais, tais como as bibliotecas.

A *American Library Association* (ALA, 1989) redigiu um relatório intitulado *Final report* onde está relatado o processo de aprendizagem que envolve diretamente o estudante. De acordo com o relatório, “A educação precisa de um novo modelo de aprendizagem que se baseie nos recursos de informação do mundo real e no aprendizado ativo e integrado, não passivo e fragmentado” (ALA, 1989, tradução nossa). Um dos profissionais que contribuem efetivamente para essa mudança é o bibliotecário escolar, sua atuação significativa possibilita aos estudantes ampliar seu repertório leitor, bem como, aprimorar suas habilidades informacionais tornando-os competentes em informação.

Cavalcante e Rasteli (2013) afirmam que o bibliotecário é responsável por inserir e também aprimorar os diferentes níveis de leitura que o estudante possa alcançar. Assim, apresentam alguns tópicos para o profissional atuante em biblioteca pública:

- Ser leitor ativo;
- Conhecer as teorias da leitura;
- Valorizar as narrativas orais (mediação oral da literatura);
- Viabilizar o acesso à informação em seus diferentes suportes;
- Desenvolver a Advocacy em biblioteca pública;
- Conhecer as políticas públicas para o livro e leitura;

- Estar atento às multiplicidades culturais;
- Estabelecer relações afetivas com o leitor;
- Trabalhar em equipe;
- Estabelecer parcerias;
- Ter competências aplicadas às tecnologias da informação e comunicação (TIC);
- Conhecer e utilizar as ferramentas da WEB 2.0; e
- Buscar a educação continuada.

Apropriando-se desses itens mencionados acima, os autores alegam que o bibliotecário conseguirá desenvolver com mais facilidade as habilidades e competências leitoras em seu público. Acredita-se que esses tópicos podem ser empregados não apenas na biblioteca pública, mas em diversos centros informacionais, bem como, nas bibliotecas escolares.

Esses profissionais são responsáveis por auxiliar seus usuários a expandirem suas habilidades tornando-se competentes em informação. As BEs configuram-se em uma das principais ferramentas de apoio ao ensino e a aprendizagem, visto que, ela é permeada por concepções educacionais e professores que potencializam e estimulam os estudantes a pesquisar.

De acordo com Paulo, Casarin e Manhiqueti (2018, p. 1590) “para o desenvolvimento da competência em informação, deve ocorrer a inclusão no projeto político-pedagógico das escolas e, mais que a inclusão, é necessário que os coordenadores, professores e bibliotecários acreditem em um novo modelo de aprendizagem”. O diferencial das BEs é a quantidade de profissionais envolvidos nesse processo e a qualidade dos materiais e ações trabalhadas em parceria.

Corroborando com essa ideia, Fonseca e Spudeit (2016, p. 37) afirmam que

Além do professor, existem outros profissionais que auxiliam o aluno durante o processo da formação de sua identidade e na construção do conhecimento. Um destes profissionais é o bibliotecário que também tem a tarefa de mediar a aprendizagem dos alunos e apresentar diferentes fontes e recursos de informação.

Assim, o estudante ao entrar em contato com diversos recursos informacionais e estar amparado por educadores que facilitem sua aprendizagem, suas habilidades serão aprimoradas, suas competências fortalecidas e seu conhecimento se dará de forma

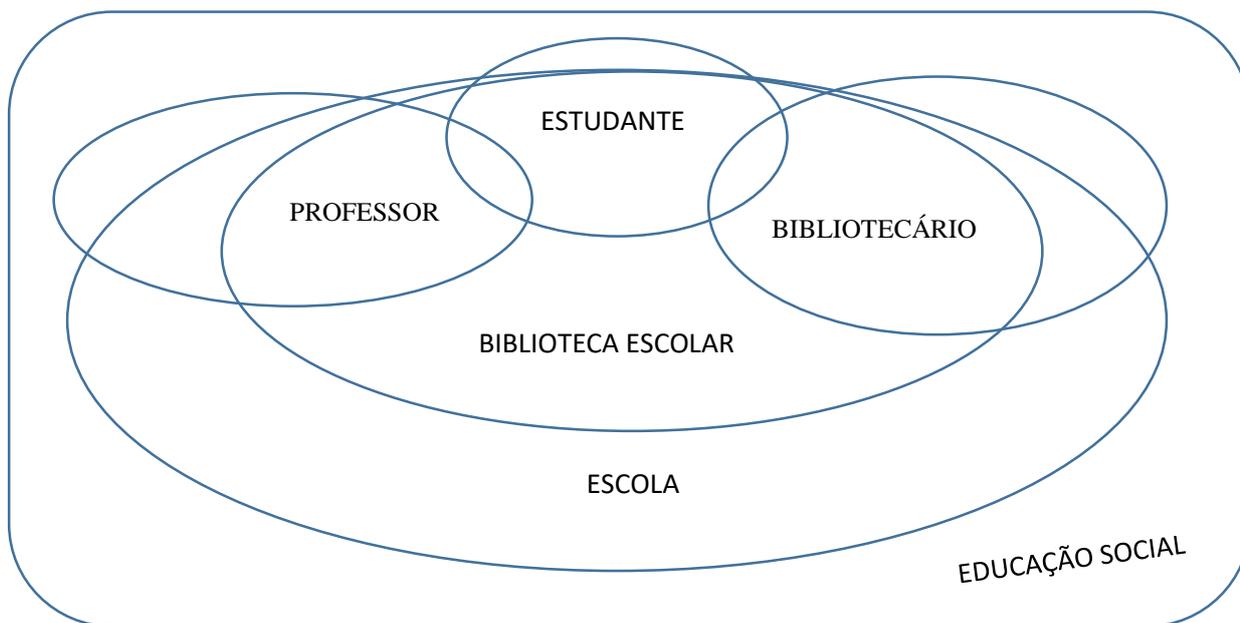
significativa e eficiente. O uso adequado da BE, com atividades de suporte à aprendizagem realizadas em parceria entre professores e bibliotecários, desperta, nos estudantes, interesses necessários para ampliar as possibilidades de ensino e de aprendizagem.

3.1 Atividades de Suporte a Aprendizagem Desenvolvidas na Biblioteca Escolar

A CoInfo está presente nas escolas e auxilia os educadores no processo de ensino aprendizagem dos estudantes. Também é possível observá-la na BE por meio da dinâmica de atendimento à comunidade escolar e na parceria que acontece entre professor e bibliotecário. Durante o desenvolvimento de atividades que visam instigar nos estudantes hábitos de leitura e a melhor assimilação do conteúdo iniciado em sala de aula, aprimoram-se “habilidades para o uso da informação” (HATSCHBACH, OLINTO, 2008, p. 26) que têm um importante “impacto no desenvolvimento do estudante, pois fortalece sua capacidade de acessar, selecionar, avaliar e incorporar a informação” (HATSCHBACH, OLINTO, 2008, p. 26).

Essas atividades que dão suporte à aprendizagem são de extrema importantes para o estudante e ampliam seu acesso a diversas fontes informacionais, ela fortalece também a investigação e a busca por novos conhecimentos, valorizando o processo de pesquisa. “Como pesquisa deve-se entender um processo racional e sistemático” (BELLUZZO, 2005, p. 40), recomenda-se que seu planejamento aconteça com antecedência e seja estruturado pelo professor e bibliotecário. O estabelecimento de um método que almeje respostas pontuais e ofereça apoio aos estudantes é outro fator relevante para que o aprendizado se desenvolva de forma significativa.

Entende-se que “[...] a escola, por meio de uma educação de qualidade, acaba sendo espaço propício para a formação de um adulto capaz de interagir de maneira eficaz na sociedade [...]” (FONSECA, SPUDEIT, 2016, p. 39) podendo também transformá-la. Os diferentes espaços e educadores atuantes na escola são agentes modificadores que estão inter-relacionados e juntos conseguem aprofundar as diferentes habilidades propostas pela CoInfo na biblioteca escolar.

FIGURA 2: Inter-relação do uso da Biblioteca Escolar.

Fonte: Elaborada pela autora (2019).

A Figura 2 demonstra como acontece a parceria no interior da escola, em que os envolvidos já possuem um conhecimento prévio que é respeitado e aproveitado durante a aprendizagem. Professor e bibliotecário integrados à concepção escolar e aos recursos oferecidos pela BE atuam juntos para que o estudante possa ser protagonista de seu aprendizado.

Existem várias formas de desenvolver a CoInfo nos estudantes, eles possuem a capacidade de adquirirem algumas habilidades sozinhos, entretanto, existem outras específicas que necessitam da mediação do professor e do bibliotecário. Segundo a Declaração de Maceió (2011) a parceria entre profissionais e instituições é primordial para fomentar e promover essas competências, pois, ações contínuas e que acompanhem as tendências informacionais e tecnológicas são capazes de melhorar os níveis educacionais de um indivíduo e mesmo de uma comunidade.

A tarefa de copiar trechos ou até mesmo páginas inteiras dos livros está simplificada com os recursos tecnológicos, muitos estudantes optam pelo copiar e colar das páginas da internet. Essa prática, não agrega nada em seus conhecimentos e dificulta sua formação como cidadão. A *internet* surge com um novo modelo de comunicação, a informação agora não é transmitida apenas por programas de rádios e TV (BRISOLA, ROMERO, 2018) e ela impacta o cotidiano das pessoas, tornando imprescindível moldar

e desenvolver habilidades que ampliem suas capacidades de assimilar e fazer uso crítico de todas as possibilidades oferecidas, inclusive pela *internet*.

O professor deve induzir os estudantes a conhecer diferentes pontos de vista e se aperfeiçoarem, ele mostra diversos caminhos e permite que cada um percorra o caminho escolhido, mesmo que isso o leve ao erro. Acredita-se que o erro também agrega conhecimento, fazendo com que ele adquira a competência de escolher os próximos caminhos com mais sabedoria. Paulo, Casarin e Manhique (2018, p. 1583) salientam a importância do professor afirmando que se “professores não acreditarem que é importante uma mudança pedagógica no ensino em relação à autonomia na busca por informação e ao acesso ao grande volume de informação, o trabalho não se concretizará da forma desejada”, ou seja, o professor deve reconhecer seu papel nessa mudança educacional incentivando o protagonismo do estudante e auxiliando-o na melhoria das competências que o farão utilizar a informação de forma independente.

A Carta de Marília (2014) apoia a promoção e a divulgação dessas ações que incentivam a leitura com foco no desenvolvimento da CoInfo, repassando a responsabilidade aos mediadores – professores e bibliotecários - e centros informacionais, para que ambos ampliem a organização, estruturação e compreensão da informação como algo imprescindível ao crescimento de uma comunidade.

De acordo com a *American Association of School Librarians* (1998), para ser considerado competente em informação o estudante necessita apresentar algumas habilidades de aprendizagem independente e responsabilidades social que estão dispostas no Quadro 4.

Quadro 4 – O estudante competente em informação.

I	Competência em Informação	Acessar a informação de forma eficiente e efetiva.
		Avaliar a informação de forma crítica e hábil.
		Usar a informação de forma precisa e criativa.
II	Aprendizagem Independente	Buscar a informação relacionada com seus interesses.
		Apreciar a literatura e outras formas de expressão criativa da informação.
		Se empenhar para obter excelência na busca por informação e geração de conhecimento.

III	Responsabilidade Social	Reconhecer a importância da informação para a sociedade democrática.
		Praticar o comportamento ético em relação à informação e à tecnologia da informação.
		Participar efetivamente de grupos que busquem e gerem informação.

Fonte: adaptado da *American Association of School Librarians* (1998, tradução nossa)

Nota-se no Quadro 4 que a parceria entre professor e bibliotecário favorece todas as habilidades necessárias para que os estudantes sejam competentes em informação. Atividades simples de orientação da utilização de sumários, índices, obras de referências, localização de materiais no acervo entre outras, são as mais indicadas para o item I - Competência em Informação no quesito de acesso. Já a avaliação e uso demandam um pouco mais de tempo e requerem a mediação e debate dos assuntos que estão sendo pesquisados. Ao perceber as mudanças no modo de pensar, o estudante utiliza com mais determinação e responsabilidade os meios de comunicação que tem acesso.

Observando o item II –Aprendizagem Independente percebe-se que, ao adquirir a competência em localizar a informação, o estudante está apto a interagir com ela de maneira independente. Ele passa a buscar aquilo que aprecia e empenha-se para que o acesso seja algo constante em seu cotidiano. Assim, ele alcança as habilidades necessárias para o item III – Responsabilidade Social, contribuindo positivamente para que sua comunidade e a sociedade de modo geral reconheçam, pratiquem e participem de atividades voltadas para a democracia e à ética, expandindo a produção e consumo da informação consciente.

Isto posto, cabe ao bibliotecário escolar o comprometimento de propor um leque de possibilidades que incentive os estudantes a não desistirem no decorrer dos caminhos escolhidos. Segundo Fonseca e Spudeit (2016, p. 53), “[...] é necessário que o bibliotecário escolar realize atividades que permitam a interação dos alunos com o ambiente, para que eles entendam como a biblioteca funciona e qual a sua função no ambiente escolar”, isso os levará a novas indagações que os mobilizarão a buscarem sempre mais conhecimento e cultura, corroborando para que se transformem e se aprimorem constantemente.

Com essas funções distintas, trabalhando em prol de um mesmo objetivo, professor e bibliotecário unem-se para oferecer amplas possibilidades às crianças e

adolescentes que ainda estão construindo seus saberes. Eles serão, assim, apresentados à temas, livros, vídeos, periódicos, multimídias, etc. que sanarão suas dúvidas e criarão outras, transformando-os em pesquisadores conscientes. “Ao completar o trabalho um do outro, é possível ir além do conteúdo dos livros didáticos, permitindo o acesso às informações relevantes e pertinentes, conhecimentos sobre o mundo e a sociedade, vistos através de olhares críticos” (FONSECA, SPUDEITI, 2016, p. 37).

Essa parceria entre esses educadores deve acontecer de forma planejada, o professor propõe um tema e apresenta o objetivo – que será trabalhado na BE. O bibliotecário realiza uma pesquisa prévia relacionando todo o material existente no acervo. Essa consulta inicial é relevante, visto que, muitas bibliotecas ainda possuem acervo limitado. O próximo passo é listar as possibilidades de trabalho para o aprofundamento do conteúdo: jogos, leitura e socialização, leitura compartilhada, dinâmicas, debates, exposições e apresentações musicais, entre outros. Conhecendo o plano de trabalho do professor, nada impede o bibliotecário de sugerir atividades que vão ao encontro das expectativas do professor, ambos são qualificados para realizarem esse contato inicial com foco na CoInfo do estudante.

Após analisar as possibilidades, determina-se o tempo estimado da atividade, os recursos que serão utilizados, a organização da biblioteca e os comandos que os estudantes receberão. Caso haja necessidade, o professor e o bibliotecário deverão atuar como moderadores, auxiliando na conclusão das etapas. Acredita-se que todos devam avaliar os resultados obtidos para que os educadores sejam capazes complementar algum assunto que tenha ficado vago, ou mesmo, aperfeiçoar a atividade evitando falhas futuras.

Belluzzo (2017) menciona que a criação de indicadores para realizar a avaliação de atividades relacionadas à pesquisa ajuda no aprimoramento e no desenvolvimento das mesmas. Da mesma forma, Spudeit (*et. al.*, 2017) ressalta o uso da avaliação como forma verificar os pontos fortes e pontos fracos de cada ação dentro de uma escola. Acredita-se que as atividades de suporte a aprendizagem da biblioteca escolar devem seguir essas orientações para que aconteçam assertivamente e produzam resultados positivos nos estudantes e na comunidade escolar como um todo.

Existem, na literatura, alguns modelos já consolidados de atividades que auxiliam no aperfeiçoamento da CoInfo. Eles foram apresentados por Kuhlthau (2013) e por Belluzzo (2006), podendo ser utilizados como ponto de partida nas BEs para o

desenvolvimento de competências. O primeiro, desenvolvido por Kuhlthau (2013), possui seis estágios de busca: 1 – início; 2 – seleção; 3 – exploração; 4 – formulação; 5 – coleta e 6 – apresentação. Que resume o processo de pesquisa realizado pelo estudante durante uma atividade na biblioteca.

O segundo modelo baseia-se na aprendizagem significativa com a utilização de mapas conceituais para que o estudante possa definir e reconhecer sua necessidade informacional, podem-se ampliar também conceitos e sua evolução, instigando a curiosidade no estudante fazendo com que ele perceba a necessidade de estar em contato direto com diferentes fontes de informação (BELLUZZO, 2006).

Existe ainda um longo caminho a ser percorrido nessa área educacional, constroem-se e aperfeiçoam-se métodos que são capazes de contribuir significativamente para a formação do estudante. Entretanto, os resultados já obtidos evidenciam que práticas como essas devem ser lapidadas e multiplicadas. Durante o ano letivo, os estudantes conseguem desenvolver competências que os tornem aptos a delimitar termos de busca, escolher as fontes que serão consultadas, selecionar o material a ser pesquisado, analisar, interpretar, reproduzir e argumentar sobre o conhecimento que acabaram de adquirir.

Buscando maior visibilidade para os documentos e autores aqui utilizados como apoio na sistematização do referencial teórico deste capítulo, desenvolveu-se o Quadro 5, que reúne contribuições relevantes para o alinhamento da CoInfo com as atividades desenvolvidas nas BEs.

Quadro 5 – Principais contribuições dos autores (CoInfo)

Autor (a)	Contribuições
<i>AMERICAN ASSOCIATION OF SCHOOL LIBRARIANS (1998)</i>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Normas para aprimorar a Competência em Informação nos estudantes: aprendizagem e responsabilidade social.
BELLUZZO (2005)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Competência em Informação. ▪ Redes de bibliotecas e seu potencial educacional.
BELLUZZO (2006)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A gestão da informação e da comunicação resultando na Competência em Informação.
BELLUZZO (2017)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A Competência da Informação no Brasil: evolução conceitual.

BELLUZZO, SANTOS E ALMEIDA JÚNIOR (2014)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A Competência da Informação e sua avaliação.
BRISOLA, ROMERO (2018)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O uso da informação de maneira significativa: a Competência da Informação.
BRITO; LUCCA (2018)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A Competência em Informação: evolução do tema no Brasil.
CAMPELLO (2006)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A Competência em Informação na escola.
CARTA DE MARÍLIA (2014)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Competência em Informação no Brasil: parâmetros para os centros formadores.
CAVALCANTE E RASTELI (2013)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A Competência em Informação na Biblioteca Pública.
DECLARAÇÃO DE MACEIÓ (2011)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O desenvolvimento da Competência em Informação nos espaços informacionais.
FONSECA, SPUDEITI (2016)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A Biblioteca Escolar dando suporte no desenvolvimento da Competência em Informação: ensino médio.
GOMES, DUMONT (2015)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A Competência em Informação: educação e trabalho.
HATSCHBACH, OLINTO, (2008)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A evolução histórica e conceitual da Competência em Informação.
KUHLTHAU (2013)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A Biblioteca Escolar dando suporte no desenvolvimento da Competência em Informação: ensino fundamental. ▪ Programa de atividades.
OTTONICAR, CASTRO FILHO E SALA (2019)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A Biblioteca Escolar dando suporte no desenvolvimento da Competência em Informação
PAULO, CASARIN E MANHIQUE (2018)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A Biblioteca Escolar dando suporte no desenvolvimento da Competência em Informação: ensino fundamental.
SANTOS, SANTO, BELLUZZO (2016)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A Competência em Informação: ações e práticas mercadológicas.

Fonte: elaborado pela autora (2019).

Em suma, a descrição estruturada de conteúdo relevante, que foi sistematizada no Quadro 5, será útil para as análises realizadas nos próximos capítulos. Entretanto, destaca-se a seguir os procedimentos metodológicos que tornaram esta pesquisa possível.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nas próximas páginas estrutura-se as etapas metodológicas da pesquisa desenvolvida sobre as atividades de suporte a aprendizagem da Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo. Certos de que a junção de métodos adequados, a utilização de várias fontes de evidências e a postura imparcial da pesquisadora foram fundamentais para a construção desse relatório, culminando em resultados relevantes para o aprimoramento de redes de bibliotecas de uma forma geral. Acredita-se que as inferências aqui realizadas servirão de base para futuras investigações com essa temática.

A pesquisa aqui apresentada possui caráter exploratório para “delinear melhor o objeto de estudo” (ANDRÉ, 2008, p. 48). Com abordagem qualitativa, a metodologia escolhida foi o estudo de caso, com o uso de três métodos para coleta de dados: o grupo focal com bibliotecários da rede, análise de documentos produzidos pelos pesquisados e entrevista com a bibliotecária responsável por orientar os profissionais que atuam nas bibliotecas.

Diferentes recursos foram utilizados para construir a fundamentação teórica que embasa essa investigação. O levantamento bibliográfico foi imprescindível para a apropriação das várias informações sobre o tema desse trabalho, o foco principal foram as literaturas nacionais, priorizando os trabalhos desenvolvidos nos últimos 10 anos nas diferentes regiões do país e os documentos redigidos por organizações que desempenham um papel importante na estruturação e conceituação da BEs – alguns escritos na língua inglesa. Andrade (2009, p. 109) afirma que a reunião sistematizada de conceitos deve ser “[...] baseado no raciocínio lógico que tem por objetivo encontrar soluções para problemas propostos, mediante a utilização de métodos científicos [...]”. A fundamentação teórica visa a sustentação de teorias sobre o tema investigado, visto que, a pesquisa de campo não oferece todas as informações necessárias para a construção de resultados e propostas (GIL, 2009). As abordagens, modelos, teorias, conceitos e padrões já existentes na literatura servem como pilar na construção das análises finais tornando todo o trabalho de pesquisa mais esclarecedor.

Nesse sentido, Yin (2001, p. 50) afirma que a fundamentação teórica “[...] fornecerá uma direção surpreendentemente forte ao determinar quais dados devem ser coletados e as estratégias de análise desses dados”. Antes de qualquer levantamento, é

preciso que o pesquisador reúna os conceitos já existentes e os estudos já desenvolvidos com a temática proposta. Esses dados e informações são determinantes para que as discussões temáticas sejam ricas e a análise aconteça de forma eficiente.

Costa (2013, p. 50) reitera que “[...] os diversos métodos de pesquisa são formas de analisar as evidências [...]”, contudo o apoio em conceitos possibilita observar os diversos caminhos existentes, ou mesmo, detectar a presença de elementos que alavanquem a investigação. Esses métodos sem embasamento teórico de pesquisa apenas trazem um amontoado de informações que não farão sentido algum, colocando em dúvida todo o trabalho de análise dos dados e a construção do relatório final.

Portanto, para a sustentação das análises dos resultados dessa investigação utilizou-se a Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI) e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) com recorte temporal de 2000 a 2019 que permitiu a seleção de trabalhos que descrevessem conceitos históricos e a trajetória evolutiva de nosso objeto de estudo. Os termos utilizados foram:

- a) Rede de bibliotecas;
- b) Bibliotecas escolares;
- c) Atividades de suporte a aprendizagem;
- d) Competência em informação;
- e) Competência informacional; e
- f) Letramento informacional.

Após a leitura dos títulos e resumos, foi possível filtrar os trabalhos, adotando apenas os convergentes com esta pesquisa e que apresentavam relevância para a construção do referencial teórico. Os próximos tópicos apresentam a descrição da metodologia, bem como, dos métodos de coleta de dados adotados, o universo de pesquisa e a caracterização do público alvo.

- **Universo de Pesquisa**

A instituição escolhida para essa pesquisa foi o Serviço Social da Indústria (SESI), organização existente em todo o país, aliada a empresas e indústrias e trabalha em prol de melhorar a qualidade de vida dos trabalhadores e suas famílias. Atua com diversas modalidades esportivas, educacionais e prevenção de doenças o

SESI mantém uma rede de escolas que oferecem educação básica, educação de jovens e adultos, educação continuada e acompanhamento pedagógico para trabalhadores da indústria e seus dependentes. A instituição também mantém uma rede de bibliotecas, teatros e espaços culturais que facilitam o acesso dos brasileiros ao conhecimento e às artes (SESI, 2018c).

Considera-se importante reduzir universo desta pesquisa para a área educacional do Estado de São Paulo, especificamente, a Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria da São Paulo. Essas unidades de ensino trabalham com a concepção de educação englobando o ensino, a aprendizagem e a pesquisa partindo de uma abordagem sociointeracionista. Proposta que difere da “[...] concepção bancária [...]” (FREIRE, 1996, p. 57) em que o professor é único detentor do conhecimento, da verdade absoluta, e o aluno um mero receptor das informações a serem transmitidas pelo mestre.

As Escolas SESI-SP possuem as características necessárias para a coleta de dados dessa investigação, além da equipe docente também se encontra em seu quadro de funcionários o bibliotecário. É relevante destacar que ambos possuem papéis distintos, um não pode e não deve substituir o outro, entretanto, essa atuação conjunta é muito importante para alcanças os objetivos desta pesquisa.

Ressalta-se que, devido ao grande número de bibliotecas e bibliotecários existentes, foi preciso realizar a coleta de dados por amostragem. Selecionou-se oito unidades geograficamente agrupadas que fazem parte do CAT Botucatu – SP e CAT Jau - SP. Outro fator relevante na escolha dessa região foi a quantidade de bibliotecários que poderiam trazer resultados significativos para a pesquisa devido à metodologia.

- **População Alvo**

Após analisar o SESI-SP e seus aspectos mais relevantes, concluiu-se que seria necessário delimitar a população alvo para a coleta de dados. Julgou-se essencial para o sucesso dessa pesquisa ouvir um dos membros que é responsável por orientar tecnicamente os bibliotecários dessa rede. Neste caso, a bibliotecária responsável por acompanhar e supervisionar o trabalho de todos os bibliotecários contratados pela Rede SESI-SP, a qual chamaremos aqui de Analista Técnica Educacional.

Incluiu-se também os bibliotecários que atuam nas unidades, sendo necessário delimitar os participantes dessa coleta, optou-se, dentre as diversas escolas que integram a Rede SESI-SP, pelas subsidiadas ao mesmo CAT, conseqüentemente, sendo geridas pelo mesmo Diretor. Esse, responsável por supervisionar administrativamente oito

unidades, compreendeu a importância dessa investigação e permitiu a pesquisa e coleta de dados das escolas que fazem parte do CAT Botucatu (Avaré, Botucatu, Barra Bonita e Igarapu do Tietê) e CAT Jaú (Bariri, Brotas, Pederneiras e Jaú).

Dos oito bibliotecários que foram convidados a participarem do Grupo Focal, apenas cinco confirmaram e compareceram no dia e hora marcados, os demais ausentaram-se e justificaram: a bibliotecária de Bariri estava afastada de suas funções por licença maternidade; o profissional responsável pela unidade de Pederneiras afirmou não possuir interesse em colaborar com a pesquisa e o bibliotecário que atua em Igarapu do Tietê é responsável direto pela pesquisa colaborando como moderador do grupo focal. Assim, estiveram presentes os responsáveis pelas bibliotecas das escolas dos municípios de Avaré, Botucatu, Barra Bonita, Brotas e Jaú. A aplicação dessa técnica durou uma hora e dezoito minutos.

A adoção dos portfólios como terceiro método utilizado nesta investigação se deu pelo fato de serem construídos pelos próprios bibliotecários e relatarem detalhadamente o cotidiano das atividades que são desenvolvidas na biblioteca. Assim, os portfólios dos municípios de Avaré, Botucatu, Barra Bonita, Brotas e Jaú foram solicitados, especificamente, os produzidos no ano de 2018.

- **Estudo de Caso**

Após a seleção, leitura e análise dos textos recuperados para a composição da fundamentação teórica, buscou-se, dentre as diversas metodologias, a que favorecesse essa investigação apresentando resultados palpáveis e precisos sobre a Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo. Os métodos de pesquisa, em sua grande maioria, analisam e comparam evidências, “cada um seguindo sua própria lógica, tendo suas vantagens e desvantagens” (COSTA, 2013, p. 50). Dessa forma, optou-se por uma pesquisa descritiva-exploratória com abordagem qualitativa. Segundo Martins (2008, p. 25) um dos grandes desafios de uma pesquisa qualitativa “é evidenciada pela riqueza, profundidade e singularidade das descrições obtidas”.

A metodologia adotada foi o estudo de caso, ou seja, “[. . .] uma análise detalhada de um caso específico [. . .]” (COSTA, 2013, p. 52). Este tipo de método caracteriza-se como um estudo de campo, que pode ter como objeto de pesquisa “uma instituição, uma escola, um currículo, um evento, um grupo, uma pessoa, etc.” (COSTA, 2013, p. 52).

Essa metodologia de pesquisa, assim como outras, possui pontos fortes e fracos. Diferentes autores (YIN, 2001; MICHEL, 2008; COSTA, 2013) detalham a importância do foco e da imparcialidade do pesquisador durante a coleta e análise dos dados.

O sucesso do Estudo de Caso, em muito, depende da perseverança, criatividade e raciocínio crítico do investigador para construir descrições, interpretações, enfim, explicações originais que possibilitem a extração cuidadosa de conclusões e recomendações (MARTINS, 2008, p. 3).

Um posicionamento neutro do pesquisador é imprescindível, durante a manipulação e verificação das informações coletadas é de importante que seu olhar atento consiga captar os mínimos detalhes do assunto pesquisado. “Quando um pesquisador-autor conduz um estudo de caso em organização de que ele faz parte, cuidados devem ser tomados [...]” (MARTINS, 2008, p. 10) para que as opiniões particulares não conduzam as observações e análises.

Para Michel (2005, p. 33), este método está fundamentado “[...] na discussão da ligação e correlação de dados interpessoais, na coparticipação das situações dos informantes, analisados a partir da significação que estes dão aos seus atos”. O que pode ser chamado de encadeamento (MARTINS, 2008) ou triangulação (YIN, 2001), ou seja, a utilização de diferentes técnicas para coletar dados que serão relacionados e comparados para a construção de análises e conclusões.

De uma forma geral, o projeto de pesquisa é descrito por Yin (2001, p. 41) como “[...] *um plano de ação para se sair daqui e chegar lá*, onde *aqui* pode ser definido como o conjunto inicial de questões a serem respondidas e *lá* um conjunto de conclusões (respostas) sobre essas questões”. Assim, durante esse trajeto, foi possível coletar dados suficientes para a análise dessas informações, utilizou-se como procedimento a triangulação que segundo Yin (2001) embasa categoricamente o estudo de caso utilizando no mínimo três instrumentos diferentes para a coleta de dados. Os instrumentos empregados nesta pesquisa são:

- ✓ Grupo focal - com os bibliotecários da Rede pesquisada;
- ✓ Entrevista – com a bibliotecária responsável por orientar o os profissionais da Rede; e
- ✓ Análise de conteúdo - portfólios produzidos pelos bibliotecários participantes do Grupo Focal, tendo como ano base 2018.

4.1 Coleta de Dados

Aborda-se a seguir os três métodos de coleta de dados que foram selecionados para a aplicação da metodologia, apresentando os autores e conceitos que se destacam, bem como, os pontos positivos e negativos de cada um. Respeitou-se todos os critérios estipulados na Resolução Nº 510 de 07 de abril de 2016 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016), que “[...] dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes [...]”. Na sequência dos próximos tópicos salienta-se o grupo focal, a entrevista e a análise de conteúdo dos portfólios.

- **Grupo Focal**

Este método de coleta de dados tem se mostrado muito eficaz quando existe a necessidade de entrevistar várias pessoas ao mesmo tempo, como “técnica ocupa uma posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade” (GONDIM, 2003, p. 151). O ponto chave de todo o processo é o pesquisador, que atua sem grandes intervenções, entretanto, não permite que os participantes percam o foco do assunto abordado.

Gondim (2003, p. 151) afirma que “o moderador de um grupo focal assume uma posição de facilitador do processo de discussão, e sua ênfase está nos processos psicossociais que emergem”, nos gestos, tom de voz, sinais corporais dos participantes, concordando ou não com o que está sendo apresentado, ou seja, cabe ao moderador incentivá-los a prosseguirem com a narrativa de suas experiências a fim trocarem as informações necessárias para o fortalecimento da coleta de dados.

Assim, os bibliotecários responsáveis pelas bibliotecas das unidades do CAT Botucatu e CAT Jaú – como já mencionado – foram reunidos no dia 26 de março de 2019 em Campinas – SP. Na ocasião, todos participavam de uma formação oferecida pelo SESI-SP e estavam hospedados na cidade. Após o término das atividades do dia, eles se dirigiram para um local previamente preparado para a coleta dos dados que foi registrada em vídeo e um roteiro semiestruturado (apêndice B) foi utilizado para acompanhar as discussões. O roteiro, elaborado com o objetivo de analisar as atividades trabalhadas em parceria entre professor e bibliotecário, permitiu verificar o planejamento, desenvolvimento e avaliação das mesmas. A dinâmica inicial foi utilizada para coletar

informações de levantamento prévio e as demais pensadas para direcionar as discussões caso houvesse desvio de assunto.

Segundo Martins (2008, p. 29), “a integração espontânea dos participantes propicia riqueza e flexibilidade na coleta de dados, não comuns quando se aplica um instrumento individualmente”. Assim, os sujeitos pesquisados sentiram-se à vontade para dialogarem e argumentarem uns com os outros sobre o tema proposto, enriquecendo as observações, anotações e análises propostas nessa investigação.

- **Entrevista**

A entrevista estruturada foi o método escolhido para coletar os dados com a Analista Técnica Educacional responsável por orientar tecnicamente todos os profissionais que atuam na rede. O método foi selecionado devido a sua objetividade para que o foco fosse mantido no tema escolhido. Segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 82), essa estratégia “[...] é aquela que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas [...]”, facilitando a coleta de informações, ampliando as chances de uma análise mais assertiva e direcionando o assunto caso haja possíveis interferências.

Fraser e Gondim (2004, p. 143) afirmam que “[...] as entrevistas estruturadas, em grande parte, se fundamentam na existência de um conhecimento exterior que pode ser apreendido pelo pesquisador [...]”, ou seja, um diálogo entre duas ou mais pessoas que possibilite o entendimento de um ou vários assuntos determinados, facilitando, assim, a coleta de informações necessárias para análise dos dados aqui apresentados.

A realização da entrevista aconteceu no dia 27 de março de 2019 na cidade de Campinas durante a formação anual dos bibliotecários da rede SESI-SP. O roteiro de entrevista semiestruturado (Apêndice D) direcionou a coleta de dados que foi gravada em áudio para assegurar a transcrição das informações. Elaborou-se o roteiro da entrevista com o intuito de analisar as atividades de apoio a aprendizagem. Buscou-se verificar de que forma essas atividades são planejadas, desenvolvidas e avaliadas pelos bibliotecários que buscam aprofundar as CoInfo nos estudantes das Escolas SESI-SP com a intenção de atingir os objetivos da pesquisa.

Como afirma Martins (2008, p. 27), o “[...] objetivo básico [da entrevista] é entender e compreender o significado que os entrevistados atribuem a questões e

situações”. Neste caso específico, foi possível compreender melhor sobre a implantação da rede, contratação dos bibliotecários, documentos que são produzidos e as atividades desenvolvidas pelos mesmos, bem como, as parcerias desenvolvidas. “Por conseguinte, é muito comum que as entrevistas para o estudo de caso sejam conduzidas de *forma espontânea* [...]” (YIN, 2001, p. 117), neste caso, a entrevistada pôde expor suas impressões e reflexões sobre o assunto.

- **Análise Conteúdo: portfólios**

Esta técnica de coleta de dados busca “[...] analisar e avaliar Regulamentos, Estatutos, Jornais Internos, Circulares, material escrito divulgado em *site* institucional da organização e textos de modo geral” (MARTINS, 2008, p. 33), são informações presentes em documentos que servem para a comunicação interna e mesmo a divulgação de algum dado sobre determinada organização ou instituição. O método aqui proposto oferece condições para caracterizar e descrever os portfólios produzidos pelos bibliotecários que atuam na Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo, bem como, demais informações, procedimentos e atividades internas.

Esse tipo de abordagem além de permitir desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos, referentes a grupos particulares, propicia a criação de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e categorias durante a investigação [. . .] a análise de conteúdo compreende técnicas de pesquisa que permitem, de forma sistemática, a descrição das mensagens e as atitudes atreladas ao contexto da enunciação, bem como as inferências sobre os dados coletados (CAVALCANTE; CALIXTO; PNHEIRO, 2014, p. 14).

Yin (2001) afirma que ao pesquisar equivocadamente os documentos poderemos colocar em dúvida a confiabilidade das análises. Assim, utilizou-se como apoio as etapas descritas por Bardin (1977, p. 95) “[...]a pré-análise [...] a exploração do material [...] o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação [...]” impulsionando as observações com o referencial teórico já elaborado, bem como, direcionando cada etapa das análises desse documento.

As atividades selecionadas estão diretamente relacionadas com as habilidades em informação descritas no Quadro 4 desta pesquisa. De acordo com a *American Association of School Librarians* (1998), o estudante competente em informação deve acessar, avaliar, usar, buscar, apreciar, empenhar-se para obter, reconhecer e praticar eticamente o que aprendeu com a informação que pesquisada.

Buscou-se, especificamente, informações descritas nos resumos dos portfólios elaborados pelos bibliotecários responsáveis pelas bibliotecas das unidades do CAT Botucatu e CAT Jaú – documentos do ano de 2018. Durante a primeira etapa, foi possível organizar e sistematizar as ideias, selecionando os documentos, as atividades e realizando a leitura preliminar dos mesmos. Em seguida, identificou-se pontos relevantes das atividades selecionadas, as leituras prosseguiram minuciosa e repetidamente, observando cada detalhe descrito. Finalizou-se com a análise quantitativa dos documentos, elaboração de quadros, interpretação e relação das informações analisadas com conceitos e teorias que embasaram essa investigação.

Destarte, encerra-se esse capítulo com a apresentação do Quadro 6, que descreve as principais fontes utilizadas para o embasamento teórico dos procedimentos metodológicos.

Quadro 6 – Principais contribuições dos autores (procedimentos metodológicos).

Autor (a)	Contribuições
AMERICAN ASSOCIATION OF SCHOOL LIBRARIANS (1998)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Normas para aprimorar a Competência em Informação nos estudantes: aprendizagem e responsabilidade social.
ANDRADE (2009)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Parâmetros metodológicos.
ANDRÉ (2008)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Estudo de caso: métodos e metodologias.
CAVALCANTE; CALIXTO; PNHEIRO (2014)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Análise de conteúdo: padrões e características.
COSTA (2013)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Parâmetros metodológicos: estudo de caso.
FRASER E GONDIM (2004)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Entrevista: parâmetros a serem seguidos para a coleta de dados.
FREIRE (1996)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Conceitos para o ensino aprendizagem contemporâneo
GIL (2009)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Parâmetros metodológicos: métodos de coleta e análise de dados.
GONDIM (2003)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Grupos focais: parâmetros, modelos e características.
MARCONI E LAKATOS (2010)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Parâmetros metodológicos: métodos de coleta e análise de coleta de dados.
MARTINS (2008)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Estudo de caso: parâmetros, conceitos e orientações.
MICHEL (2008)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Metodologia da pesquisa: área de ciências sociais.
SESI (2018c)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Apresentação geral da Rede Escolar
YIN (2001)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Análise de conteúdo: fundamentos, modelos e conceitos.

Fonte: elaborado pela autora (2020).

Enfim, após a estruturação da pesquisa realizou-se a coleta e a análise dos dados, favorecendo não apenas a discussão, mas também, a construção de resultados que acatam os requisitos necessários para uma pesquisa de estudo de caso. No próximo capítulo evidencia-se as principais informações coletadas e a relevância das mesmas para a construção dos resultados dessa investigação.

5 DISCUSSÃO DA ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS DA PESQUISA

O objetivo desta pesquisa foi analisar as atividades de suporte as aprendizagens desenvolvidas em parceria entre professor e bibliotecário que buscam aprofundar as competências em informação nos estudantes das Escolas SESI-SP. Assim abordou-se como essas atividades são planejadas, desenvolvidas e avaliadas. Os resultados são apresentados em quatro etapas: entrevista com Analista Técnica (responsável por orientar os bibliotecários da rede), grupo focal com os bibliotecários que atuam nas BEs, análise dos portfólios produzidos pelos próprios bibliotecários da rede e a triangulação das informações coletadas. Ambos são descritos e analisados qualitativamente com ênfase nos dados relevantes.

5.1 Entrevista

No dia 27 de março de 2019 a Analista Técnica Educacional da Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo colaborou com esta pesquisa respondendo às questões pertinentes a criação e funcionamento da rede. A mesma sempre ocupou este cargo dentro da empresa, afirmando desempenhar suas funções *Há doze anos*. Ao ser indagada sobre quais as atribuições de seu cargo, ela responde que *A analista orienta tecnicamente todos os bibliotecários, todas as normas, as regras, de acessibilidade [...], da biblioteconomia, classificação, indexação, [...] layout, montagem, toda a atuação técnica mesmo*. Nota-se hoje, em todos os espaços públicos e em alguns privados, uma preocupação especial com a acessibilidade e nas bibliotecas escolares não poderia ser diferente. Segundo documento publicado pela Universidade Federal de Minas Gerais (2016, p. 22) deve haver essa “[...] adequação de espaços, mobiliários e equipamentos [...]” para atender à todos os usuários com diferentes necessidades.

Ao todo, a Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo é composta por [...] *128 bibliotecas escolares e tem 24 salas de leitura com estagiários [...]*, dessa forma, tanto as bibliotecas quanto as salas de leitura recebem respaldo da Analista Técnica: [...] *também eu faço essa [...] orientação com eles*. Ao ser questionada sobre os profissionais que atuam nessas bibliotecas ela sustenta que *São bibliotecários [...] nós temos uma bibliotecária que responde por cada biblioteca, são responsáveis pelo espaço. A minha atribuição é só orientá-las tecnicamente*.

Observa-se com essa resposta que as bibliotecas pesquisadas vão ao encontro do que é proposto pela Lei 12.144/2010 (BRASIL, 2010), que prevê um profissional bibliotecário – com formação específica em biblioteconomia à frente da Biblioteca Escolar. Corroborando também com as Diretrizes da IFLA para Biblioteca Escolar (IFLA, 2015, p. 10) indicando que “[...] os bibliotecários escolares necessitam de educação formal no âmbito da biblioteconomia [...]”.

A contratação desses profissionais acontece por meio de uma seleção específica que conta a participação de diferentes profissionais ligados à escola e ao setor responsável por gerenciar os Recursos Humanos (RH) da empresa. [...] *todo processo de contratação é tudo via RH. A única parte que eu atuo é a entrevista, a parte final, todo processo a prova, a escrita inicia lá no RH. A última seleção eu faço, eu contribuo com a escola, com a diretora. Eu faço uma entrevista com os cinco melhores pontuados pra ver quem vai ascender a vaga, quem atende mais às nossas necessidades [...] informacionais.* A presença de um bibliotecário nas bibliotecas escolares nem sempre fez parte da realidade dessas instituições, e em muitos casos ainda existe a presença de um professor adaptado para a organização do acervo das escolas. A preocupação da Rede SESI-SP com a atuação desses profissionais no processo de ensino aprendizagem dos estudantes demonstra a busca pela excelência dos serviços oferecidos e vai ao encontro das diretrizes propostas pela IFLA (2015), como também pela Lei 12.144 de 2010 (BRASIL, 2010) que exige profissional graduado em biblioteconomia atuando nas escolas de todo Brasil.

Indagada sobre o surgimento da rede de bibliotecas, ela relembra que até meados do ano 2000 [...] *eram poucas bibliotecas, creio que eram 30 bibliotecas. Esse número eu não sei exato [...]. E eram bibliotecas da cultura, que ficavam só nas escolas maiores que são os CATs. Eram bibliotecas isoladas que atendiam mais a comunidade. [...] Então em 2000 vieram 30 bibliotecas que a educação tomou posse, assumiu esse grupo de bibliotecas [e de] bibliotecários e começou esse treinamento, essa adaptação, esse estilo [...] focada mais pra atender a escola.* Constata-se que essa Rede de BEs conta hoje com dezenove anos de existência e com um crescimento quantitativo significativo, visto que, somam hoje 128 BEs.

Desde que as bibliotecas foram integradas ao setor educacional do SESI-SP, muitas mudanças conceituais e de atuação profissional aconteceram. *Antes o foco, o público era a comunidade, o entorno, era pra atender a comunidade. A partir do momento que ela veio pra Educação é para atender os alunos [...], até ano passado,*

vamos dizer assim, o foco nosso é atender os alunos, para melhorar nosso processo de ensino aprendizagem, a biblioteca é a extensão da sala de aula. Essa foi a resposta de nossa entrevistada quando perguntado se a rede havia sido criada com algum objetivo específico. Entretanto, apesar de ter o foco voltado para o atendimento aos estudantes, nota-se que a Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo possui um espaço diversificado e o atendimento hoje acontece de forma ampla, sendo estendido para professores, colaboradores, pais, enfim, para toda comunidade escolar (SESI, 2019) com intuito de avançar na progressão dos alunos por meio de novas informações, no sentido de se apropriar do conhecimento.

Encontra-se na literatura diversos autores que descrevem a BE como a continuidade da sala de aula. O objetivo das BEs e das redes, em grande maioria, encaixam-se com as falas descritas acima. Ou seja, elas aprimoram as habilidades, aprofundam conhecimentos e aperfeiçoam competências, transformando o estudante em um cidadão consciente e apto para localizar e utilizar a informação (BEZERRA, 2008; CAMPELLO, 2009; FELIX, DUARTE, 2015).

Ainda sobre os objetivos específicos da rede, a Analista Técnica afirma que [...] *o professor começa uma atividade na sala e vai pra biblioteca para conseguir ampliar, utilizando os recursos disponíveis [...].* Esse objetivo, desenvolvido em parceria, é presença constante na literatura, Campello (2009, p. 45) afirma que “A ampliação da participação do bibliotecário no processo de ensino aprendizagem foi acompanhada de um esforço para compreender melhor o significado da colaboração [...]”, mesmo após muitas pesquisas desenvolvidas na área, ainda há uma certa dificuldade de compreensão desse trabalho conjunto. Nesse sentido as tecnologias de informação e comunicação podem estruturar melhor essa parceria, fornecendo informações recém publicadas e disseminadas.

Um das questões levantadas para melhor compreender o funcionamento da rede foi relativa a supervisão de tarefas atribuídas aos bibliotecários, visto que, a rede possui mais de uma centena de profissionais espalhados por todo estado. Cada um atua individualmente? *A única atuação individualmente são planejamento[s] das atividades.* Destarte, nossa entrevistada destacou a forma como os bibliotecários – individualmente – planejam e elaboram suas atividades. *Logo, a gente tem o plano [...] docente, o material do SESI que é padrão. Mas o desenvolvimento, a criatividade pra desenvolver as atividades [...] é de cada um.* Nesse sentido, Limas e Campello (2017) pesquisaram três

redes de bibliotecas concluindo a necessidade de o bibliotecário assumir seu papel nas bibliotecas escolares, estando ativo no processo de ensino aprendizagem e tornando as bibliotecas espaços mais dinâmicos. É evidente a presença do profissional da informação na Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo, suas ações permitem aos estudantes e demais membros da comunidade um melhor aproveitamento do espaço e dos recursos. Para tanto, os bibliotecários têm que ser proativos e utilizar da criatividade para despertar nos alunos curiosidades durante as atividades culturais e educacionais.

No tocante, a entrevistada descreve como orienta os bibliotecários: *A gente sempre orienta, por mais difícil que a gente sabe como é trabalhar em parceria, que [...] ele tem que tá conversando com o professor, [...] pra vê o que o professor tá trabalhando na sala de aula. Ah, tá trabalhando meio ambiente, cabe ao bibliotecário como profissional da informação falar 'ah, eu tenho um DVD sobre meio ambiente, um livro de meio ambiente' ou 'não tenho nada desse assunto eu vou procurar um site'. O bibliotecário entra com a informação, com o conhecimento [...] os alunos vêm até a biblioteca - e o professor [...] que domina o conteúdo, vai trabalhando o conteúdo e o bibliotecário vai mediando a informação. Esse é o, o correto.*

Novamente a fala da Analista vai ao encontro do que apresentam diversas pesquisas desenvolvidas por estudiosos da área, essas ressaltam que a atuação do profissional da informação em parceria com o professor torna o aprimoramento da CoInfo significativo e favorece o estudante (CAMPELLO, 2009; FONSECA, SPUDEIT, 2016; PAULO, CASARIM, MANHIQUE, 2018).

Quanto ao planejamento e desenvolvimento das atividades nas BEs da rede, foi perguntado se elas são comuns há toda rede e a resposta que obteve-se foi: *[...] Não. Como você vai desenvolver, vai trabalhar o meio ambiente cada um desenvolve do jeito que achar melhor, não é estruturado, [...] por exemplo, o quarto ano tem que trabalhar meio ambiente lá no mês de agosto, ou projeto água, vamos falar do projeto água, tá? Todas as crianças têm que trabalhar o projeto água lá no mês de agosto, então o bibliotecário de repente vai trabalhar em parceria com a nutricionista, a outra bibliotecária [...] que tem o contato do pessoal [...] de distribuição de água vai fazer uma visita monitorada lá [...], da distribuição de água da cidade, ou outra bibliotecária vai trabalhar só uma pesquisa de sustentabilidade. Ela vai estar trabalhando esse assunto -*

é a autonomia de cada escola - ela vai trabalhar água, como ela vai trabalhar água, essa conscientização, aí cada um faz do jeito que achar melhor.

Essa autonomia mencionada pela entrevistada permite o melhor aproveitamento das habilidades de cada estudante, as diferentes regiões do estado de São Paulo trazem consigo uma riqueza cultural imensurável, um trabalho bem desenvolvido com uma parceria bem estabelecida, resultará em estudantes mais capacitados para atuarem de maneira competente no novo cenário informacional.

Em contrapartida, deve-se levar em conta que um ambiente agradável atrai muitos olhares e estimula o uso da biblioteca. Dentre as múltiplas possibilidades de realizar uma acolhida da comunidade escolar, destaca-se a importância de se criar “um espaço que, embora exíguo, seja fonte de alegria e de inspiração para crianças e jovens que buscam conhecimento” (UNIVERSIDADE, 2016, p. 22). Esta é uma das orientações recebidas pelos bibliotecários: [...] *A outra coisa que é livre que eu gostaria de pontuar também é a decoração, eu falo: ‘olha, decora essa biblioteca’. Cada estação que passa, cada tema que vocês estão trabalhando pode mudar a cara e renovar a decoração, para dar alegria para renovar mesmo. Abre as janelas, pede ajuda pra professora de artes [...] reiterou a Analista Técnica.*

Embora essas ações e atividades sejam planejadas de forma individual, a estrutura da Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo adota características específicas, observa-se que elas possuem cerca de [...] *oitenta metros quadrados, esse é o padrão nosso da biblioteca. São [...] dezessete estantes grandes com cinco prateleiras e uma estante com revestimento com cinco prateleiras. E a infantil que é um pouco mais baixa pra facilitar o acesso do aluno menor [...] do ensino fundamental um, que nós temos aí doze estantes. O nosso acervo [...] de oito mil a dez, doze mil livros, doze mil exemplares [...]. Aí nós temos também oito mesas, quarenta cadeiras, mesa do bibliotecário, arquivo, armário e dois computadores de consulta pros usuários. Isso é uma média padrão da nossa biblioteca, tá? [...].*

De acordo com padrão estabelecido para o tamanho de uma BE (UNIVERSIDADE, 2016) e aceito pelo Conselho Federal de Biblioteconomia (2011), o espaço físico deve ser exclusivo e possuir “de 50m² até 100m²” (UNIVERSIDADE, 2016, p. 8) para o nível básico e “acima de 300m²” (UNIVERSIDADE, 2016, p. 8) para o nível exemplar. Em suma, a Rede pesquisada atende aos padrões, pertencendo ao nível básico.

O desenvolvimento da coleção que sempre é mencionado pelos autores como fator imprescindível para a manutenção e o *Marketing* das bibliotecas escolares é apontado pela Analista nas próximas linhas. [...] *Nós temos a atualização do acervo anual que são R\$9.000,00 [nove mil reais] que a gente tá usando, renovando esse acervo [...]. Então os bibliotecários são orientados a estarem fazendo o desbaste desse livro toda vez que sentir necessidade. Ele faz assim, toda vez que está organizando o acervo e tem um livro rasgado, feinho, sujinho, faltando página, já dá baixa nesse acervo, coloca esse título, se o título é realmente muito procurado, você coloca na próxima compra pra tá comprando.*

Além dos livros, os periódicos também compõem o acervo da Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo. Em complemento a questão anterior nossa entrevistada explica: [...] *A assinatura de periódicos também nós temos de R\$4.000,00 a R\$5.000,00 [quatro a cinco mil reais], isso muda de escola pra escola, é o gerente financeiro que determina essa verba para compra de periódico. [...]. Então o bibliotecário tem essa autonomia de estar renovando o acervo, atendendo assim, “Os usuários [...] que estão cada vez mais exigentes” (SANTOS, ALCARÁ, 2018, p. 169), e buscam aprimorar suas habilidades no uso eficiente do espaço, dos recursos e da informação.*

Após conhecer um pouco do trabalho e funcionamento das bibliotecas dessa rede, inquiriu-se: vocês têm um documento onde registram o que é feito em cada biblioteca? Obteve-se como resposta: *Tem o Pergamum [...], o pergamum registra a frequência dos usuários, [...] registro de empréstimos e as atividades são registradas no portfólio hoje.* O pergamum aqui mencionado é o sistema de automação de bibliotecas desenvolvido e mantido pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná e “Tem por objetivo principal promover a cooperação e intercâmbio de serviços entre as bibliotecas usuárias do sistema” (ANZOLIN, 2009, p. 498). O sistema tem tido grande visibilidade e é considerado bom pela maioria dos clientes devido aos serviços oferecidos (ANZOLIN, 2009), em síntese, seu objetivo quanto sistema, vai ao encontro do que é proposto por uma rede, bem como, o trabalho em conjunto e intercambio de dados e informações, entre outros.

Dessa forma, as informações sobre os registros da biblioteca prosseguiram: [...] *as atividades mais relevantes [estão] no portfólio. Tem toda uma estrutura o bibliotecário ele tem que descrever onde, como, por que, pra que. Porque toda atividade*

tem que ter um começo, um meio e um fim. Tem que ter o porquê daquela atividade, qual [...] competência desenvolver, qual o objetivo que você quer com aquela atividade? Então tem essa estrutura até pra gente ver, porque: 'ah eu fui na biblioteca, entrei, saí e não agrego'. Não aprendeu nada, entrei e saí do mesmo jeito? Então sempre tem que agregar desenvolver algum conhecimento, alguma competência.

Sabe-se que o sistema pergamum possui uma estrutura padrão, comum a diversos centros informacionais, entretanto, os portfólios se apresentam como documentos característicos dessas bibliotecas escolares. Um dos pontos fortes desse documento é a promoção do trabalho desenvolvido pelos bibliotecários, “Existe uma ideia ultrapassada de que só o fato da biblioteca existir já é suficiente [...]” (MATOS, OLIVEIRA, AGUIAR, 2012, p. 17), entende-se que ela deve existir, funcionar e divulgar tudo o que oferece.

Em seguida, interpelou-se: como surgiu a necessidade dos portfólios e como eles são estruturados? *A necessidade do portfólio - faz uns três anos que a antiga supervisora adotou - [...] nós observamos que não estavam com um começo, meio e fim. As pessoas iam pra biblioteca, faziam a atividade, de repente a gente perguntava para o colaborador - para o bibliotecário - olha qual o objetivo dessa atividade? 'Não, não tenho objetivo. Ah eles vieram aqui, fizeram a leitura [...] e foram embora'. Tá, mas o que que agregou, o que vocês discutiram, como foi trabalhado, qual era o nome do professor, quantos alunos tinham? Então eles não tinham [...] esses números, esses dados, esse texto mesmo, esse começo, meio e fim da atividade, essa estrutura, tem que ter o planejamento. Então a partir dessa necessidade da elaboração do planejamento ela falou “não, vamos criar” e no começo houve resistência - como sempre tem - e hoje eu acho que todos estão bem tão fazendo de acordo com as atividades.*

Descobriu-se que esse método de registro das atividades desenvolvidas pelos bibliotecários da rede é semelhante, todavia, os profissionais responsáveis pela elaboração do mesmo fazem uso de diferentes ferramentas. A Analista foi indagada sobre o padrão desse documento, e respondeu que [...] *cada um faz uso do recurso que achar melhor: word, power point, sway, site - uma bibliotecária [...] tem um site - cada um coloca [...] o recurso que ele se sente mais à vontade pra ele tá trabalhando. A única coisa que a gente pede é que tem que ter um começo, meio e fim [...] a atividade tem que ter um começo: quem que fez, porque que fez, onde fez, quantos alunos participaram,*

quem que era o professor, qual foi a atuação do professor e do bibliotecário, como ele mediou isso.

Notou-se nesse ponto da entrevista a necessidade de mais detalhes sobre a produção e avaliação desse documento. Sabe-se que as atividades acontecem em momentos de aula, buscam ampliar o conhecimento do estudante e são acompanhadas por um professor. Questionou-se então, se as atividades são descritas no portfólio e, posteriormente, de alguma maneira, elas são avaliadas. *Nós já estamos acompanhando [...] as descrições dos bibliotecários, a demanda é grande e agora eu estou só, só eu como analista específica de biblioteca, então nós recebemos 128 portfólios; [...] quando tem algum problema de erro de digitação, por exemplo, o bibliotecário teve pouco tempo, ou não atentou [...] a gente manda só pro [...] bibliotecário; [...] porque sempre esse portfólio compartilha com toda a rede e compartilha com toda a escola [...]. Agora, quando tá muito incompleto, o portfólio tá muito vago, também nós falamos nominalmente, um por um [...] e quando tem um portfólio de destaque, que nós tivemos três que eu tive tempo de olhar e responder e avaliar foram três agora no mês de março. Aí eu elogiei, pontuei e copiei a todos pra ter como referência aquele portfólio.*

Percebe-se que não há uma avaliação pontual das atividades, algo que relacione o trabalho do profissional da informação com a parte pedagógica do professor. Questionou-se assim, sobre a avaliação da atividade, quem era o responsável? *Eu não faço essa avaliação da atividade, eu acredito que quem deveria essa, essa atribuição, essa facilidade para avaliar como a atividade foi desenvolvida se deu resultado ou não é o professor ou o coordenador da escola [...].* Destarte, nossa entrevistada completou sua resposta afirmando que *[...] É o professor que tem que tá avaliando [...].*

As atividades realizadas em parceria entre o professor e o bibliotecário devem cumprir três etapas: 1) planejamento; 2) desenvolvimento; e 3) avaliação. Nesse quesito identificou-se que uma das etapas não acontece. De acordo com o programa de desenvolvimento de habilidade para o ensino fundamental I proposto por Kuhltau (2009, p. 18) “Embora seja importante manter a sequência das atividades, pode-se determinar o seu ritmo de acordo com a capacidade dos alunos [...]”. A autora afirma que cada aluno necessita de um tempo para se adaptar a cada fase, e cabe ao professor e ao bibliotecário escolar avaliar quando é possível avançar nas etapas do programa.

Para verificar o impacto da rede de BEs SESI-SP na aprendizagem dos estudante de acordo com a visão da Analista Técnica Educacional especialista em bibliotecas, indagou-se: na sua opinião os objetivos gerais da rede como um todo, eles são alcançados? Prontamente ouviu-se: *Eu acredito que sim, sim.*

Após verificar diversas ações que enriquecem as BEs dessa rede, procurou-se verificar também as dificuldades enfrentadas pela Entrevistada para orientar as 128 bibliotecas e 24 salas de leitura. Como resposta ela afirmou que é a: *Falta de comprometimento, a falta de profissionalismo. Não é todo mundo que acredita [...].* Dessa maneira, inquiriu-se se ela falava da falta de comprometimento dos bibliotecários: *Dos bibliotecários. É a minoria, [...] não vou generalizar. Mas o que eu mais tenho dificuldade é isso. Falta de comprometimento, falta de profissionalismo, falta de amadurecimento, [...] eu tenho que melhorar, eu tenho que ampliar pra eu conseguir orientar todo mundo. E as vezes as pessoas se acomodam, não querem ampliar e quando a gente dá uma formação você vê gente dormindo, vê gente desinteressada e isso [...] é o maior eu acho que é o maior desafio.*

Segunda Andrade (*et. al*, 2013) o bibliotecário escolar é o principal responsável pelo gerenciamento assertivo do setor, cabe a ele acolher o aluno de forma proativa e inovadora, valendo-se de uma boa articulação para transformar o estudante em um leitor crítico e responsável. Assim, a BE funcionará com toda sua capacidade e atingirá seus objetivos, o bibliotecário atuante deve ter formação específica, ou seja, ser graduado em biblioteconomia, manter-se atualizado e apresentar postura que incentive a comunidade escolar a frequentar o espaço e utilizar os recursos, garantindo bons resultados do setor e da escola como um todo.

Assim sendo, uma das ressalvas de nossa entrevistada é o fato de a rede possuir uma quantidade grande de pessoas que desempenhando o mesmo papel em unidades diferentes. *São muitas pessoas, são muitos conhecimentos, [...] são muitas índoles [...], isso é o mais desafiante eu acho. As pessoas não levarem a sério o trabalho, a diferença que nós fazemos, como nós somos importantes, como nós podemos fazer a diferença e poderíamos fazer muito mais, colaborar mais, divulgar mais, socializar mais as informações. Poderíamos ser uma rede show [...].* Mesmo afirmando que a rede de bibliotecas poderia acarretar mais benefícios para todos, a Analista acredita que na superação dessas dificuldades. Quando questionada se acredita na superação dessas barreiras ela responde: *Sim, porque nós estamos trabalhando pontualmente [. . .].*

Em suma, interpelou-se: você acha que as bibliotecas escolares são indispensáveis pra prática educacional da rede? Categoricamente ela afirma: *Claro! Muito! Porque o processo, a leitura, o aluno, ele tem que saber ler, ele tem que conseguir localizar a informação, filtrar a informação. Ele tem que ter, saber o que pesquisar [...], preparar o aluno, porque ele chega em uma biblioteca, em outro país ou em outro estado, em outro lugar, ele sabe como faz uma consulta no acervo, usando os operadores booleanos, como que os livros estão guardados, qual é a lógica da classificação, como que ele vai identificar se o site é confiável ou não confiável, se ele pode copiar e colar e fazer a citação do autor de modo correto [...]. E o aluno ele vai usar essa informação, ele vai precisar de fazer uma pesquisa, ele vai precisar de [...] fazer uma leitura, isso é preparar o aluno para o mundo, ele precisa dessa informação e desse conhecimento né?*

Após a análise das respostas obtidas com a entrevista, evidenciou-se que a responsável por orientar tecnicamente os bibliotecários, possui vasta experiência no cargo que ocupa. Nota-se também, que os pontos positivos superam os negativos, contribuindo para que a Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo mantenha-se bem estruturada e atuando no meio educacional conforme seus objetivos.

5.2 Grupo Focal

O grupo focal foi realizado no dia 26 de março de 2019 em local propício para que os cinco Participantes pudessem interagir e falar sobre a Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo. Ambos sentaram-se em cadeiras ao redor de uma mesa circular com duas câmeras em posições diferentes – para melhor captar os diversos ângulos da filmagem – e um gravador para garantir a captura do áudio.

Iniciou-se com uma dinâmica para apresentação e uma maior interação entre os profissionais convidados a participarem do grupo focal. Em seguida, visando o sucesso dessa técnica de coleta de dados especificou-se “[...] as regras básicas de funcionamento dos grupos, esclarecendo de partida o papel do moderador” (BONFIM, 2009, p. 787). Gondim (2002) apresenta uma lista com orientações para esta que a aplicação do grupo focal aconteça de maneira assertiva: 1) deve-se falar uma pessoa por vez; 2) evita-se discussões paralelas - todos devem participar; 3) fala-se livremente sua opinião; 4) evita-se o domínio da conversa por parte de um dos integrantes; 5) mantém-se a atenção e a temática proposta.

Após a apresentação e as orientações iniciais sobre o desenrolar do grupo focal, elaborou-se o Quadro 7 com informações sobre a vida profissional dos convidados, identificados como Participante 1, Participante 2, Participante 3, Participante 4 e Participante 5.

QUADRO 7 - Caracterização do Grupo Focal

Identificação	Tempo que atua na rede	Experiência em biblioteca escolar
Participante 1	21 anos	<i>[...] durante a faculdade nós tínhamos um projeto de montar uma biblioteca escolar, é, na cidade de Marília. Esse foi o primeiro contato que eu tive com a biblioteca escolar, foi durante o estudo mesmo, a graduação de biblioteconomia.</i>
Participante 2	03 anos	<i>[...] os dois últimos semestres da faculdade [montamos] uma biblioteca dentro de um bairro carente de São Carlos. [...] depois das aulas de sábado iam até essa escola para catalogar os livros, montar realmente uma biblioteca e os projetos que seriam desenvolvidos nessa biblioteca [...].</i>
Participante 3	05 anos	<i>[...] meu projeto de monografia foi [...] incentivo à leitura em crianças sem institucionalizadas [...], foi meu primeiro contato com incentivo à leitura com um acervo [que possuía] característica de biblioteca escolar [...].</i>
Participante 4	01 ano	<i>[...] durante a época de graduação eu fiz estágio em biblioteca escolar, [...] no SENAI de Marília; porque é uma biblioteca escolar meio técnica, especializada [...].</i>
Participante 5	09 anos	<i>[...]um ano de experiência em biblioteca escolar em uma escola bilíngue, ela era uma escola de Bauru [...].</i>

Fonte: elaborado pela autora (2019).

Nota-se com o Quadro 7 que os participantes do grupo focal, possuíam pouca ou nenhuma experiência em BE, apesar de conhecerem seu funcionamento devido ao curso de graduação, apenas o Participante 1 atuou efetivamente. Os demais mencionam estágios e projetos. Ao perceber uma pausa após as apresentações iniciais, é questionado pelo Moderador se a atuação em bibliotecas escolares é simples, prontamente os Participantes 2 e 5 respondem em coro *Não*, após ambos rirem o Participante 5 indaga: *O que é fácil?* e o Moderador novamente intervém A biblioteca escolar. O Participante 5 admite *Não é*

fácil e reitera dizendo que o bibliotecário escolar possui [...] múltiplas [...] funções e informações, eu acho que é um desafio a cada dia [...].

Assim, o grupo ainda discutiu sobre a falta de preparo ao sair da faculdade e ingressar na BE: Participante 5 [...] *mesmo a faculdade, também ao meu ver, pelo menos a minha faculdade [acabou] sendo bem falha na parte pedagógica [...]. Foi deficiente demais na parte pedagógica gente, e é por isso que eu acho, que as vezes o foco, pra mim, nem é tanto a biblioteca escolar porque eu não tive nada da [...] escola, pedagogia, lidar com criança, social.* O Participante 4 concorda com a fala acenando com a cabeça enquanto o Participante 2 complementa: [...] *como você comentou aí no início da graduação também, os dois primeiros anos você fala - eu tô num curso de biblioteconomia ou de administração?* Nesta fala os Participantes 3 e 5 acenam com a cabeça afirmativamente e sussurram *É*.

Entende-se com essas declarações que os participantes enfrentaram dificuldades ao assumirem seus respectivos cargos e apontaram para possíveis falhas das faculdades. Corroborando com o diálogo o Participante 1 acrescenta: [...] *eu acredito que o curso em si, o maior foco dele, é trabalhar um aluno ou um caso para o aluno e para o ramo da Universidade mesmo, das bibliotecas universitárias. Ou ser um profissional de apoio ao professor pesquisador [...].* O participante 5 sussurra novamente um *É* e o Participante 1 conclui: [...] *Eu me formei em 96, então quer dizer, eu tô ouvindo vocês também, e pouco evoluiu nessa questão, né? O curso em si, ele ainda continua com essa visão, né? [...].*

O Participante 4 relata sobre a faculdade que cursou [...] *a gente tem agora a disciplina de biblioteca escolar, só que ela é optativa, então o que acontece? Vai quem tem interesse e geralmente o interesse não é tão grande.* Essas últimas palavras foram repetidas pelo Participante 5 *Não é tão grande.*

Embora a atuação dos Participantes na disseminação da CoInfo seja evidente, essa discussão reafirma o posicionamento de Mata (2018) sobre a inserção das disciplinas de competência em informação nos cursos de Biblioteconomia do Brasil. Os dados da pesquisa demonstram que 10% dos cursos possuíam disciplinas relacionadas ao tema, sendo apenas uma especificamente desenvolvida em bibliotecas escolares. De acordo com a autora, isso “[...] é preocupante, visto que a função do bibliotecário ao ensinar sobre a busca, produção e compartilhamento de informações de forma ética e segura se faz cada

vez mais necessária e urgente em diferentes níveis educacionais e contextos” (MATA, 2018, p. 13).

Nessa discussão sobre o trabalho em BEs e a oferta/procura pela disciplina durante a graduação, identificou-se durante o grupo focal alguns problemas que dificultam a disseminação da área escolar. O Participante 1 afirma que a baixa procura se dá [...] *porque as pessoas não conhecem [...]*; O Participante 4 alega que os futuros bibliotecários [...] *não tem muita perspectiva de mercado de trabalho [e] muitas pessoas também não tiveram contato com a biblioteca escolar na infância [...]*. Participante 5 reitera *tem vários motivos*.

Para a criação e ampliação das BEs no Brasil muitas pesquisas e debates aconteceram, e mesmo hoje, com o enorme avanço e conceitos bem difundidos percebe-se a dificuldade em concretizar esse tema. Como discutido durante a aplicação do grupo focal, os cursos de Biblioteconomia precisam ofertar conteúdos mais pontuais quando se trata das bibliotecas escolares. Nesse sentido, o Fórum Internacional de Biblioteconomia Escolar (BARBALHO, 2011) reitera que “[...] a oferta de disciplinas na graduação voltadas para favorecer uma ampla compreensão das questões didático pedagógicas que permeiam o ambiente escolar, poderiam contribuir para a melhor atuação do bibliotecário”.

Entretanto, de acordo com o Participante 4, [...] *tem existido agora algumas disciplinas [...] que trabalham com essa parte, competência informacional ou de informação não sei, cada um fala de um jeito. [...] a questão é [...] ensinar desde criança ser um usuário legal da biblioteca, não um usuário que vai lá, tal, sentou e vai embora. Mas um, alguém que seja apaixonado por aquele espaço [...]*. Com essa afirmação o Participante 1 reitera: *Na verdade vai estabelecer vínculo, né?* e o Participante 3 concorda *É, estabelecer esse vínculo*.

Dessa maneira, os participantes do grupo focal comentam sobre o uso da BE, a assiduidade dos estudantes e suas experiências na rede. O Participante 1 relata: *A gente só conhece, consegue estabelecer vínculo, [...] com a criança que ela tá lá praticamente toda semana [...]*; O participante 4 completa: [...] *Essa base [é] legal, no intervalo eles vão lá, sentam no pufe, pegam e começa a jogar dama, pedem pra usar o computador: ‘ah [Participante 4], eu queria um livro que fala sobre...’*. São coisinhas assim pequenas

mas que eu percebo que quando eles eram crianças - criancinhas mesmo – [...] essa rotina de toda semana na biblioteca de alguma forma, influenciou eles.

As ações propostas pelos bibliotecários da Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da indústria de São Paulo acontecem com parcerias planejadas, como também, informalmente. O estudante é livre para frequentar o espaço, realizar consultas de interesse particular e empréstimos domiciliares para leituras como pratica de lazer. De acordo com o Participante 2 [...] *cada vez que entra uma pessoa nova tem que ganhar confiança, porque eles precisam ter essa confiança para poder ir lá e pedir um livro e tudo mais. Então [...] a gente consegue perceber que depois de um ano a gente consegue ganhar essa confiança dele, aí sim eles começam a frequentar e assim você também conhece o aluno e você propõe coisas né, pro aluno. Aquilo que é de interesse da escola, mas você também é de interesse dele você consegue conciliar isso, realmente quem tá há mais tempo consegue levar um pouco mais de vantagem em relação a isso né? [...].*

A discussão dos Participantes converge para a relação existente entre o profissional da informação e a comunidade escolar, especificamente o estudante. Esse vínculo é fundamental para garantir o aperfeiçoamento da competência em informação e o devido uso dos recursos disponíveis não apenas nas bibliotecas, mas também nas redes de uma forma geral. Esse vínculo mencionado pelos Participantes do grupo focal reforça a contribuição da BE na formação dos leitores, no acesso à informação, enfim, no aprimoramento de aspectos multiculturais que permeiam a competência em informação (BARBALHO, 2011) evidenciando a importância do bibliotecário escolar, com formação especializada para atuar nesse setor.

Os Participantes 1, 3 e 5 afirmam que cada escola possui estudantes com perfis diferentes, sendo necessário a adaptação dos bibliotecários para atender a demanda de cada escola. Visto que, a Rede SESI-SP permite a transferência de uma escola para outra, os participantes 1 e 2 já atuaram em unidades diferentes e acaba havendo um consenso nesse quesito. Eles concordam que além dos estudantes serem conquistados pelo bibliotecário, o bibliotecário deve se adequar a realidade da escola: Participante 5: *Aí ela teve que reinventar todo contexto, todo contexto social*; Participante 1: *Tudo de novo*; Participante 2: *Aí muda*” e Participante 3: *Muda o perfil, né?*

Assim, o Participante 2 relata sua experiência: [...] *o que eu aplicava em um não dava certo no outro [...] o que influencia bastante também é a sociedade [...], por*

exemplo, dentro da escola [...] eles querem aprender com a vivência deles [...] eu percebi nessas, nessas quatro cidades que são totalmente diferentes, totalmente. A realidade é diferente. Entende-se aqui que o bibliotecário escolar deve ser flexível e estar preparado para atender públicos diversos. No tocante, em se tratando de biblioteca escolar, essa fala reforça afirmações anteriores que relatam a dificuldade dos profissionais que ingressam em nossas unidades de informação. Pressupõe-se ser preciso maior conhecimento sobre como as atividades de suporte à aprendizagem estão sendo dirigidas no Brasil (FELIX; DUARTE, 2015), e assim, realizar adaptações para conseguir atender diferentes públicos.

Nesse momento o Participante 5 diz: *E aí já responde se é fácil ou não, né? Não é fácil. Porque a gente tem que pensar em todo o contexto, a gente não tá ali só com aluno e o livro na mão, a gente tem ali toda aquela bagagem que ele traz que ele tem de conhecimento dele, de conhecimento de mundo.*

Ainda falando sobre as dificuldades da atuação profissional em BE, o Participante 1 expõe: *Eu não sei se eu iria pro ser fácil ou não ser fácil, [...] é como se você chegar numa loja e tentar encontrar a peça única, sob medida, né? Mas você saiu de casa meio sem saber o que você queria naquela loja. Então seu nível de expectativa [...] não tava claro para você, muitas vezes é o que a gente vivencia no nosso dia-a-dia. O nosso cliente ele tem uma expectativa com relação ao espaço, mas não está definido pra ele, né? O que que é realmente essa expectativa que ele criou? Então, [...] eu vejo de repente uma comunicação de [...] correspondência mesmo: eu estou correspondendo com a expectativa que,* compreendendo o que essa fala significa o Participante 5 interrompe: *“Identificar, né? E afirmativamente o Participante 1 conclui: É. E pra isso a gente precisa conhecer cada vez mais eles [...] estreitar realmente esse laço [...] hoje eu vejo que assim, a cada mês que passa que tenho pelo menos mais um aluno que está chegando né? É, e nós tivemos uma gama grande, há dois anos de alunos que não eram da rede e que fizeram os processos intermediários que estão entrando e por incrível que pareça esses alunos estão fazendo aqueles que já eram há anos se achegarem. Porque eles não tiveram essa biblioteca nesse formato todo, com esse acervo todo (OUTRAS PESSOAS TENTAM FALAR), todo esse recurso disponível. Então eles chegaram com tudo aquilo, né? Ficaram realmente maravilhados e eles na verdade estão trazendo os alunos que já era da rede.*

O Participante 5 que concordava e gesticulava com a cabeça reafirma: *Eles não enxergavam, né?* E o Participante 1, sentindo-se à vontade, descreve uma situação:

Exatamente, exatamente. Eu comecei fazer um experimento faz, uns, sei lá uns meses aí, de ter música instrumental, né? Então os momentos de intervalo estou sempre colocando alguma coisa diferenciada para eles. E eu percebi um dia um aluno foi lá e perguntou: ‘que música que é essa?’ Não me preocupei muito com nome, mas é música de um filme, música suave para estudo: ‘Legal’. No outro dia tinha mais dois com ele (risos), só que eu já tinha mudado o repertório, tinha colocado música Celta. E aí ele chegou com um aluno, chegou e falou assim: ‘nós podemos nos reunir aqui na biblioteca pra tocar uns instrumentos que a gente gosta?’ Depende do que, aí eu falei: ‘me apresenta essa proposta’. Aí eles chegaram, daí uma vez por mês eles vão [...].

Instantaneamente o Participante 5 exclama: *Que legal* e o Participante 1 resume: *[...] E surgiu de um aluno que acabou de chegar então talvez o nosso não tenha enxergado essas outras possibilidades [...].* Corroborando com essa fala o Participante 2 reitera: *Porque ele já estava habituado com o mesmo e veio alguém fora e viu possibilidade e sugeriu, né?* – Participante 1 utiliza gestos afirmativos com a cabeça concordando com essa observação. Observa-se nesse contexto que o estudante já é capaz de propor algo que inove o meio em que vive, a competência em informação certamente está presente. Gomes e Dumont (2015, p. 98) afirmam que “O aprender a aprender encontra-se na perspectiva de indivíduos preparados para as exigências desta sociedade, na qual a informação é percebida como possível recurso nos campos econômicos, político e social”, nesse caso particular, deve-se considerar também o campo cultural e educacional, especificamente habilidades com música.

Isso acontece muito lá, porque eles estão desde primeiro ano [...]. Então eles acham que tudo é aquela maravilha alega o Participante 5; *Vira casa* diz o Participante 1; *todas as escolas tem aquela estrutura, todas as escolas tem aquela comida maravilhosa que é preparada por uma, por uma nutricionista, todas as escolas tem 1 LIE [laboratório de informática educacional], tem uma quadra, uma piscina que era no caso de quem tem CAT e aí vem o de fora e ele pode estudar numa escola [...]* que tem um custeio muito maior mas não tem tudo que eles tem [...] volta a alegar o Participante 5 se referindo a estrutura das escolas SESI-SP de uma forma geral.

O participante 3 aproveita um breve pausa e toma a palavra falando das suas dificuldades frente a BE, especificamente, às da Rede SESI-SP: *Pra mim eu acho que a parte mais difícil foi já ter [...] atendimento pré-formatado, por exemplo, 15 dias, o empréstimo a cada 15 dias, atividade de leitura a cada 15 dias. Eu no começo eu tive*

dificuldade de compreender isso justamente por trabalhar em outras bibliotecas onde o aluno ia até a biblioteca, a partir das ações que você tinha autonomia para fazer. Como aqui a gente trabalha em rede, então, digamos que é meio pré-formatado e com algumas liberdades que a gente cria ao longo do processo. [...] porque surgiu isso como obrigação e a gente lê tanta coisa ouvi tanta coisa sobre aquilo que é obrigatório e o ambiente que deveria ser um ambiente de liberdade, do professor agendar quando ele quisesse, o aluno ir na hora do intervalo. Porque muitas vezes eu ouvi de inspetoras: ‘não é para ir na biblioteca na hora do intervalo’. E aí aquilo, eu falo, eu falava: ‘nossa até onde eu posso ir ou não?’. Pode ir? Não pode? [...] eu não sabia muito bem para quem me reportar e perguntar esse tipo de coisa, porque eu via que em outras unidades também acontecia isso. E eu via também postura de bibliotecários falar assim: ‘não, porque eles vão no intervalo só bagunçar o acervo. Então assim, [...] muitas coisas já pré-formatadas numa rede que dá pra ter autonomia local eu acho que não funciona. Eu acho que funciona trabalhar em rede sim, sistema. Mas como vocês falaram as realidades, perfis diferentes até perfil nosso como profissional.

O Participante 4 concorda: *aha*; e o Participante 3 continua: *porque cada um tem uma formação, né? Para você saber atingir aquela mediação tudo aquilo que a gente ouve aí, que a gente tem como obrigação que é formar competência em informação, cada um deveria ter a sua liberdade e autonomia local mesmo trabalhando em rede. Essa foi a minha maior dificuldade de trabalhar em biblioteca escolar e mais especificamente na do SESI, que é uma rede. Então biblioteca escolar é um desafio.*

Apesar de não ter mencionado essa dificuldade em sua fala anterior, o Participante 5 concorda com os dizeres acima descritos: *E quando engessam!* Fazendo com que o Participante 3 continue: *E quando engessa fica mais difícil. Então essa foi minha maior dificuldade [...]*. Os cinco Participantes, de uma forma geral, concordam uns com os outros quando retratam as dificuldades de desenvolver seu trabalho em BEs, tanto a defasagem nos cursos de graduação, quanto a diversidade do público existente nas escolas são apontadas como impasses em sua atuação. Nota-se que essa visão generalizada dos bibliotecários surge de longa data, como afirma Viana (2014, p. 21) “Envolta em um emaranhado de ações e inações, vozes esparsas e silêncios, a biblioteca escolar no Brasil é mais sonho que realidade”, reflete-se assim, sobre a escassez de políticas públicas voltadas para o livro e para biblioteca.

Se tivéssemos no Brasil um histórico positivo de ações que incentivassem o livro, a leitura e a literatura, as bibliotecas escolares seriam uma realidade presente não apenas na teoria, mas na vivência das crianças e dos adultos. É preciso fomentar hoje as bibliotecas escolares para todos os educadores presentes nas escolas, inclusive os bibliotecários. Mesmo a Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo despontando com um trabalho relevante, “evidencia-se que a biblioteca escolar [...] não faz parte do corpo de questões que são alvo de ação concreta [...]” (VIANA, 2014, p.66).

Em seguida, encerrando os discursos sobre as dificuldades de se trabalhar em BE e em Rede o Participante 3 apresenta uma nova situação quanto a avaliação dos trabalhos realizados na biblioteca e menciona os portfólios: *[...] então a avaliação que a gente [...] faz junto com professor normalmente observando, isso não tem registrado a não ser no portfólio, né? Então onde que tá essa avaliação além do plano de trabalho docente? Que a gente não consegue acessar e nem vê o que ela colocou. Se foi positivo ou não, porque o nosso acesso, inclusive as informações dos alunos é restrito, a gente só tem acesso à informação da biblioteca. Então assim, a gente fala em acesso à informação, acesso a tudo e a gente fica muito engessado ainda. Enquanto profissional mediador [...].*

Para melhor compreender essa colocação, o Participante 1 indaga: *Mas [você] fala, por exemplo, em relação a formação de um aluno? [...] até que ponto aquela atividade que foi realizada na biblioteca [...] tá impactando?* E ouve a resposta do Participante 3: *Impactando, isso.* Permite-se nesse momento que o Participante 1 apresente sua experiência: *Eu tenho um retorno, os professores vêm pontuar [...] – Mas é falado e é observado? Eu também tenho observação e a fala do professor, mas isso tá registrado em algum lugar? Para que isso no futuro seja trabalhado?* Interrompe o Participante 3 com essa indagação.

O Participante 1 retoma a fala explanando: *Eu tenho, eu tenho acesso, principalmente dos alunos, por exemplo, que têm laudo.* O Participante 3 afirma que recebe alguns retornos em algumas ocasiões específicas: *Eu só tenho acesso nas DPCs [discussão pedagógica coletiva] que surgem os comentários, aí as vezes elas comentam: ‘nós trabalhamos assim, a [Bibliotecária] fez isso e tal’. Mas eu não tenho acesso a informação do aluno, [...] só em DPC mesmo, que a gente pode de repente pensar em alguma coisa para auxiliar, ou ajudar né? Tem professor que me procura assim: ‘ó eu preciso de letras caixa alta para o nosso aluno surdo, porque ele não tem esse negócio*

*de 'a pessoa', usar os artigos, os verbos de ligação, então eu preciso de textos assim'. Aí eles me procuram e claro eu monto um, um pacote, digamos, de livros pro professor trabalhar com ele lá. Mas isso também eu tento trazer para dentro da biblioteca, né? Uma ação do bibliotecário junto. E acaba, por exemplo, o professor achando mais fácil nas aulas de orientação, e ser trabalhado com o professor de libras que também é formado em letras e tal. Então assim, a gente tem a nossa atuação mas aí eu não sei o que aconteceu depois. Completa o Participante 2: *Qual o impacto dela.**

Observa-se nesse ponto do grupo focal que todos os participantes concordam com essas falas e alguns acabam reafirmando: *A não ser que eu vá atrás perguntar [...]* (Participante 3); *Um feedback* (Participante 1).

Se eu pego aquele aluno pra contar a história do livro, lá na frente, que já aconteceu, eu falei: 'ó, vamos ler o livro?' O aluno era surdo, né? E aí ele contou a história [...] o intérprete dele foi interpretando pros outros alunos. Então, que houve um crescimento nós sabemos, mas até onde nós impactamos isso? Eu já não consigo, não consigo não, não crie uma ferramenta, não sei avaliar isso e a nossa avaliação fica na observação, a minha no meu caso fica (Participante 3); *Sem registro, né?* (Participante 2).

Vendo que os colegas ao se redor assentiam com seu ponto de vista, o Participante 3 continua: *Sem um registro específico a não ser o nosso portfólio, que eu coloquei lá. Mas eu não tenho nada que evidencia que aquilo realmente aconteceu a não ser a minha palavra, a minha versão, a minha. Porque eu não tenho acesso ao diário eletrônico, não tenho acesso ao registro do professor* (PARTICIPANTE 4 SE ARRUMA NA CADEIRA VIRANDO SEU CORPO PARA FICAR OLHANDO DIRETAMENTE PARA O PARTICIPANTE 3). *Mas não que eu quisesse ter, mas eu acho que talvez [...]*, Participante 4 completa: *Alguma ferramenta; Uma outra forma* (Participante 3); *Essas atividades pontuais teriam um retorno, né?* (Participante 5).

Observa-se que há um consenso entre os participantes quanto a essa dificuldade de avaliar as atividades que eles desenvolvem na biblioteca, assim, as falas de ambos acabam se intercalando e se complementando. O Participante 3 prossegue: *Atividades pontuais, mas aí, no geral já é mais complicado ainda, né? Mas a gente vê o retorno do aluno, né? Conforme você vê que aquele aluno que não queria tal, não gosto de ler. Aí eu falei assim: 'não é que você não gosta de ler, você não encontrou aquilo que você*

gosta de ler. Então vamos lá, o que que você gosta na sua vida? É futebol? É carros? [...] Vídeo Game? (Participante 2). [...] ‘eu gosto de espaço’. [...] E aí ela vai se achando, aí quando você vai ver ele já tá lá na revista Galileu [...]. Então isso vai ampliando o repertório do leitor, e ele começa a gostar de ler, aí se vê, de repente ele começa a pegar autores entendeu? Lá de trás, são literaturas, só que mais especializadas, então, ele vai fazendo, montando repertório a gente vai intermediando. Aí eu vejo isso, eu observo isso, onde eu vou registrar isso? [...] Então eu comecei um trabalho com ele há cinco anos atrás que foi quando eu entrei no SESI, e hoje eu vejo esse menino já no ensino médio, [...] (Participante 3).

Essas memórias apresentadas acima comovem e fazem com que os demais integrantes do grupo focal queiram falar sobre suas experiências, no tocante, os demais participantes demonstram em expressões faciais compreender as afirmações acima e compartilharem da mesma ideia. O Participante 1 afirma: *Muitas vezes, esse retorno que a gente espera ele não vem enquanto o aluno tá com a gente. É! Vem só mesmo com o tempo (Participante 5). [...] A gente tá plantando (Participante 3). A gente tá plantando só (Participante 1).* Os Participantes 2, 3 e 5 anuem com um gesto feito com a cabeça e o Participante 1 continua: *Ele vem depois, ele se manifesta mais tarde. A gente observa alguma mudança já, né? De comportamento e inclusive de visita a biblioteca, né? E alguns que não mudam e que pode ser que seja isso, um dia talvez desperte dentro da área do conhecimento que ele decidiu ou se ele se despertou mais tarde [...]* (Participante 3). Observa-se uma unidade de pensamentos e de expressões dos Participantes, os relatos e queixas sobre as dificuldades de atuar em uma biblioteca escolar cessam e todos iniciam uma fase de valorização do próprio trabalho, acreditando que são transformadores ativos nos estudantes.

Freire (2006) em seu trabalho intitulado ‘a importância do ato de ler’ apresenta uma discussão sobre o significado da palavra leitura, explicando as diferentes possibilidades, bem como, a leitura da palavra, do mundo, leitura quantitativa e qualitativa, leitura crítica entre outras. Contudo, o autor conclui que somente através das leituras as pessoas conseguem atingir um amadurecimento intelectual, social e cultural, sendo esse um dos mais significativos papéis do bibliotecário, o de transformar através da leitura.

Os Participantes iniciaram relatos de experiências pontuais que fugiam da proposta inicial, dessa maneira, o Moderador questionou: *[...] vocês relataram que [...]*

tem dificuldade pra avaliar as atividades, que vocês fazem bastante mediação durante os intervalos [...], nesses momentos pontuais quando o aluno procura. São só esses momentos que vocês têm de atendimento? Os Participante 1 e 2 respondem em coro; *Não*, o que permite uma ampliação da discussão e até mesmo uma explanação sobre como é o trabalho de ambos em cada unidade.

Tomando a frente da resposta, o Participante 1 explica: *[...] acredito que é comum a todos, o professor de acordo com a sua necessidade da área, ele agenda, procura pela biblioteca para verificar se há ou não material sobre aquilo, se não há a gente busca até em outras unidades, mas há esse atendimento planejado com as áreas, né, de conhecimento [...]. Orientação a pesquisa, né? [...] desenvolver atividades de competência informacional, [...] ou mesmo algo mais focado né, na questão, [se vira para os demais bibliotecários] deeee, vamos pensar em uma leitura [...].* Ele justifica que o professor o procura em busca de conteúdo específico para realizar leitura que complementem o assunto iniciado em sala. Com uma breve pausa, o Moderador interpela: *E aí o professor procura vocês [...]. Vocês planejam e desenvolvem sozinhos? Como é Como é que funciona?*

Nota-se olhares entre os participantes em busca de quem responderá inicialmente até que ouve-se o Participante 1: *Vou falar na minha realidade [...], o professor, muitas vezes eu tenho acesso pela coordenação, do próprio plano do professor, [...] às vezes o professor faz recorte do plano e me manda ou pelo WhatsApp [...], na hora mesmo do agendamento.* O Participante 5 lembra: *Pelo cronograma também;* retoma o Participante 1: *Pelo cronograma, no campo de observação, ele já coloca a intenção daquela atividade [...] e a partir desse momento a gente começa já a nos organizar, a planejar a atividade como ela [...] vai ser feita, né? Se o recurso naquele momento será o livro, será a enciclopédia, será um DVD ou...; Ou uma junção de tudo* (Participante 5). *É, de repente uma junção de tudo, de vários recursos [...]. E muitas vezes o recurso sou eu.* Com essa afirmação, os Participantes 2 e 5 riem e acenam com a cabeça dando indícios que atuam da mesma forma.

Mas na atividade em si, [...] o professor que desenvolve, eu fico meio que na retaguarda, porque a sala é dele. Agora, quando é pra desenvolver uma competência informacional que é do nosso domínio de área, aí eu entro na jogada, mas... explica o Participante 1 sobre sua atuação. Embora o Participante 2 tente opinar: *Eu acho;* a fala é concluída pelo participante 1: *...a aula continua sendo do professor, né?*

Identifica-se nesse ponto da coleta de dados que os bibliotecários conseguem perceber seu papel de educador no processo de ensino aprendizagem, contudo, ressaltam a importância do professor. E os demais participantes concordam: *É sempre dele* (Participante 5). *Sim é dele. A gente tá ali pra dar o apoio [...]* (Participante 2). *Somos o suporte* (Participante 1).

Apesar de se colocarem como suporte, é evidente que a atividade é uma parceria entre ambos, e, o objetivo maior são as habilidades dos estudantes. Belluzzo (2005) afirma que deve haver maior consciência desses educadores quanto ao seu papel singular e coletivo na atuação em bibliotecas escolares, principalmente no que nomeia de “sociedade e rede” (BELLUZZO, 2005, p. 37), sendo assim, é preciso adotar uma nova postura na transmissão de dados e informações. Destarte, o bibliotecário escolar precisa colocar-se também como protagonista dessa parceria e receber os devidos créditos.

Ao notar uma longa pausa, o Moderador questiona sobre os tipos de atividades que eles desenvolvem na biblioteca e solicita uma definição dessas atividades, assim, Participante 1 faz os demais rirem quando diz: *[...] vou deixar o grupo também falar um pouquinho; Fala [...]* apontando para o Participante 2 que aponta para o Participante 5 e esse inicia sua explicação: *Ah, uma atividade cultural, por exemplo, [...] agora por esses dias nós fizemos [...], o dia da água, né? Então nós sempre levamos em consideração a preocupação com o meio ambiente, sustentabilidade, as datas comemorativas como foi citado, a questão do dia do índio, dia da mulher. Então é, uma atividade cultural desenvolvida na minha unidade é essa ou por ser CAT nós temos a parceria também com a cultura, então as vezes ela tem exposições...; Exposições* interrompe brevemente o Participante 2, que se cala permitindo que o Participante 5 continue: *...exposição. Então nós levamos os alunos também pra visitar a exposição, fazer a leitura de quadro, a leitura de mundo [...]* Não é só a leitura do livro, como aprendemos agora. *[...] uma atividade cultural que eu desenvolvo na minha unidade seria essa. Uma atividade pedagógica, focando ali também, [...] na questão da água[...], é um trabalho desenvolvido [...] de pesquisa ou até dentro do próprio eixo [EIXOS INTEGRADORES SÃO COMPONENTES QUE FAZEM PARTE DA GRADE CURRÍCULAR], que também trabalha com sustentabilidade [...]. O cultural eu acredito que é aquele que a gente impacte e consegue também mostrar pra fora, pra comunidade né? Uma exposição que a gente passa, um vídeo que a gente passa alertando, que vai sair do muro da escola. O pedagógico aquele que tá atrelado ao plano.*

De acordo com a fala acima descrita, entende-se que existe uma diferença pequena entre as atividades culturais e pedagógicas, sendo a primeira responsável por aproximar os estudantes de movimentos artísticos, aprimorando habilidades de leitura de obras, interpretação de filmes e teatros, entre outro. Já a atividade pedagógica é pensada com o intuito de ampliar o conteúdo estudado em sala, ou seja, assuntos que são propostos pelos professores e que fazem parte dos planos de aula. Nesse ponto da explicação os Participantes 2, 3, 4 e 5 interferem com frases pequenas, reafirmação o que foi dito.

Sim [...] (Participante 3). É (Participantes 2 e 3). Plano docente, né? (Participante 3). Que vai fazer parte do [...] (Participante 5). Sala de aula (participante 3). [...] trabalho dos professores [...] qual que era o outro? (Participante 5). Informacional (Participante 2).

Com esse complemento de informações escondidas em pequenas frases inicia-se a explicação de um outro tipo de atividade: *“O informacional [...] é alguma coisa [...] que caiba na [...] nossa área, né? Uma competência ali de busca de informação, ele é autônomo na pesquisa, ou trabalhar [...] as próprias normas da ABNT, a própria busca de pesquisa de livros dentro do pergamum (Participante 5). O Participante sugere mais detalhes sobre esse tipo de atividade: Na verdade ir além daquilo que o professor tá ensinando em sala de aula [...]. Você ensinar a autonomia, acho que a [atividade] informacional é o professor tá dando essa matéria, ele explicou dessa forma, mas será que tem outro jeito? Ele vai na biblioteca e fala: ‘ó, eu tô aprendendo isso’. E aí assim, a gente tá formando [...] um aluno [...] com competência informacional, [...] ele ir além da sala de aula [...].*

O Participante 2 continua sua explanação citando o filme ‘O Menino que descobriu o vendo’ (O MENINO, 2019), inspirado na história de William Kamkwamba que utilizava a biblioteca para estudar e pesquisar assuntos que iam além dos discutidos pelo professor em sala. E conclui: *[...] Então para mim a necessidade informacional é essa, é você suprir tanto a necessidade de uma forma cultural quanto [...] de uma forma pedagógica [...].*

Essa fala causa estranheza no Participante 3 que apresenta sua dúvida: *Eu fiquei um pouco na dúvida do que seria essa formação [...]. Atividade pedagógica que a gente sabe tá atrelado ao plano de trabalho, a cultural que você traz de fora uma coisa que aumenta o conhecimento do aluno e que não tem o impacto direto ali no processo de*

ensino-aprendizagem, mas que traz uma visão [...] natural mesmo, dados de costumes usos e outras culturas e a formação, essa formação não ficou claro para mim [...].

Inicialmente todos concordavam uns com os outros e reafirmavam as informações expostas, até esse momento, quando se indaga sobre essa atividade. Eis que o Participante 1 toma a frente e tenta sanar essa dúvida: *Na verdade, [...] eu coloco o professor também nisso, que às vezes o professor ele não consegue [...] passar determinadas informações pro aluno porque ele também não teve isso quando ele tava lá atrás cursando uma faculdade[...]. Então cabe a nós também trabalhar a competência informacional desse aluno, porque o professor entra com o conceito, ele entra com conteúdo, entre com a matéria né? Com assunto, mas fazer o aluno ir além e fazer até aquela conexão [...] com tudo que tá lá fora, cabe a gente fazer.*

Para se certificar que compreendeu o que seria a atividade que desenvolve nos estudantes a competência em informação o Participante 3 fala: *Vou ver se eu consigo entender, por exemplo, uma professora me pediu assim: ‘nós vamos fazer pesquisa sobre nuvens com sexto A e com sexto B vamos fazer pesquisa sobre flores foi o tema que eles sugeriram na sala de aula, tudo bem? Tem material? Por que eu acho que deve ter bastante material na biblioteca’. [...] eu sempre falo que eu não sei, por quê? Porque o meu intuito é fazer com que eles encontrem o material [...]. Aí, eu já começo a atividade de pesquisa falando que essa atividade é pra ensinar a pesquisar. Esse é o objetivo da professora e não é sobre nuvens e flores, mas o que eles vão encontrar, qual que é a hipótese pesquisa? Qual que é a questão? Quais os recursos informacionais que a gente tem? [...] então eu não posso trazer tudo: enciclopédia, dicionário, revista e deixar pronto porque eles vão sempre receber tudo muito pronto. [...] eu encaro isso como uma coisa de formação para competência em informação. Formar um aluno [...] e desenvolver sua autonomia de pesquisa e a sua formação mesmo em competência informacional. Pra ele mesmo carregar ao longo da vida [...]. É a nossa competência a gente pode trabalhar essa formação, é isso? [...].*

Respondendo a essa pergunta o Participante 5 afirma: *É, eu acho que é [...] talvez seria uma estratégia para propor então, antes dele já vir focado na pesquisa, [...] tipo fazer...; A construção (Participante 2); ...a construção, né? De aprender [...] (Participante 5). Esse é o objetivo ao longo... (Participante 1). Da pesquisa, eu proponho assim [...], nenhuma pesquisa finaliza em 50 minutos (Participante 3); Não dá (Participante 2).*

Nesse ponto da discussão fica claro que apesar de concordarem em muitos pontos existem algumas diferenças no modo como os bibliotecários atuam. Dessa maneira, evidencia-se que cada bibliotecário trabalha individualmente quando se trata do planejamento da atividade, percebe-se com esses últimos parágrafos, que alguns preocupam-se em separar o material solicitado pelo professor, enquanto outros realçam a importância da pesquisa, ou seja, do próprio aluno localizar a informação no acervo. O Participante 3, por exemplo, atua até mesmo no controle do horário com o professor: *Eu falei vocês têm que vir no controle horário, o material que eles localizam cada turma trabalha com o tipo de material [...] inclusive eletrônico vocês vão separar e aí vocês podem vir consultar no contra horário e construir um conceito único. Na sala de aula que vai ser o relatório final que vocês vão entregar pra professora com todas as fontes que vocês consultaram [...]*.

Essa afirmação é reiterada pelo Participante 1: *Na verdade é um passo só da pesquisa que é feito lá[...]. É um passo, o primeiro passo (Participante 2). Não é nem pesquisa, é a busca do material (Participante 5). A pesquisa não tem como fazer em cinquenta minutos (Participante 2).*

Nota-se que os Participantes falam sobre a atividade nomeada (por eles) de pedagógica, que busca ampliar conteúdos iniciados em sala pelo professor e que faz parte do plano docente. No tocante, “A ideia do serviço de informação como instrumento de fortalecimento [...] dos princípios da competência em informação em sintonia com os serviços especializados da classe bibliotecária” (SIMEÃO ET. AL., 2019, p. 449) é exatamente o que está sendo proposto através da parceria existente entre professor e bibliotecário da Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo.

Sabe-se que as atividades em BEs devem ser planejadas juntamente com o professor, para que o conteúdo iniciado em sala de aula seja ampliado, todavia, o Participante 3 descreve que alguns professores ainda não possuem conhecimento de como fazer uso desse espaço: *Na verdade [...], exatamente com essa professora e com essas turmas foi assim, eles não sabiam que eles iam pesquisar até eles chegarem na biblioteca [AS TURMAS SÃO OS ESTUDANTES DOS 6º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL QUE FARIAM A PESQUISA SOBRE FLORES E NUVENS]. Eles sabiam que era flores e nuvens, mas o quê? Entendeu? O porquê a nuvem é branca? Eu falei: ‘façam questões entre vocês em cada grupo de mesa e depois vocês cheguem na questão principal, que é*

o que vocês têm realmente curiosidade em saber. 'Ah, mas a curiosidade não é minha, o professor que tá me pedindo para pesquisar sobre a cor da nuvem'.

Além dos recursos físicos existentes em uma escola deve-se levar em consideração todos os profissionais que lá desempenham diferentes funções. Sabe-se que o professor é fundamental e insubstituível, porém, cabe a ele valorizar e aproveitar outros colaboradores da unidade educacional para agregar mais significado ao ensino aprendizagem. Visto que, como explica o Participante 3 para os alunos: *O professor é a primeira fonte que vocês têm para pesquisar. O que ele quer saber? Por que que ele quer saber sobre a cor da nuvem? O que ele quer saber dentro disso? É reação química? [...] Que área que é isso daí? [...].*

“A aprendizagem, em seus vários níveis, exige o desenvolvimento da **CoInfo**” (CARTA, 2014), e esse deve ser aprimorado não apenas nos estudantes, mas também nos educadores. O intuito é que tanto professor quanto bibliotecário estejam aptos ao “[...] trabalho integrado e colaborativo [...]” (CARTA, 2014), garantindo o acesso de forma irrestrita aos dados e informações, mediando e orientando quando solicitados.

Dentre as várias possibilidades de se realizar uma pesquisa com qualidade e o trabalho em parceria com o professor, os Participantes iniciaram uma série de comentários relatando outros problemas com os mesmos. Destarte, foi necessário a intervenção do Moderador para manter o foco inicial do grupo evitando lamentações e desabafos. Inquiriu-se sobre o planejamento dessas atividades culturais, pedagógicas e de competência em informação. O professor colabora com o planejamento? O Participante 1 prontamente afirmou: *No meu caso colabora*. Contudo, já foi possível observar que existem diferenças entre as escolas, assim, o Participante 2 afirmou: *Depende*. Enquanto para o Participante 3: *Ele é o principal colaborador [...]*. Nesse momento, o Participante 2 se contradiz e confirma a fala anterior assentido com Participante 3 *É*.

Mas, a justificativa surge nas próximas falas com o Participante 1: *Mas tem a nossa intenção, por exemplo, se eu quero trabalhar algo focado em pesquisa, envolvendo metodologia de pesquisa, né? Não existe uma única forma de se pesquisar, ou, se eu quero trabalhar algo mais específico com relação [...] à organização do espaço biblioteca, aí eu proponho para o professor, e aí qualquer área, não significa que eu tenho que fechar com Língua Portuguesa ou Matemática [...]*. Nota-se com essa fala que

a atividade possui dois focos, o primeiro quando ela é solicitada pelo professor e o segundo quando parte do próprio bibliotecário.

O programa proposto por Kuhlthau (2013) vai ao encontro das atividades pedagógicas mencionadas pelo Participante 1, visto que, as atividades recomendadas pela autora buscam aprimorar nos estudantes, habilidades de uso dos recursos disponíveis na biblioteca escolar para diferentes faixas etárias. “O programa, além de implementar o desenvolvimento dessas habilidades, vai proporcionar o uso mais eficiente dos recursos da biblioteca” (KUHLETHAU, 2013, p. 13), exatamente como vem sendo descrito pelos participantes do grupo focal.

O Participante 3 também relata seu modo de elaborar essa parceria: *Às vezes eles procuram: ‘ó, precisa desenvolver alguma atividade na área tal, com determinado tipo de material, o que você me propõe? Eles perguntam essas coisas, aí a gente: ‘posso pensar?’ [...].* Nesse caso, a procura parte do professor, sendo o bibliotecário conhecedor do acervo e apto à realizar esse levantamento rapidamente, ele volta para o professor com a lista das referências, sites, DVDs, entre outros e possivelmente com algumas propostas.

Outro exemplo de como essas atividades são planejadas é dado pelo Participante 1: *[...] eu tô sabendo [...] do projeto didático do professor tal do ano tal e eu acabei de receber uma revista na biblioteca que tem um artigo exatamente sobre aquilo lá, não custa a gente ir também [...].* Percebe-se assim, de acordo com o Participante 3, que: *Existem as propostas da biblioteca e aqueles que [...] tá no plano de trabalho [...]. Então parte da gente muito. Atividade parte da gente também.*

Não existe um tempo estimado para o preparo dessas atividades, após descrever uma delas em parceria com o professor, acreditando ter sido bem sucedida, o Participante 2 conta que: *[...] Eu demorei uma conversa ali de uns 15, 20 minutos com ela para entender. Depois disso, aí eu pensei [...], na verdade o ato de pensar você tá fazendo outras mil coisas, você tá pensando na atividade. E pensando (Participante 3). Tá pensando em casa, vai pensando (Participante 5). Vai fazendo materialmente alguma coisa e vai pensando (Participante 3).* Esse entrosamento entre o grupo é constante, os 5 Participantes concordam uns com os outros em vários momentos demonstrando que, apesar de desenvolver atividades individuais, possuem técnicas semelhantes para alcanças os objetivos da biblioteca e da Rede como um todo.

O Participante 2, concordando com os demais comentários, concluí seu raciocínio sobre o tempo de preparo de sua atividade: [...] *eu procurei ela novamente, expliquei como seria a atividade. E aí o tempo ali de preparar assim mesmo foi o quê? vinte ou trinta minutos, o tempo de parar, pensar, escrever e mandar para ela [...]*.

Como o assunto parecia estar encerrado, o Moderador realiza outra intervenção questionando quanto a avaliação da atividade. O Participante 2 continua à frente das respostas e palavra: *Geralmente a gente não tem [...] um retorno, essa eu tive por que a professora veio depois e comentou, que nem a maioria dos colegas falou. É as vezes acontece isso, né? Dos professores comentarem (Participante 5). Um passa para o outro, 'você fez uma atividade bacana, a professora tal falou, queria fazer com a minha turma também' [...]. Aí você sabe que realmente funcionou. Você sabe que funcionou por isso, porque eles indicam (Participante 3). Você sabe que funcionou por isso, porque eles indicam (Participante 2). Sim (Participante 3).*

O diálogo continuou com a descrição de atividades específicas desenvolvidas nas unidades de atuação dos bibliotecários participantes do grupo, dessa forma, foi preciso, novamente, a intervenção do Moderador questionando sobre a avaliação das atividades: [...] *vocês não têm um método, um processo ou um roteiro? É só quando o professor dá o feedback?* O Participante 5 afirma: *Isso.* O Participante 2 reitera: *Só.* E o Participante 3 justifica: *Feedback ou quando o feedback acontece dentro da biblioteca.*

O Participante 1 descreveu mais detalhes sobre sua atuação com seminários, e o trabalhar essas habilidades com os estudantes, justificando o seguinte: [...] *Às vezes, por exemplo, eu posso não saber falar de seminário né, mas eu sei falar de pesquisa, de formato de jornal, de tipos de informativos né? Isso eu acho que é competência do bibliotecário, algumas competências que a gente traz [...]*. Reiterando essa ideia, Santos e Alcará (2018, p. 161) afirmam “Cabe assim, ao bibliotecário oportunizar situações para que os usuários desenvolvam habilidades e possam lidar com a informação em meio a esse novo ambiente informacional”. Tanto a fala do Participante 1 quanto os autores citados vão ao encontro do que se espera de uma BE, que o profissional bibliotecários tome a frente de seu espaço e possa propor juntamente com o professor.

Questionados sobre quantas vezes eles utilizam uma mesma atividade, o Participante 2 responde: *Às vezes é uma única vez, às vezes é nenhuma. Porque às vezes a gente prepara e aí muda todo o contexto né?* Participante 3: *Já teve o caso de professor*

pedir coisa, daí eu montar toda a biblioteca e o professor não aparecer. Não aparecer concorda o Participante 1. De repente pra escola inteira, porque a atividade deu [...] um efeito que você nem imagina! exclama o Participante 2. *Às vezes é só pro fundamental um inteiro, por exemplo, professor de segundo ano pediu passou para o outro que falou que era legal e você viu que cabe passar para o terceiro, quarto e quinto [...], vou dar uma modificada aqui, que também dá pro primeiro [...]* concluí o Participante 3.

Essa versatilidade de atividades é algo que amplia as possibilidades de aprendizagem dos estudantes e é explicada pelo Participante 2: *Por exemplo, metodologia de pesquisa né, você já começa ali do terceiro, quarto, quinto ano, né? Mas aí você fala: 'não, a forma de passar metodologia de pesquisa para o fundamental II é diferente'. Mas é, é a mesma dinâmica só que de uma forma diferente; Aumenta um pouquinho o número de elementos* (Participante 3).

Eles afirmaram também, que essas atividades podem ser aproveitadas para os próximos anos, de acordo com o Participante 2: *Na verdade essa questão de passar de um ano pro outro a gente vai sempre melhorando: 'ah, aquela atividade eu apliquei, mas eu posso melhorar em tal aspecto, vou passar nesse ano mas vou fazer diferente; E a gente erra né? A gente erra e reaprende. Essa é a avaliação, né? [...]*.

O Moderador anuncia que está chegando ao final da discussão e abre para as considerações finais, destarte, o Participante 1 afirma: *[...] alguns movimentos que nós fazemos eles aparecem sim pelo [...] retorno dos alunos ex-alunos. Eu tive alguns depoimentos de alunos que foram para faculdade [...], eles voltaram assim: 'olha eu agradeço o SESI porque os alunos lá não sabem nem como começar a pesquisar. Nem como proceder, nem como fazer um seminário, nem como redigir um trabalho mínimo que for'. Então eles trazem algumas coisas pra gente. [...] são retornos positivos do nosso trabalho.*

Com o encerramento do grupo focal, o moderador realizou os agradecimentos e reafirmou o sigilo das informações pessoais dos bibliotecários. Foi possível observar com a análise dos dados, que a experiência de trabalho potencializa o papel do bibliotecário na Biblioteca Escolar, visto que, ele consegue articular melhor as atividades e atendimentos aos estudantes e se posicionar perante ao professor. Dessa maneira, o professor é capaz de compreender que o bibliotecário é um aliado e o apoiará durante todo o ano letivo.

A criatividade é outro ponto presente em quase todo o discurso, os profissionais que atuam nas bibliotecas escolares da rede SESI conseguem lidar com situações diversas e atendem todas as disciplinas ministradas na escola. Desde os alunos do ensino fundamental I até os adolescentes do ensino médio.

O planejamento das atividades realizadas em parceria com os professores não é pensada e planejada com grande antecedência, contudo, através dos poucos retornos que recebem, conseguem atingir positivamente o estudante, aperfeiçoando a CoInfo que é proposta pelos educadores. A atuação dos bibliotecários da Rede vai ao encontro do que é proposto pela Declaração de Maceió (2011) e pela Carta de Marília (2014), instigando os estudantes ao exercício da cidadania de forma consciente.

Os diferentes tipos de materiais utilizados para a pesquisa e leitura contribuem na formação do indivíduo crítico que é capaz resolver seus problemas ao longo da vida. Isso faz com que ele melhore a comunidade onde vive, atuando com ética, ideias pontuais e transmitindo o conhecimento que possui.

Iremos analisar no próximo tópico o resumo dessas atividades, buscando identificar todas as habilidades e competências que são trabalhadas na Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo.

5.3 Portfólio

O terceiro método de coleta de dados utilizado nesta investigação é análise dos conteúdos dos Portfólios. Esses documentos são produzidos por todos os profissionais que atuam na Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo e encaminhados para a Analista Técnica e demais bibliotecários atuantes na empresa.

Ele apresenta uma divisão mensal, em cada mês são descritas as atividades que foram desenvolvidas na biblioteca escolar. Notou-se um texto em comum em todos os Portfólios analisados, criado especificamente para integrar esse documento:

Conforme definido no Manifesto UNESCO, a biblioteca escolar promove serviços de apoio à aprendizagem e livros aos membros da comunidade escolar, oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os formatos e meios.

Considerando a Lei 12.244 que dispõe a universalização das bibliotecas escolares nas instituições de ensino do país, o Manifesto Unesco e os Parâmetros para Bibliotecas Escolares que definem a BE como espaço de produção do conhecimento, a biblioteca escolar da rede escolar SESI - SP tem

o compromisso de efetivar-se como espaço de aprendizagem, tornando-se parte integrante do processo de ensino e de aprendizagem.

Ele se localiza nas páginas prefaciais juntamente com as demais informações quantitativas do documento. As atividades são descritas posteriormente de duas maneiras, em forma de resumo e em tópicos que possuem informações para a melhor compreensão de como determinado assunto foi trabalhado. Observou-se informações que identificam onde, como, por que, recursos utilizados e pra que as ações foram desenvolvidas. Fica evidente também o objetivo de cada atividade, bem como, a turma que participou, o professor e a data que foi desenvolvida. Entretanto, algumas descrições são mais detalhadas, possibilitando maior clareza e compreensão da proposta do professor e do bibliotecário.

Para que a análise das atividades desenvolvidas na biblioteca possa ser elaborada de forma precisa e com resultados fundamentados, selecionou-se os documentos que foram elaborados pelos bibliotecários atuantes nas escolas que são subsidiadas pelos CATs Botucatu e Jau – itens 30 e 31 do Quadro 2. Dessa forma, os profissionais que participaram do grupo focal colaboraram com essa pesquisa encaminhando seus respectivos Portfólios que foram elaborados durante o ano de 2018.

Observou-se que os cinco documentos analisados possuem formatação, fonte, cores e aspectos diferentes. Cada bibliotecário realizou a construção do documento individualmente e seguiu especificidades da cidade e escola onde a biblioteca está inserida, entretanto, todos seguem um padrão de informações introdutórias semelhantes. Ou seja, inicialmente os portfólios apresentam o nome dos professores e colaboradores, quantidade de empréstimos e atendimentos realizados, número de itens existentes no acervo e os tipos de atividades realizadas (culturais e pedagógicas).

Quadro 8 – Informações introdutórias dos portfólios

	Horário de atendimento	Dados estatísticos	Informações sobre o acervo	Professores e colaboradores	Tipos de atividades
Portfólio I	X	X	X	X	X
Portfólio II	X	X	X	X	X
Portfólio III	X	X	--	X	X
Portfólio IV	X	X	X	X	X
Portfólio V	X	X	X	X	X

Fonte: elaborada pela autora (2019).

Essas informações demonstram que a parte inicial dos portfólios das bibliotecas pesquisadas fazem uma breve apresentação das ações lá desenvolvidas. Visando abordar detalhadamente a parte qualitativa desses documentos, entretanto, julga-se relevante os dados quantitativos.

Dessa forma, observou-se que em 2018 a biblioteca escolar descrita no Portfólio I totalizou 19.289 atendimentos, 6.011 empréstimos, com um acervo de 10.944 itens e um total de 40 horas semanais de atendimento. Esse documento não apresentava a quantidade de itens existentes em seu acervo. Quanto às atividades, foi possível identificar 207 ações desenvolvidas.

Durante a verificação do Portfólio II, notou-se que a BE atingiu 20.419 atendimentos, 11.405 empréstimos, com um acervo de 8.637 itens e um total de 40 horas semanais de atendimento. Nas atividades descritas nesse documento foi observado o desenvolvimento de 159 ações.

O Portfólio III apresentou em 2018 um total de 22.049 atendimentos, 13.127 empréstimos, sem descrição de acervo. Com atendimento de 40 horas semanais atingindo 141 atividades realizadas.

Ao estudar o Portfólio IV foi possível notar 19.624 atendimentos, 6.191 empréstimos e um acervo de 9.367 itens. Durante as 40 horas semanais de atendimento desenvolveu-se 238 ações. Ressalta-se que as atividades do mês de setembro não foram localizadas, visto que, o arquivo se perdeu e não foi encaminhado para essa investigação.

E o Portfólio V nos mostra 39.592 atendimentos, 14.843 empréstimos e um acervo de 8983 itens. Foram desenvolvidas 307 ações em 2018 com um atendimento de 40 horas semanais.

Após as observações iniciais buscou-se identificar dentre as atividades descritas, as que trabalham especificamente a competência em informação. Visto que os bibliotecários e professores se envolvem em ações com o intuito de aprimorar diferentes habilidades nos estudantes, selecionou-se as atividades cujo os objetivos tiveram a preocupação de tornar os estudantes competentes no uso da informação. Assim, essa seleção foi realizada com base nas habilidades apresentadas pela *American Association of School Librarians* (1998, tradução nossa), que descrevem as habilidades necessárias para que o estudante se torne competente em informação

- ✓ Acessar a informação de forma eficiente e efetiva.
- ✓ Avaliar a informação de forma crítica e hábil.
- ✓ Usar a informação de forma precisa e criativa.
- ✓ Buscar a informação relacionada com seus interesses.
- ✓ Appreciar a literatura e outras formas de expressão criativa da informação.
- ✓ Se empenhar para obter excelência na busca por informação e geração de conhecimento.
- ✓ Reconhecer a importância da informação para a sociedade democrática.
- ✓ Praticar o comportamento ético em relação à informação e à tecnologia da informação.
- ✓ Participar efetivamente de grupos que busquem e gerem informação.

Realizou-se inicialmente a leitura das atividades dos cinco portfólios e uma seleção prévia de 41 ações resumidas de forma concisa e objetiva. Após observar que todas as atividades iam ao encontro das habilidades mencionadas acima, elaborou-se um quadro com as seguintes informações: o portfólio utilizado com o respectivo componente que foi trabalhado em parceria entre professor e bibliotecário, o objetivo da atividade, uma breve descrição de como foi desenvolvida a mesma e as habilidades descritas pela *American Association of School Librarians* (1998, tradução nossa).

Quadro 9 – Atividades Seleccionadas dos Portfólios inter-relação com habilidades propostas pela *American Association of School Librarians* (1998, tradução nossa).

<i>Portfólio I</i>	<i>Objetivo</i>	<i>Desenvolvimento</i>	<i>Crítérios de evidência da CoInfo</i>	<i>Inter-relação com habilidades propostas pela American Association of School Librarians</i>
Atividade I (Língua Portuguesa)	<i>1º ano EF - Compreender a organização dos livros nas estantes.</i>	<i>Em grupos, ouvir, ler e interpretar a música “gente tem sobrenome” (Toquinho).</i>	<i>Trabalhar em equipe. Utilizar diferentes suportes informacionais. Relacionar e conceituar assuntos. Recuperar fontes pertinentes.</i>	Acessar a informação de forma eficiente e efetiva. Buscar a informação relacionada com seus interesses.
Atividade II (Língua Portuguesa)	<i>3º ano EF - Apresentar os diferentes tipos de materiais que compõem o acervo. - Perceber a existência dos vários veículos de comunicação.</i>	<i>Exposição oral dos jornais do acervo. Em grupos manusearam, leram e localizaram informações específicas (data, matéria principal, local de publicação, et.)</i>	<i>Trabalhar em equipe. Utilizar fontes diversificadas. Localizar informações com precisão. Apresentar e argumentar sobre assuntos pesquisado.</i>	Acessar a informação de forma eficiente e efetiva. Avaliar a informação de forma crítica e hábil. Usar a informação de forma precisa e criativa. Reconhecer a importância da informação para a sociedade democrática.
Atividade III (Matemática)	<i>7º ano EF - Desenvolver a competência leitora e escritora, bem como, a interpretação de enunciados matemáticos.</i>	<i>Os alunos realizaram a leitura do livro - Encontros de 1º grau, e logo após registrando os principais fatos ocorridos na história.</i>	<i>Ler, interpretar e escrever sobre diversos assuntos. Identificar informações específicas em livros.</i>	Avaliar a informação de forma crítica e hábil. Usar a informação de forma precisa e criativa. Apreciar a literatura e outras formas de expressão criativa da informação. Participar efetivamente de grupos que busquem e gerem informação.
Atividade IV (Matemática)	<i>2º ano EM - Pesquisar sobre a</i>	<i>Sem descrição (acervo da BE e internet).</i>	<i>Localizar informação específica. Analisar dados e</i>	Acessar a informação de forma eficiente e efetiva.

	<i>contribuição das mulheres nas grandes invenções da humanidade (ODS 5 da AGENDA 2030).</i>		<i>conceitos. Apresentar e argumentar sobre assuntos pesquisado.</i>	Avaliar a informação de forma crítica e hábil. Buscar a informação relacionada com seus interesses. Se empenhar para obter excelência na busca por informação e geração de conhecimento. Reconhecer a importância da informação para a sociedade democrática. Participar efetivamente de grupos que busquem e gerem informação.
Portfólio II	Objetivo	Desenvolvimento	CoInfo	<i>Inter-relação com habilidades propostas pela American Association of School Librarians</i>
Atividade I (Matemática)	<i>3º ano EF – Interpretar e socializar gráficos.</i>	<i>Em grupos, pesquisaram em periódicos, selecionaram um gráfico, analisaram e socializaram com os colegas.</i>	<i>Trabalhar em equipe. Manusear diferentes tipos de materiais. Localizar informação específica. Analisar dados e conceitos. Apresentar e argumentar sobre assuntos pesquisado.</i>	Acessar a informação de forma eficiente e efetiva. Apreciar a literatura e outras formas de expressão criativa da informação. Se empenhar para obter excelência na busca por informação e geração de conhecimento. Praticar o comportamento ético em relação à informação e à tecnologia da informação.
Atividade II (Arte)	<i>5º ano EF - Pesquisar e socializar ritmos brasileiros.</i>	<i>Em duplas os estudantes consultaram o acervo e socializam as informações descobertas.</i>	<i>Trabalhar em equipe. Localizar informação específica. Analisar dados e conceitos. Apresentar e argumentar sobre assuntos pesquisado.</i>	Acessar a informação de forma eficiente e efetiva. Avaliar a informação de forma crítica e hábil.

				<p>Usar a informação de forma precisa e criativa.</p> <p>Buscar a informação relacionada com seus interesses.</p> <p>Apreciar a literatura e outras formas de expressão criativa da informação.</p> <p>Se empenhar para obter excelência na busca por informação e geração de conhecimento.</p> <p>Praticar o comportamento ético em relação à informação e à tecnologia da informação.</p>
Atividade III (Língua Portuguesa)	<i>6º ano EF – Localizar os livros nas estantes através do sistema pergamum.</i>	<i>Utilizando o laboratório de informática aprenderam como efetuar busca no sistema e localizar os livros no acervo.</i>	<i>Utilizar a tecnologia. Definir termos de busca. Recuperar fontes pertinentes. Explorar diversos tipos de materiais.</i>	<p>Acessar a informação de forma eficiente e efetiva.</p> <p>Usar a informação de forma precisa e criativa.</p> <p>Buscar a informação relacionada com seus interesses.</p> <p>Praticar o comportamento ético em relação à informação e à tecnologia da informação.</p>
Atividade IV (História)	<i>9º ano EF – Pesquisar no acervo sobre a descolonização de diversos países.</i>	<i>Em grupos, localizaram no acervo, leram, interpretaram e socializaram o tema.</i>	<i>Trabalhar em equipe. Localizar informação específica. Analisar dados e conceitos. Apresentar e argumentar sobre assuntos pesquisado.</i>	<p>Acessar a informação de forma eficiente e efetiva.</p> <p>Avaliar a informação de forma crítica e hábil.</p> <p>Usar a informação de forma precisa e criativa.</p> <p>Buscar a informação relacionada com seus interesses.</p>

				Reconhecer a importância da informação para a sociedade democrática.
Portfólio III	Objetivo	Desenvolvimento	CoInfo	<i>Inter-relação com habilidades propostas pela American Association of School Librarians</i>
Atividade I (Língua Portuguesa)	<i>2º ano EF - Praticar a leitura e identificar os elementos essenciais das obras.</i>	<i>Analisando os elementos existentes nos livros, identificaram autor título, editora, etc.</i>	<i>Localizar informação específica. Identificar informações específicas em livros.</i>	Acessar a informação de forma eficiente e efetiva. Buscar a informação relacionada com seus interesses.
Atividade II (Língua Portuguesa)	<i>2º ano EF - Conhecer, ler, interpretar oralmente e contextualizar o poema de Cecília Meireles.</i>	<i>Leitura e interpretação do poema “Enchente”</i>	<i>Ler e interpretar sobre diversos assuntos. Identificar informações específicas em livros.</i>	Acessar a informação de forma eficiente e efetiva. Avaliar a informação de forma crítica e hábil. Apreciar a literatura e outras formas de expressão criativa da informação. Reconhecer a importância da informação para a sociedade democrática.
Atividade III (Língua Portuguesa)	<i>6º ano EF – Auxiliar os alunos no desenvolvimento da competência em pesquisa e em normalização de trabalhos acadêmicos.</i>	<i>Apresentação de slides com os passos de uma pesquisa e os elementos de apresentação da mesma.</i>	<i>Utilizar padrões pré-estabelecidos. Identificar informações específicas em livros.</i>	Usar a informação de forma precisa e criativa. Reconhecer a importância da informação para a sociedade democrática. Praticar o comportamento ético em relação à informação e à tecnologia da informação.
Atividade IV	<i>1º ano EM - Aprender como</i>	<i>Com orientação os estudantes definiram</i>	<i>Localizar informação específica. Analisar dados e</i>	Acessar a informação de forma eficiente e efetiva.

(Língua Portuguesa)	<i>levantar dados e informações sobre assuntos polêmicos e formar a própria opinião a respeito do assunto.</i>	<i>termos de busca e localizaram no acervo dados para construírem sua opinião.</i>	<i>conceitos. Recuperar fontes pertinentes. Explorar diversos tipos de materiais.</i>	Avaliar a informação de forma crítica e hábil. Usar a informação de forma precisa e criativa. Buscar a informação relacionada com seus interesses. Se empenhar para obter excelência na busca por informação e geração de conhecimento. Reconhecer a importância da informação para a sociedade democrática. Participar efetivamente de grupos que busquem e gerem informação.
Portfólio IV	Objetivo	Desenvolvimento	CoInfo	<i>Inter-relação com habilidades propostas pela American Association of School Librarians</i>
Atividade I (Língua Portuguesa)	<i>1º ano EF – Conhecer e encontrar soluções para a corrupção.</i>	<i>Leitura da "Fábula da Corrupção" com posterior debate sobre o tema.</i>	<i>Ler e interpretar sobre diversos assuntos. Apresentar e argumentar sobre assuntos pesquisado.</i>	Avaliar a informação de forma crítica e hábil. Apreciar a literatura e outras formas de expressão criativa da informação. Reconhecer a importância da informação para a sociedade democrática. Praticar o comportamento ético em relação à informação e à tecnologia da informação.
Atividade II (Interdisciplinar)	<i>Comunidade Escolar - Atrair e cativar os alunos que não tem</i>	<i>Durante os intervalos os estudantes são convidados para um</i>	<i>Apreciar espaços informacionais, leituras e jogos. Interagir com outras pessoas.</i>	Usar a informação de forma precisa e criativa.

	<i>tanta afinidade com a leitura e biblioteca.</i>	<i>momento de lazer com jogos e HQs.</i>		<p>Buscar a informação relacionada com seus interesses.</p> <p>Apreciar a literatura e outras formas de expressão criativa da informação.</p>
Atividade III (Ciências)	<i>9º ano EF – Aprofundar conceitos sobre “Alimentos Transgênicos e Agrotóxicos”.</i>	<i>Em parceria, bibliotecário e nutricionista realizaram apresentação sobre os conceitos e instigaram o debate entre os estudantes.</i>	<i>Analisar dados e conceitos. Apresentar e argumentar sobre assuntos diversificados.</i>	<p>Usar a informação de forma precisa e criativa.</p> <p>Praticar o comportamento ético em relação à informação e à tecnologia da informação.</p> <p>Participar efetivamente de grupos que busquem e gerem informação.</p>
Atividade IV (Matemática)	<i>8º ano EF ao 3º ano EM - Oferecer aos discentes condições de fortalecerem os conhecimentos matemáticos.</i>	<i>Parceria entre professor e bibliotecário: os estudantes formaram grupos de estudo para que pudessem estudar no contra período.</i>	<i>Trabalhar em equipe. Localizar informação específica. Analisar dados e conceitos. Apresentar e argumentar sobre assuntos pesquisado.</i>	<p>Acessar a informação de forma eficiente e efetiva.</p> <p>Avaliar a informação de forma crítica e hábil.</p> <p>Usar a informação de forma precisa e criativa.</p> <p>Buscar a informação relacionada com seus interesses.</p> <p>Reconhecer a importância da informação para a sociedade democrática.</p> <p>Praticar o comportamento ético em relação à informação e à tecnologia da informação.</p> <p>Participar efetivamente de grupos que busquem e gerem informação.</p>

Portfólio V	Objetivo	Desenvolvimento	CoInfo	Inter-relação com habilidades propostas pela American Association of School Librarians
Atividade I (Ciências)	<i>2º ano EF - Conhecer a classificação do Reino Animal; Identificar características que diferenciam os animais.</i>	<i>Exibição do episódio do documentário “Diversidades da Selva”.</i>	<i>Localizar informação específica. Analisar dados e conceitos.</i>	Avaliar a informação de forma crítica e hábil. Usar a informação de forma precisa e criativa. Buscar a informação relacionada com seus interesses. Apreciar a literatura e outras formas de expressão criativa da informação. Praticar o comportamento ético em relação à informação e à tecnologia da informação.
Atividade II (Ciências)	<i>5º ano EF - Identificar traços culturais característicos de diferentes regiões do Brasil.</i>	<i>Apresentamos aos alunos os diferentes estilos a diversidade cultural existente nas regiões brasileiras.</i>	<i>Localizar informação específica. Analisar dados e conceitos.</i>	Acessar a informação de forma eficiente e efetiva. Avaliar a informação de forma crítica e hábil. Usar a informação de forma precisa e criativa. Buscar a informação relacionada com seus interesses.
Atividade III (Língua Portuguesa)	<i>8º ano EF - Appreciar diferentes estilos musicais, bem como, valorizar a cultura nacional.</i>	<i>Conversa inicial e disponibilização bibliografia de biografias de músicos famosos para leitura e pesquisa.</i>	<i>Ler e interpretar sobre diversos assuntos. Pesquisar em diversos tipos de materiais. Apresentar e argumentar sobre assuntos pesquisado.</i>	Usar a informação de forma precisa e criativa. Apreciar a literatura e outras formas de expressão criativa da informação. Se empenhar para obter excelência na busca por informação e geração de conhecimento.

Atividade IV (História)	<i>2º ano EM - Avaliar como a liberdade de expressão tem sido utilizada em diferentes veículos de comunicação e suas consequências para a vida das pessoas, analisando as formas de censura ou de regulamentação relacionadas a certos conteúdos veiculados.</i>	<i>Distribuídos em grupos, os estudantes utilizaram um roteiro elaborado pelo professor para identificarem nos periódicos notícias do cotidiano com situações onde a liberdade e o direito de expressão estivessem sendo violadas.</i>	<i>Trabalhar em equipe. Localizar informação específica. Analisar dados e conceitos.</i>	Acessar a informação de forma eficiente e efetiva. Avaliar a informação de forma crítica e hábil. Buscar a informação relacionada com seus interesses. Reconhecer a importância da informação para a sociedade democrática. Praticar o comportamento ético em relação à informação e à tecnologia da informação.
----------------------------	--	--	--	--

Fonte: elaborada pela autora (2019) – baseada nos portfólios analisados; *American Association of School Librarians* (1998, tradução nossa).

Nota-se que as 20 atividades descritas no Quadro 9 são desenvolvidas em disciplinas diferentes, abrangendo as áreas de Língua Portuguesa, Ciências, Matemática, História, Arte e Interdisciplinaridade. Algumas ações contam apenas com o bibliotecário, todavia, a maioria acontece em parceria entre o professor e bibliotecário.

O Portfólio I apresenta atividades desenvolvidas nas áreas de Língua Portuguesa e Matemática, as ações descritas foram realizadas com música, periódicos e livro. Buscou-se aprimorar as competências de *trabalhar em equipe, utilizar diferentes suportes informacionais, relacionar e conceituar assuntos, recuperar fontes pertinentes, utilizar fontes diversificadas, localizar informações com precisão, apresentar e argumentar sobre assuntos pesquisado, ler, interpretar e escrever sobre diversos assuntos, identificar informações específicas em livros, analisar dados e conceitos e apresentar e argumentar sobre assuntos pesquisado.*

Destacaram-se para essa análise três atividades do ensino fundamental e apenas uma do ensino médio, sendo duas delas voltadas para conhecer os materiais existentes no acervo, bem como, sua localização. Evidenciou-se o incentivo e uso de habilidades informacionais específicas e a inter-relação com habilidades propostas pela *American Association of School Librarians*, essa biblioteca escolar utiliza a diversificação de estratégias e de recursos adotados, ousando e criando possibilidades ao apresentar novos escritores e artistas consagrados. Já a parceria entre professor e bibliotecário é notória com a atividade realizada para os estudantes do ensino médio, dado que o tema pesquisado faz parte de assunto apresentado pelo professor em sala.

As atividades descritas no Quadro 9 referentes ao Portfólio II apresentam o uso de periódicos, livros e computadores que foram utilizados durante as aulas de Arte, Matemática, História e Língua Portuguesa. Assim, as competências desenvolvidas foram *trabalhar em equipe, manusear diferentes tipos de materiais, localizar informação específica, analisar dados e conceitos, apresentar e argumentar sobre assuntos pesquisado, utilizar a tecnologia, definir termos de busca, recuperar fontes pertinentes, explorar diversos tipos de materiais.*

Assim, é possível realizar a inter-relação com as habilidades de uso da informação nas quatro atividades, mesmo sendo todas desenvolvidas com os estudantes do ensino fundamental, duas estão diretamente relacionadas com a pesquisa de informações específicas dos componentes de Arte e de História, uma possui o conteúdo

voltado para a interpretação de gráficos matemáticos, e outra está diretamente relacionada às habilidades classificadas pelo Participantes do grupo focal de competência em informação. Comprova-se com essas observações a parceria do professor e do bibliotecário no planejamento e desenvolvimento das atividades, no sentido de promover aos estudantes, maiores possibilidades de manuseio independente dos recursos informacionais.

Das quatro atividades selecionadas do Portfólio III destacam-se as competências em *localizar informação específica, identificar informações específicas em livros, ler e interpretar sobre diversos assuntos, utilizar padrões pré-estabelecidos, analisar dados e conceitos, recuperar fontes pertinentes e explorar diversos tipos de materiais*. Observa-se essas ações na área de Língua Portuguesa, de forma que a parceria entre o bibliotecário e o professor responsável por esse componente acontece forma intensa.

Dentre as inúmeras habilidades exploradas por esses educadores duas estão diretamente voltadas para a leitura e interpretação e as outras duas se relacionam com a competência em informação e a seleção de dados e informações confiáveis. Temos também, que 3 atividades fazem parte de ações desenvolvidas para o ensino fundamental e 1 para o ensino médio, sendo todas claramente realizadas em parceria entre professor e bibliotecário, na ânsia para que os estudantes da Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo consigam expandir de maneira significativa a competência em informação.

As informações apresentadas na descrição das atividades selecionadas para a análise do Portfólio IV fortalecem as competências em *ler e interpretar sobre diversos assuntos, apresentar e argumentar sobre assuntos pesquisados, apreciar espaços informacionais, leituras e jogos, interagir com outras pessoas, analisar dados e conceitos, apresentar e argumentar sobre assuntos diversificados e trabalhar em equipe*, durante as aulas de Matemática, Ciências, Língua Portuguesa e Interdisciplinaridade. Dentre as 4 atividades, verificou-se que 3 foram desenvolvidas para os estudantes do ensino fundamental e 1 visou abarcar toda a comunidade escola. Ficou evidente nesta última a atuação exclusiva do bibliotecário, estimulando o uso da biblioteca escolar como lazer, as demais pairaram acerca de aprofundamento de conceitos específicos nos componentes de Língua Portuguesa, Matemática e Ciências, que neste caso, foi fortalecida com participação da nutricionista.

Assim, encontra-se no Portfólio V, na descrição das 4 atividades selecionadas, ações nas disciplinas de História, Língua Portuguesa e Ciências. Essas atividades aprimoraram as competências para *identificar informação específica, analisar dados e conceitos, ler e interpretar sobre diversos assuntos, pesquisar em diversos tipos de materiais, apresentar e argumentar sobre assuntos pesquisado e trabalhar em equipe*. Enfatizando relevantemente o uso de estratégias que aprofundem as habilidades que apresentam inter-relação com a propostas da *American Association of School Librarians*.

Destaca-se ações que incentivaram a apropriação de diferentes características culturais e estilos musicais, a valorização da liberdade de expressão e conceitos específicos sobre os assuntos que estão relacionados ao plano de aula dos professores que participaram das atividades propostas. Acredita-se que a existência da parceria entre os educadores está implícita em todos os portfólios analisados, garantindo o desenvolvimento da competência em informação nos estudantes da Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo.

Acredita-se que as ações apresentadas no Quadro 9 foram desenvolvidas em parceria com o professor, visto que, apenas uma atividade descrita no Portfólio IV deixa claro a participação apenas do bibliotecário – no atendimento da comunidade escolar. Outro fator relevante é observado com o especialista do componente de Língua Portuguesa, uma vez que, os cinco bibliotecários desenvolveram ao menos uma atividade com esse do especialista. Essa parceria garantiu a seleção prévia de materiais, ou mesmo, a integração de ideias entre os dois educadores, estando ativamente envolvidos nesse processo e tornando os estudantes aptos ao uso da informação de tal maneira que eles pudessem

- Saber quando precisam de informações;
- Identificar informações necessárias para solucionar um determinado problema ou questão;
- Encontrar e avaliar as informações que busca;
- Organizar as informações [e]
- Efetivar o uso das informações para solucionar um problema ou questão (ALA, 1989, tradução nossa).

A incidência de parceria com o professor especialista no componente de Matemática acontece nos Portfólios 1, 2 e 4. Já o professor especialista no componente de Ciências (específico do ensino fundamental) é retratado nas ações dos Portfólios 4 e 5. História é mencionada em parcerias nos Portfólios 2 e 5 e o componentes Arte apenas no Portfólio 2. Não fica evidente os motivos pelos quais Língua Portuguesa e Matemática

aparecem com mais frequência, entretanto, acredita-se que o maior número de aulas da grade curricular atribuída para esses especialistas pode ser um fator de destaque.

Observou-se ainda nas descrições das atividades que não há avaliação das mesmas, ou seja, a parceria acontece em um primeiro momento para aprimorar ou aprofundar um conteúdo que faz parte da proposta mensal do professor. Contudo, o bibliotecário não consegue mensurar o impacto de sua contribuição nem mesmo se as expectativas de ensino aprendizagem foram atingidas. Embora os portfólios apresentem claramente a contribuição da biblioteca escolar na formação de leitores, no acesso à informação, no aprimoramento da competência em informação, na formação de pesquisadores e na dinamização de aspectos multiculturais que à permeiam (BARBALHO, 2011), a avaliação pontual para cada atividade enriqueceria essa pesquisa e oferecia para a Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo uma orientação objetiva para melhorar os serviços prestados.

Todavia, as atividades de suporte a aprendizagem descritas no Quadro 9 e desenvolvidas em parceria entre professor e bibliotecário aprimoram nos estudantes a competência no uso da informação. Conclui-se assim, que a proposta da Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo vai ao encontro do “modelo de programa de habilidades de estudo e competência informativa” (IFLA, 2015, p. 22), uma vez que os estudantes estão em evidência e participam das atividades de maneira a

- ser aprendizes competentes e independentes;
- estar conscientes das suas necessidades de informação e ativamente conectados ao mundo das idéias;
- ter confiança nas suas habilidades para resolver problemas e saber discernir o que é uma informação relevante;
- ser capazes de utilizar as ferramentas de tecnologia para o acesso à informação e para sua própria comunicação;
- agir com tranquilidade nas situações onde haja multiplicidade de respostas ou naquelas em que não haja respostas;
- executar trabalhos com padrões de alto nível e criar produtos de qualidade;
- ser flexíveis e capazes de se adaptar às mudanças e de ter desempenho individual ou em grupo (IFLA, 2015, p. 22).

Em suma, as atividades são planejadas e desenvolvidas assertivamente, visto que, utilizam diversos recursos físicos e tecnológicos, aproximam vários educadores e são capazes de aprimorar nos estudantes a competência em informação.

5.4 Triangulação das Informações Coletadas

Dentre as várias informações coletadas foi possível estabelecer alguns pontos fortes e alguns pontos fracos apontados pelos participantes do grupo focal e pela entrevistada. Para melhor evidenciá-los, o Quadro 10 foi elaborado e os itens separados em tópicos.

Quadro 10 – Pontos Fortes e Fracos da Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo.

Dados	Pontos Fortes/Favorecem	Pontos Fracos/Desfavorecem
Entrevista	<ul style="list-style-type: none"> ✓ estrutura física; ✓ investimentos; ✓ compartilhamento. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ falta de comprometimento de alguns profissionais.
Grupo Focal	<ul style="list-style-type: none"> ✓ experiência profissional; ✓ criatividade; ✓ vínculos afetivos com a comunidade escolar 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ falta de reconhecimento e apoio dos gestores; ✓ a não avaliação das atividades; ✓ professores pouco preparados para utilizar a BE.

Fonte: elaborado pela autora (2020).

Dessa forma, nota-se que durante a entrevista a Analista menciona como pontos fortes da Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo a estrutura física que se adequa ao recomendado para as BEs; os constantes investimentos em acervo – cada unidade possui uma verba significativa para a aquisição de livros e periódicos; treinamento profissional – acontece anualmente para formação e planejamento das atividades coletivas que serão desenvolvidas na rede; e o compartilhamento das boas práticas – disseminação das atividades assertivas desenvolvidas pelos bibliotecários.

Em contrapartida, os bibliotecários afirmam ser a experiência profissional um dos fatores positivos que impulsionam o trabalho nas BEs, seguido da criatividade para o planejamento múltiplas atividades e findam afirmando serem os vínculos afetivos com a comunidade escolar fatores que favorecem o trabalho em rede e multiplicam boas ações. Acredita-se que a junção de todas essas práticas e habilidades são capazes de tornar o

ambiente mais acolhedor, facilitando novas propostas/parcerias para o aperfeiçoamento da competência em informação nos estudantes.

Contudo, a entrevistada evidencia que a atuação em rede deve acontecer de maneira consciente, para que não haja prejuízos nos processos técnicos como um todo. Ficando claro que um dos pontos fracos é a falta de comprometimento dos profissionais bibliotecários. A coleta de dados do grupo focal aponta para outras dificuldades, como por exemplo, a falta de reconhecimento e apoio dos gestores – visto que são os responsáveis pelo incentivo e diversificação das atividades de suporte a aprendizagem; outro ponto que desfavorece o trabalho da rede é a não avaliação das atividades, sabe-se que a avaliação traria resultados mais objetivos fazendo com que as ações fossem aperfeiçoadas e ampliadas; e, enfim, a falta de preparo dos professores para fazer uso da biblioteca escolar, que culminaria no aprimoramento da CoInfo nos estudantes.

Os Portfólios se apresentam de maneira a confirmar essas informações, após a análise dos cinco documentos e a seleção das 41 atividades, nota-se que todos possuem uma estrutura informacional semelhante e apesar de evidenciarem a participação dos professores deixando claro o planejamento e desenvolvimento das ações, a avaliação não é descrita.

Observa-se uma maior presença dos componentes de Português de Matemática nas descrições dos Portfólios, entretanto, outros componentes são citados, como por exemplo, Arte, História, Inglês, Ciência e Geografia. As parcerias são percebidas não apenas entre professores e bibliotecários, mas também com a presença de outros profissionais da escola. Uma das atividades conta também com a participação da Nutricionista da escola. Entende-se que esse envolvimento é o diferencial da Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo, que se apresenta bem consolidada e perfeitamente estruturada dentro da concepção de ensino da rede escolar à qual está inserida.

De uma maneira geral, os profissionais envolvidos na pesquisa (Analista Técnica e Participantes do grupo focal) possuem ações bem articuladas com a proposta da Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria. Quanto aos portfólios, entende-se que essa prática de registro implantada em 2013 e utilizada por todos os bibliotecários da rede se encaixa perfeitamente com as necessidades de disseminação das BEs e deve ser mantida. Contudo, esses documentos deveriam ser construídos juntamente com os

professores que atuam em parceria com os profissionais da informação, e também, disponibilizados para um público maior, com livre acesso para todos os profissionais bibliotecários do estado e do Brasil. Esses Portfólios seriam largamente utilizados e contribuiriam efetivamente com o compartilhamento de boas práticas informacionais do mundo.

Durante a análise dos dados buscou-se contribuições que elucidassem as práticas realizadas na Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo. Os autores e documentos norteadores dessa prática foram reunidos no Quadro 11 com o intuito de facilitar a sequência teórica adotada nesta pesquisa.

Quadro 11 – Principais contribuições dos autores (análise de dados).

Autor (a)	Contribuições
ANDRADE (ET. AL. 2013)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Incentivo para o uso da BE pelos professores.
ANZOLIN (2009)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sistema Pergamum: melhoria no atendimento das Bibliotecas Escolares.
BARBALHO (2011)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Padrões a serem adotados em Bibliotecas Escolares.
BELLUZZO (2005)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Competência em Informação. ▪ Redes de bibliotecas e seu potencial educacional.
BEZERRA (2008)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A Biblioteca Escolar no processo de ensino aprendizagem.
BONFIM (2009)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Grupos Focais: técnicas de aplicação.
BRASIL (2010)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Lei que reforça a importância da Biblioteca Escolar e do Profissional Bibliotecário.
CAMPELLO (2009)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Competências e Habilidades nas Bibliotecas Escolares do Brasil.
CARTA (2014)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Competência em Informação no Brasil: parâmetros para os centros formadores.
FELIX, DUARTE (2015)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A Biblioteca Escolar no processo de formação cultural do estudante.
FONSECA, SPUDEIT (2016)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A Biblioteca Escolar dando suporte no desenvolvimento da Competência em Informação: ensino médio.
GOMES, DUMONT (2015)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A Competência em Informação: educação e trabalho.
GONDIM (2002)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Perfil profissional e o preparo para o mercado de trabalho.
IFLA (2015)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Diretrizes para a Biblioteca Escolas.
KUHLTAU (2009)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A Biblioteca Escolar dando suporte no desenvolvimento da Competência em Informação: ensino fundamental. ▪ Programa de atividades.

LIMAS E CAMPELLO (2017)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Estudo sobre Redes de Bibliotecas escolares no Brasil.
MATOS, OLIVEIRA, AGUIAR (2012)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O <i>marketing</i> da bibliotecas para motivar o uso dos diversos recursos.
O MENINO (2019)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Uso da Biblioteca escolar. ▪ Acesso à informação.
PAULO, CASARIM, MANHIQUE (2018)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A Biblioteca Escolar dando suporte no desenvolvimento da Competência em Informação: ensino fundamental.
SANTOS, ALCARÁ (2018)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A Competência em Informação: ações e prática.
SESI (2019)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Apresentação geral da Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo.
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (2016)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Parâmetros para a Biblioteca Escolar: espaço físico.
VIANA (2014)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Redes de Biblioteca Escolares e as Políticas Públicas.

Fonte: elaborada pela autora (2020).

Apresenta-se no próximo capítulo algumas considerações que buscam refletir sobre os dados coletados explorando as possíveis dimensões da atuação dos educadores (professor e bibliotecário) mediante a competência em informação e as bibliotecas escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalização de um trabalho de pesquisa responde a uma questão inicial, e, corriqueiramente estimula novas indagações e novas pesquisas. Ou seja, “A finalização de uma pesquisa raramente coincide com sua conclusão” (SILVA, 2018, p. 79), acredita-se que os apontamentos e inferências realizados neste capítulo servirão de base para o trabalho de futuros pesquisadores. Ressalta-se que o objetivo geral inicialmente proposto foi analisar as atividades de suporte a aprendizagem desenvolvidas em parceria entre professor e bibliotecário, que buscam aprofundar as competências em informação nos estudantes da Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo.

Para isso, adotou-se como objetivos específicos a contextualização das redes bibliotecas escolares no Brasil; a descrição do trabalho do bibliotecário escolar para o desenvolvimento da competência em informação nos estudantes; identificou-se também as atividades de suporte a aprendizagem existentes nos Portfólios da Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo que desenvolvem a competência em informação nos estudantes; verificou-se as atividades de suporte a aprendizagem, bem como, seu planejamento, desenvolvimento e avaliação pelos bibliotecários; e, discutiu-se a contribuição dessas atividades na formação de competências em informação nos estudantes.

Entende-se que existe hoje a necessidade de capacitar crianças e jovens estudantes para uma participação social efetiva, aprimorando a maneira como eles absorvem a enorme quantidade de informações disseminadas através dos meios tecnológicos. As BEs são locais propícios para que a CoInfo possa ser aperfeiçoada através de atividades simples que deem suporte ao ensino e a aprendizagem, sendo capazes de transformar os estudantes em cidadãos participativos e conscientes.

Essa investigação teve início com uma questão norteadora: existe parceria entre professores e bibliotecários da Rede de Bibliotecas Escolares das Escolas do Serviço Social da Indústria de São Paulo? Encontrou-se, contudo, algumas dificuldades para que essa questão pudesse ser respondida, dentre elas, destaca-se a grande quantidade de bibliotecas escolares que fazem parte da rede escolhida, conseqüentemente, o número de bibliotecários que poderiam contribuir para a pesquisa era superior ao indicado na literatura para a aplicação de um grupo focal. Sanou-se esse problema ao apresentar a proposta para o Diretor do Centro de Atividades responsável pelas escolas que são

subsidiadas pelos Centros de Atividades de Botucatu e Jau. Após permissão do mesmo, foi possível entrar em contato com os profissionais que colaboraram com a coleta de dados. Outros pormenores, tais como, falta de familiaridade com a metodologia escolhida e a inexperiência do pesquisador foram solucionados com leituras extras e apoio do orientador.

Foi possível identificar na entrevista que a Analista Técnica desempenha essa função há 12 anos, tempo suficiente para que ela apresente propriedade em suas colocações. As atribuições que lhe são designadas são claras, permitindo uma atuação pontual e objetiva em seu trabalho. Acredita-se que as orientações repassadas por ela aos profissionais da Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo sejam exequíveis e compreendidas facilmente. Visto que, durante a aplicação do grupo focal os Participantes mencionam as mesmas informações descritas pela Entrevistada sobre a construção dos portfólios, o registro de frequência dos usuários, agendamento e planejamento das atividades.

É evidente na transcrição da entrevista e do grupo focal a valorização da boa estrutura física das escolas. Tanto a Analista Técnica quanto os Participantes do Grupo focal apontam esse item como um dos pontos fortes das bibliotecas. Cada unidade conta com espaço adequado para atender até 40 estudantes acomodados em mesas e cadeiras, um acervo superior a nove mil itens, investimento anual para a renovação desse acervo e ainda materiais multimídia, computadores com acesso à internet, etc.

Observou-se que o investimento na capacitação dos profissionais é algo intenso, acontece de maneira planejada e periódica. A formação dos bibliotecários é realizada não apenas quando este inicia seu trabalho na Rede, mas também, durante toda sua permanência como colaborador da mesma. Ela se dá em momentos individuais e coletivos, presenciais e por videoconferência, sempre com temas pré-determinados e buscando sanar dúvidas pontuais.

Os Participantes apontaram dificuldades quando iniciaram suas atividades nas BEs, chegando à conclusão que os cursos de graduação não fortaleceram teoricamente sua atuação nessas bibliotecas. Entende-se que as formações e treinamentos oferecidos pelo SESI-SP através da Analista Técnica e dos encontros anuais serviram para amenizar essas lacunas e a falta de experiência com esse público específico. Contudo, é relevante mencionar que os Participantes do grupo focal apontaram a experiência profissional, a

criatividade e os vínculos afetivos com a comunidade escolar de extrema importância para que seu trabalho seja bem-sucedido. Assim, além da formação continuada oferecida pelo SESI-SP, identificou-se que é necessário um certo tempo para que haja a integração do bibliotecário com a comunidade escolar.

O aprendizado ao longo da vida, a auto formação e a formação continuada são fatores que melhoram as chances de ingressar no mercado de trabalho. A experiência profissional possibilita aos bibliotecários desenvolver habilidades que facilitem o desempenho de suas funções. Principalmente quando o público atendido possui diversidades de culturas, de crenças e de idade é necessário atualizar-se para oferecer uma boa prestação de serviços.

Mantendo-se qualificado o bibliotecário escolar é capaz criar novos projetos, propostas e desenvolver atividades que alcance os diferentes públicos que atende. A criatividade o faz sensível as novas descobertas tecnológicas, tornando-o apto para lidar com as situações diversas que podem surgir em sua rotina. O vínculo com os alunos e professores é algo que não se aprende nos bancos da faculdade, apenas o tempo, a empatia e as atitudes pessoais conseguem aproximar o bibliotecário dos estudantes, professores e demais membros da comunidade.

Dessa forma, pode-se dizer, que os itens citados pelos Participantes do grupo focal como necessários para uma boa atuação profissional, se completam e vão lapidando o trabalho do bibliotecário escolar.

Em se tratando da estrutura física e dos investimentos anuais, identificou-se na aplicação da entrevista, que o compartilhamento de boas práticas é um dos pontos fortes da Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social as Indústria de São Paulo. Tanto na parte técnica do trabalho quanto os projetos, parcerias e atividades desenvolvidas nas bibliotecas são disseminadas para todos os bibliotecários através dos portfólios.

Já com os bibliotecários participantes do grupo focal, elencou-se alguns itens como pontos fracos da Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social as Indústria de São Paulo, dentre eles: a) a falta de reconhecimento e apoio dos gestores, b) professores pouco preparados para utilizar a BE com qualidade e de forma significativa e c) a não avaliação das atividades.

Sabe-se que uma escola necessita da dedicação de todos os profissionais, desde os auxiliares de limpeza até o diretor. Assim, para que a biblioteca consiga mobilizar toda a comunidade escolar é de extrema importância que os gestores (diretor e coordenador) reconheçam e apoiem o profissional responsável pelo setor e as atividades propostas pelo mesmo. Da mesma forma que os bibliotecários relataram dificuldades em atuar no contexto escolar, acredita-se que os professores também não compreendam inicialmente a relevância do setor para a formação integral do estudante. Destarte, é possível oferecer formações e apresentar experiências assertivas para que haja um maior entendimento da utilização da BE, que culminará na aproximação dos bibliotecários e professores.

Isto posto, a avaliação das atividades desenvolvidas por esses educadores na BE será passível de uma avaliação conjunta, aperfeiçoando a forma com que os recursos são utilizados, transformando a maneira de aprender dos estudantes e, por fim, alcançando os objetivos e missão da escola. Acredita-se que o apoio da gestão, professores melhores preparados para a utilização da BE e a avaliação adequada das atividades realizadas em parceria entre professor e bibliotecário sejam fatores ajustáveis e vultuosos no cotidiano educacional.

Quanto aos pontos fracos de uma rede apontados pela Analista Técnica durante a entrevista, observou-se principalmente a falta de comprometimento de alguns profissionais, visto que, a atuação em rede deve ser aprimorada de forma coletiva, pensando em um todo, quando alguns profissionais, mesmo a minoria, tomam atitudes que prejudicam o andamento de um serviço colaborativo, todo o trabalho pensado e desenvolvido por meses ou anos é prejudicado.

Detectou-se, que apesar de as bibliotecas serem integrantes de uma rede, as atividades de suporte aprendizagem desenvolvidas apenas pelo bibliotecário ou em parceria com o professor são planejadas individualmente, ou seja, cada bibliotecário pode propor dinâmicas – individuais ou juntamente com o professor – de forma que atenda às necessidades de seus estudantes. Entende-se que cada escola possui públicos com especificidades que permitam essa atuação individual do bibliotecário. De acordo com a entrevistada, essas são as únicas ações que o bibliotecário possui total autonomia para gerir, não sendo necessário seguir sugestões ou solicitar suporte para a Analista Técnica.

Quanto à essas atividades onde o bibliotecário está vinculado à Rede de Bibliotecas Escolares do Serviço Social da Indústria de São Paulo mas age de forma

individual, os profissionais ouvidos no grupo focal classificaram-nas como: a) atividades culturais; b) atividades pedagógica; e c) competência em informação. A primeira estaria ligada às atividades voltadas para aprimorar a competência em informação relacionadas as artes, ou seja, atividades que possibilitem aos estudantes apreciar e mesmo apresentar para a comunidade escolar as diferentes habilidades artísticas que possuam.

A segunda trata de desenvolver a competência em informação que busca aprofundar o conteúdo trabalhado pelos professores em sala de aula. As atividades pedagógicas permitem a ampliação do plano de aula e melhor assimilação dos assuntos com o apoio dos recursos existentes na biblioteca. Já as atividades denominadas pelos Participantes do grupo focal como competência em informação estariam diretamente ligadas ao aprimoramento de habilidades que tornam os estudantes capazes de fazerem uso dos diferentes materiais existentes na biblioteca escolar, localizando a informação de maneira autônoma e fortalecendo o ensino e a aprendizagem ofertados pelos diferentes educadores nas escolas.

A análise dos portfólios produzidos pelos bibliotecários das unidades dos Centro de Atividades de Botucatu e Jau demonstrou uma estrutura informacional semelhante, a parte introdutória apresenta não apenas a BE, mas também a escola de uma forma geral. Em alguns documentos identifica-se até mesmo informações sobre a cidade a qual a escola está inserida, bem como, imagens de pontos turísticos. É notória a existência da parceria entre professor e bibliotecário, pois a descrição das atividades se dá com detalhes que envolvem tarefas desempenhadas por ambos, deixando claro que o planejamento e desenvolvimento acontecem com a participação dos dois em suas áreas específicas.

Observou-se nos cinco documentos que os educadores envolvidos exercem papéis distintos, desempenhando atividades específicas de sua área. O bibliotecário propicia a busca e localização da informação, o professor é o esteio no momento da interpretação e fundamentação do conteúdo. Nota-se, contudo, a falta de um padrão para a avaliação dessas atividades, visto que, não há nenhum relato que aponte para uma análise mais eficaz das atividades, sejam elas culturais, pedagógicas ou que busquem fortalecer a competência em informação nos estudantes.

Após dois anos de dedicação a esta pesquisa não é possível ultimar conclusivamente os dados analisados, em virtude de constatar-se a grandiosidade de elementos qualitativos produzidos pela Rede de Bibliotecas do Serviço Social da

Indústria de São Paulo. Considera-se, quanto bibliotecária escolar, a relevância dessa instituição para a área, bem como, um exemplo a ser implantado nas escolas públicas e privadas de todo Brasil, possibilitando assim, um forte movimento em prol do aprimoramento de habilidades no uso da informação, bem como, da competência em informação.

REFERÊNCIAS

ABREU, V. L. F.; *et. al.* Diagnóstico das bibliotecas escolares da rede estadual de ensino de Belo Horizonte – MG: a situação dos acervos. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n.17, 1. Sem. p. 19-33, 2004. Disponível em: <file:///C:/Users/bibli/Downloads/138-69777-1-PB.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2019.

ALA. AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. Presencial Committee on Information Literacy. **Final report**. Chicago, 1989. Disponível em: <http://www.ala.org/acrl/publications/whitepapers/presidential>. Acesso em: 15 nov. 2019.

AMERICAN ASSOCIATION OF SCHOOL LIBRARIANS / ASSOCIATIONS COMMUNICATIONS AND TECHNOLOGY. Information literacy standards for student learning. *In: Information power: building partnerships for learning*, Chicago: ALA, 1998. p. 8-9. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=hH57eSwK38UC&oi=fnd&pg=PP7&dq=AMERICAN+ASSOCIATION+OF+SCHOOL+LIBRARIANS++ASSOCIATIONS+COMMUNICATIONS+AND+TECHNOLOGY.+Information+power:&ots=bJTuxUahxs&sig=HqPfzD_SHUPQIeaWW-EqIT6_kK4#v=onepage&q=AMERICAN%20ASSOCIATION%20OF%20SCHOOL%20LIBRARIANS%20%2F%20ASSOCIATIONS%20COMMUNICATIONS%20AND%20TECHNOLOGY.%20Information%20power%3A&f=false. Acesso em: 15 dez. 2019.

ANDRADE, L. V. de; *et. al.* Os livros entre as cores e a conscientização de professores para o uso da biblioteca. **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 1, p. 69-88, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/berev/article/view/106587/105182>. Acesso em: 24 fev. 2019.

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2009.

ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. 3. ed. Brasília: Liber Livro, 2008. (Série Pesquisa).

ANZOLIN, H. H. Rede pergamum: história, evolução e perspectiva. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.14, n.2, 493-512, jul./dez., 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/bibli/Downloads/640-3036-1-PB.pdf>. Acesso em: 12 set. 2019.

BARBALHO, C. R. S. Relatório final do atelier: Fundação Social da biblioteca escolar no contexto da sociedade da informação. *In: FÓRUM INTERNACIONAL DE BIBLIOTECONOMIA ESCOLAR (FIBE)*, 18 out. 2011, São Paulo, 15 p. Disponível em: <http://labirintodosaber.com.br/wp-content/uploads/2018/11/coinfo-atelier-coord.-regina-belluzzo-ii-forum-internacional-de-biblioteca-escolar-outubro-2011.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2019.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.

BELLUZZO, R. C. B. O conhecimento, as redes e a competência em informação (CoInfo) na sociedade contemporânea: uma proposta de articulação conceitual. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 4, Número Especial, p. 48-

63, out. 2014. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc/article/view/21276/11749>. Acesso em: 15 set. 2019.

BELLUZZO, R. C. B. O estado da arte da competência em informação (CoInfo) no Brasil: das reflexões iniciais à apresentação e descrição de indicadores de análise.

Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, v. 13, n. especial, p. 47-76, jan./jul. 2017. Disponível em:

<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/648/570>. Acesso em: 22 nov. 2019.

BELLUZZO, R. C. B. O uso de mapas conceituais e mentais como tecnologia de apoio à gestão da informação e da comunicação: uma área interdisciplinar da competência em informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 2, n. 2, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/439>. Acesso em: 12 set. 2019.

BELLUZZO, R. C. B.; SANTOS, C. A. dos. ALMEIDA JUNIOR, O. F. A competência em informação e sua avaliação sob a ótica da avaliação da informação: reflexões e aproximações teóricas. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p.60-77, maio/ago. 2014. Disponível em:

http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19995/pdf_21. Acesso em: 30 jun. 2019.

BELLUZZO, R. C. Competência na era digital: desafios tangíveis para bibliotecários e educadores. **ETD: Educação Temática Digital**, Campinas, v. 6, n. 2, p. 30-50, jun. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/etd.v6i2.772>. Acesso em: 29 dez. 2019.

BEZERRA, M. A. O papel da biblioteca escolar: a importância do setor no contexto educacional. **CRB-8**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 4-10, out. 2008. Disponível em:

<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/64668>. Acesso em: 17 fev. 2019.

BONFIM, L. A. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312009000300013&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 15 jan. 2020.

BRANDÃO, W. C.; PEREIRAS, F. S.; SILVA, A. B. Redes em Ciência da Informação: evidências comportamentais dos pesquisadores e tendências evolutivas das redes de co-autoria. **Informação e Informação**, Londrina, v. 12, n. especial, p. 110-124, 2007. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/34507>. Acesso em: 12 dez. 2018.

BRASIL. Lei nº 12.144, de 24 de maio de 2010. Dispões sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. **Câmara dos Deputados**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm. Acesso em: 22 jan. 2019.

BRISOLA, A. C.; ROMEIRO, N. L. A competência crítica em informação como resistência: uma análise sobre o uso da informação na atualidade. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 68-88, set./dez. 2018. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1054/1054>. Acesso em: 06 jun. 2019.

BRITO, T. R. de; LUCCA, D. M. de. Trajetória e evolução da temática competência em informação no Brasil: contribuições da Revista RBBD. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 14, n. esp. 45 anos, 2018. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1098/1082>. Acesso em: 14 jul. 2019.

CAMILLO, E. da S.; CASTRO FILHO, C. M. de. Rede de bibliotecas escolares: uma proposta ao sistema educacional municipal de Ribeirão Preto (SP). **Biblionline**, João Pessoa, v. 2, n. 4, p. 117-131, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/31136/17588>. Acesso em: 29 jan. 2019.

CAMPELLO, B. A escolarização da competência informacional. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**: nova série. São Paulo, v. 2, n. 2, p. 63-77, dez. 2006. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/18/6>. Acesso em: 18 nov. 2019.

CAMPELLO, B. **Letramento informacional no Brasil**: práticas educativas de bibliotecas escolares de ensino básico. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECID-7UUPJY/tesebernadetesantoscampello.pdf?sequence=1>. Acesso em 02 ago. 2017.

CARTA de Marília sobre competência em informação e as populações vulneráveis e minorias. In: SEMINÁRIO COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: CENÁRIOS E TENDÊNCIAS, 3., 2014. Marília, SP. Anais... Marília, SP: UNESP, 2014. Disponível em: https://ofaj.com.br/textos_conteudo.php?cod=546. Acesso em: 28 jul. 2019.

CASTELLS, M. A sociedade em rede. In: CARDOSO, G. et al. **A sociedade em rede em Portugal**. Porto: Campo das Letras, 2005.

CAVALCANTE, L. E.; RASTELI, A. A competência em informação e o bibliotecário mediador da leitura em biblioteca pública. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 18, n. 36, p. 157-180, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2013v18n36p157/24518>. Acesso em: 16 jun. 2019.

CAVALCANTE, R. B.; CALIXTO, P.; PNHEIRO, M. M. K. Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. **Informação e Sociedade**, João Pessoa, v. 24, n. 1, p. 13-18, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/95652>. Acesso em: 14 jun. 2019.

COIMBRA, S. A. de O. **O Programa de Bibliotecas da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte**: caminhos para uma política de formação de leitores. Dissertação (Mestrado em Gestão e Avaliação da Educação Pública). Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016. Disponível em: <http://www.mestrado.caedufjf.net/wp-content/uploads/2016/11/STERLAYNI-APARECIDA-DUARTE-DE-OLIVEIRA.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2019.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLITOECONOMIA (Brasília). Resolução n 119, de 15 de julho de 2011. Dispõe sobre as parâmetros para bibliotecas escolares. Diário Oficial da União de 18 de jul. de 2011, p.193-194. Disponível em: http://www.cfb.org.br/wp-content/uploads/2016/05/8-Resolucao_119-2011.pdf. Acesso em 26: dez. 2019.

COSTA, A. de S.; *et. al.* O uso do método estudo de caso na Ciência da Informação no Brasil. **InCid**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, p. 49-69, jan./jun. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/bibli/Downloads/59101-Texto%20do%20artigo-75920-1-10-20130722.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2019.

DECLARAÇÃO de Maceió sobre competência em informação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 24., 2011. Maceió: FEBAB, 2011. Disponível em: http://febab.org.br/declaracao_maceio.pdf. Acesso em: 28 jul. 2019.

FELIX, A. F.; DUARTE, A. B. S. A biblioteca escolar como espaço diferenciado: a perspectiva da cultura escolar. **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v.3, n. 2, p.1-14, 2015. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/berev/article/view/106607/105201>. Acesso em: 04 mar. 2019.

FONSECA, A.; SPUDEIT, D. F. A. O. O trabalho cooperativo entre bibliotecários e professores para o desenvolvimento da competência em informação: criação de um programa voltado para os alunos do ensino médio. **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 1, p. 36-63, 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/berev/article/view/112482/116766>. Acesso em: 04 jun. 2019.

FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 28, p. 138-152, maio 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v14n28/04.pdf>. Acesso em: 13 maio 2019.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 48. ed. São Paulo: Cortez, 2006. (v. 13).

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2009.

GOMES, M. C.; DUMONT, L. M. M. A noção de competência em informação e a de sociologia da educação e do trabalho: embate epistemológico. **InCid: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 84-75, fev. 2015. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/89929/103960>. Acesso em: 24 jun. 2019.

GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológico. **Paideia**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 24, p. 149-161, 2003. Disponível em: <file:///C:/Users/bibli/OneDrive/Documentos/MESTRADO/estudocaso/gondim.pdf>. Acesso em: 04 maio 2018.

GONDIM, S. M. G. Perfil profissional e mercado de trabalho: relação com formação acadêmica pela perspectiva de estudantes universitários. **Estud. Psicologia**, Natal, v. 7, n. 2, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1413-294x2002000200011&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 03 jan. 2020.

HATSCHBACH, M. H. L.; OLINTO, G. Competência em informação: caminhos percorridos e novas trilhas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, Nova Série, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 20-34, jan./jul., 2018. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/64/78>. Acesso em: 10 jul. 2019.

HOLANDA, A. B. de; OLIVEIRA, M. C. G.; OLIVEIRA, S. R. de. Incentivo à cultura: experiências brasileiras de políticas públicas – interesses da área da Ciência da Informação. **Transinformação**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 47-53, jan./abr., 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tinf/v25n1/a05v25n1.pdf>. Acesso em: 30 set. 2018.

IFLA. INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS. **Diretrizes da IFLA para a biblioteca escolar**. Tradução da Rede de Bibliotecas Escolares de Portugal. IFLA, 2015. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/ifla-school-library-guidelines-pt.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2019.

KUHLTHAU, C. **Como usar a biblioteca na escola**: um programa de atividades para o ensino fundamental. 3. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2013.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**: Técnicas de pesquisa. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LIMAS, R. F.; CAMPELLO, B. S. Redes de bibliotecas escolares no Brasil: um estudo de caso em sistemas municipais de ensino. **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 2, p. 21-42, 2017. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/berev/article/download/113284/125584>. Acesso em: 21 ago. 2017.

MAGNANI, M. R. M. **Leitura, literatura e escola**: sobre a formação do gosto. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARTINS, G. A. **Estudo de caso**: uma estratégia de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2008.

MATA, M. L.; CASARIN, H. de C. S. Inserção de disciplinas sobre competência informacional nos cursos de Biblioteconomia do Brasil. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 23, n. 51, p. 1-16, jan./abr., 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2018v23n51p1>. Acesso em: 15 abr. 2020.

MATOS, D. S. de; OLIVEIRA, E. S. de; AGUIAR, F. L. de. A aplicação de conceitos e práticas de marketing: um estudo de caso do sistema de bibliotecas dos Centros Educacionais Unificados – C.E.U. **CRB-8 Digital**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 17-32, dez. 2012. Disponível em: <http://revista.crb8.org.br>. Acesso em: 14 jan. 2020.

MATTOS, A. L. de O.; PINHEIRO, M. O. O perfil das novas bibliotecas escolares-universitárias (bibliotecas mistas) nas instituições de ensino privado no estado de Santa Catarina. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina. Florianópolis, v. 11, n. 1, p.171-184, jan./jul., 2006. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/474/601>. Acesso em: 06 abr. 2019.

MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 2005.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Conselho Nacional da Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. [Brasília]: Conselho Nacional da Saúde, 2016. Disponível em:

http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html. Acesso em: 14 abr. 2020.

O MENINO que descobriu o vento. Produção de Chiwetel Ejiofor. Reino Unido: BBC Film, 2019. 1 vídeo (1h53). Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/80200047?trackId=13752289&tctx=0%2C0%2C7fd5db3df6cd437a071158c5c749816ef66b80ba%3A70ff4eee1ed5910060e842be608ff63e49e08c15%2C%2C>. Acesso em: 12 abr. 2019.

OTTONICAR, S. L. C.; CASTRO FILHO, C. M. de; SALA, F. A. Competência em informação aliada as tarefas do bibliotecário escolar. **Revista Digital Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 17, p. 1-23, 28 nov. 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8653232/pdf>. Acesso em: 13 jun. 2019.

PAULO. R. B. de; CASARIN, H. C. S.; MANIQUE, I. L. E. Competência em informação e biblioteca escolar no ensino fundamental. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XIX ENANCIB, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/102702>. Acesso em: 11 jul. 2019.

PORTFÓLIO. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2019. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/portfolio/>. Acesso em: 09 set.2019.

ROCA, G. D. **Biblioteca escolar hoje: recurso estratégico para a escola**. Porto Alegre: Penso, 2012.

SANTOS, V. C. B.; SANTO, C. A.; BELLUZZO, R. C. B. A competência em informação em articulação com a inteligência competitiva no apoio ao alinhamento estratégico das informações nas organizações. **Perspectiva em Gestão & Conhecimento**. v. 6, p. 45-60, jan. 2016. Disponível em: file:///C:/Users/bibli/Downloads/Santos_Santos_Belluzzo_2016_A-Competencia-em-Informacao-em_39830.pdf. Acesso em: 07 jun. 2019.

SANTOS, W. C. dos; ALCARÁ, A. R. Ações para a formação da competência em informação: relato de experiência. **Informação & Informação**, Londrina, v. 7, n. 2, p. 153-175, jul./dez. 2018. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/34664/24388>. Acesso em: 10 jul. 2019.

SÃO Bernardo do Campo. Secretaria de Educação. Seção de Biblioteca Escolar. REBI – Rede Escolar de Bibliotecas Interativas. **Gerenciando a biblioteca escolar interativa: guia e orientações**. São Bernardo do Campo: [S. n.], 2019. Disponível em: <https://educacao.saobernardo.sp.gov.br/images/bei/GUIA%20GERENCIAMENTO%20DA%20BEI%20-%20%20versao%202019.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2019.

SESI. Serviço Social da Indústria. **Educação: bibliotecas escolares**. São Paulo: [s. n.], 2019. Disponível em: <http://www.sesisp.org.br/educacao/educacao-no-sesi-sp/bibliotecas-escolares>. Acesso em: 31 ago. 2019.

SESI. Serviço Social da Indústria. **O que é o SESI**. Macapá: [s. n.], 2018c. Disponível em: <http://www.ap.sesi.org.br/voce/educacao/educacao-basica-2.html?view=article&id=6092:o-que-e-o-sesi&catid=8>. Acesso em: 31 ago. 2019.

SESI-SP. Serviço Social da Indústria São Paulo. **SESI - Catumbi**: sobre a unidade. Belenzinho: [s. n.], [20--]. Disponível em: <https://catumbi.sesisp.org.br/sobre-a-unidade>. Acesso em: 17 ago. 2018.

SESI-SP. Serviço Social da Indústria. **Educação**: bibliotecas escolares. São Paulo: [s. n.], 2018. Disponível em: <http://www.sesisp.org.br/educacao/educacao-no-sesi-sp/bibliotecas-escolares>. Acesso em: 12 maio 2018.

SESI-SP. Serviço Social da Indústria. **Recursos financeiros**. São Paulo: [s. n.], 2018b. Disponível em: <https://www.sesisp.org.br/institucional/recursos-financeiros>. Acesso em: 18 ago. 2019.

SILVA, R. A. **O trabalho em rede na gestão educacional de uma instituição confessional**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Brasília. Brasília, 2018. Disponível em: <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/bitstream/tede/2403/2/RenatoAugustodaSilvaDissertacao2018.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2019.

SILVA, R. C. *et al.* A competência em informação e o comportamento informacional dos usuários de bibliotecas híbridas: um estudo comparativo no Brasil e na Escócia. **Informação & Informação**, Londrina, v. 23, n. 1, p. 398-423, jan./abr. 2018. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/30906/23250>. Acesso em: 02 jul. 2019.

SIMEÃO, E. L. M. S.; *et. al.* Estruturação estratégica do campo científico da competência em informação no Brasil: integrando redes e instituições. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 12, n. 2, p. 440-459, 2019. Disponível em: Acesso em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85010009920&partnerID=40&md5=4364dc58045359481dc5f530e54c7f60>. 11 jul. 2019.

SISTEMA FIESP. Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. **SESI-SP**: Serviço Social da Indústria 1946-2006. São Paulo: SESI, 2006.

SPUDEIT, D. F. A. de O.; *et. al.* Criação, implantação e avaliação de um programa de competência em informação em alunos do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, p. 885-906, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/1360>. Acesso em: 04 jun. 2019

TOMAÉL, M. I.; ALCARÁ, A. R.; DI CHIARA, I. G. Das redes sociais à inovação. **Ciência da Informação**, Brasília, v.34, n.2. p. 93-104, maio/ago. 2005. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/55385>. Acesso em: 24 fev. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Escola de Ciência da Informação. Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar. **Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento**: parâmetros para biblioteca escolar – documento complementar 1: espaço físico. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação, 2016. Disponível em: <http://www.cfb.org.br/wp-content/uploads/2016/05/Cartilha-biblioteca-escolar.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2019.

VIANA, L. **Bibliotecas escolares**: políticas públicas para a criação de possibilidades. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade de São Paulo. São

Paulo, 2014. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151-18122014-094444/pt-br.php. Acesso em: 08 ago. 2017.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento de método. 2. ed. São Paulo: Bookman, 2001. Disponível em: https://saudeglobaldotorg1.files.wordpress.com/2014/02/yin-metodologia_da_pesquisa_estudo_de_caso_yin.pdf. Acesso em: 23 ago. 2018.

APÊNDICE A



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS CÂMPUS DE MARÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Acredito ter sido informado a respeito da pesquisa **“REDE DE BIBLIOTECAS ESCOLARES SESI-SP: COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO”** desenvolvido pela aluna Miriam Fernandes de Jesus da Unesp/Marília sob a orientação do Prof. Dr. Cláudio Marcondes de Castro Filho e concordo em participar deste estudo. Ressalta-se que o nome da Rede de Escolas SESI-SP será divulgado.

Campinas, _____ de _____ de _____.

Nome: _____

ASSINATURA

APÊNDICE B



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS CÂMPUS DE MARÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Roteiro Grupo Focal: Mediar, observar, gravar, anotar.

Objetivos

Analisar as atividades de suporte a aprendizagem desenvolvidas em parceria entre professor e bibliotecário que buscam aprofundar as Competências em Informação nos estudantes das Escolas SESI-SP.

- Verificar de que forma as atividades de apoio a aprendizagem são planejadas, desenvolvidas e avaliadas pelos bibliotecários;

Dinâmica inicial

A) Questões de Levantamento Prévio:

Solicitar que os participantes se apresentem: escola em que trabalham, experiências em BEs e tempo de atuação na rede.

B) Questões Específicas:

1. Quanto tempo em média demora pra elaborar uma atividade?
2. Que materiais costumam utilizar como suporte?
3. Tudo é desenvolvido como o planejado?
4. As atividades são avaliadas? De que forma?
5. As atividades são propostas mais de uma vez?

APÊNDICE C



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS CÂMPUS DE MARÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Acredito ter sido informado a respeito das informações sobre a pesquisa **“REDE DE BIBLIOTECAS ESCOLARES SESI-SP: COMPETÊNCIAS EM INFORMAÇÃO”** desenvolvido pela aluna Miriam Fernandes de Jesus da Unesp/Marília sob a orientação do Prof. Dr. Cláudio Marcondes de Castro Filho e concordo em participar deste estudo. Ressalta-se que o nome da Rede de Escolas SESI-SP será divulgado.

Agenda:

Dia ____/____/____

Local: _____

Nome: _____

ASSINATURA

APÊNDICE D

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS CÂMPUS DE MARÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Roteiro de Entrevista

A) Questões de Levantamento Prévio:

1. Comente por gentileza como foi o processo de implantação da Rede de Bibliotecas Escolares SESI-SP.
2. Quais os objetivos e metas iniciais?
3. Como se dá o processo de contratação de formação do bibliotecário?
4. Quando surgiu a necessidade dos portfólios? E como ele foi estruturado?

B) Questões Específicas:

5. Como são desenvolvida as atividades em parceria entre professores e bibliotecários?
6. Existe alguma atividade comum para todos os bibliotecários ou eles são livres para desenvolverem o que planejarem?
7. Essas atividades são avaliadas? Quem é o responsável por efetuar essa avaliação?
9. Em sua opinião, os objetivos e metas propostos pelos bibliotecários são atingidos?
10. Você considera que as Bibliotecas Escolares são indispensáveis para a prática educacional das Rede SESI-SP?
11. Qual a maior dificuldade enfrentada hoje pela Supervisão para manter as bibliotecas escolares funcionando?
12. Existem propostas de melhoria ou ampliação da Rede?